



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Fórum Empresarial Brasil-Ucrânia**

Kiev-Ucrânia, 02 de dezembro de 2009

Obs: Por problemas técnicos, não foi gravado o início deste discurso

...aquilo que já foi dito por empresários brasileiros e, certamente, pelo meu ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio. Se houver repetição, é mera coincidência.

Bem, primeiro, eu quero dizer, Presidente, da minha alegria (incompreensível) de poder estar cumprindo esta agenda hoje, quando, em setembro, nós nos encontramos em Nova Iorque e decidimos fortalecer a agenda Ucrânia-Brasil.

Eu acredito muito que o mundo está evoluindo. Na classe política, na classe empresarial, um comportamento mais ousado do que nós tivemos durante todo o século XX. E por que eu acredito que o mundo está a exigir (incompreensível)? Porque, com a globalização, e sobretudo agora, com a crise econômica, nós estamos percebendo que muita gente, que durante anos discursava em defesa do livre comércio, hoje já não quer (incompreensível) livre comércio.

Eu participei pessoalmente das negociações da Rodada de Doha na OMC até novembro do ano passado e, por várias vezes, eu imaginei que os defensores da teoria do livre comércio eram os que mais deveriam querer o acordo de Doha. E foram exatamente eles que não quiseram concluir o acordo de Doha.

Quando veio a crise econômica, a primeira coisa que alguns países ricos fizeram foi a tentativa de proteção do seu mercado interno, dificultando a entrada de produtos produzidos em outros países, negando o livre comércio e



colocando em prática um novo tipo de protecionismo.

Quando eu venho à Ucrânia, eu venho para dizer aos empresários da Ucrânia e aos empresários brasileiros que, embora tenhamos uma comunidade ucraniana no Brasil há 120 anos, embora já tenhamos relações diplomáticas há muito tempo, do ponto de vista das relações empresariais, das relações políticas e das relações comerciais, nós ainda somos virgens, nós ainda não nos conhecemos. Nós apenas estamos vendendo e comprando aquilo que precisamos e não aquilo que nós achamos que tenha de interessante em cada país.

Eu lembro do começo do meu governo no Brasil. Eu lembro que quando nós chegamos no governo, em 2003, o Brasil tinha uma preferência comercial com os Estados Unidos e uma preferência comercial com a União Europeia. Quase 60% do fluxo da balança comercial brasileira era dividido entre Estados Unidos e União Europeia. E nós, então, decidimos que era necessário diversificar os nossos parceiros comerciais, não apenas para aumentar a nossa balança comercial, mas para ficarmos menos dependentes de um único (incompreensível), e redescobrir a América do Sul e América Latina.

Depois descobrimos a África, porque o Brasil não levava em conta o continente africano para fazer negócios. O Brasil levava em conta o continente africano apenas para discutir os indicadores sociais (incompreensível). Quando queríamos falar de miséria, era a África. Quando se tratava de falar de possibilidades econômicas, possibilidades de negócios, nós nem olhávamos para o continente africano e passávamos direto. Aliás, nós nem olhávamos para o Oriente Médio. A última autoridade brasileira que tinha visitado o Líbano foi um imperador brasileiro em 1846. E nós tínhamos uma relação incipiente com o mundo asiático e, dentro dele, a China.

Ora, o que aconteceu nesses sete anos? O que aconteceu nesses sete anos é que nós elevamos mais de dez vezes as nossas relações com a África, as nossas relações com o Oriente Médio, as nossas relações com o mundo



asiático, as nossas relações com a América do Sul e as nossas relações com a América Latina. Nós saímos de uma balança comercial de US\$ (incompreensível) para uma balança comercial de US\$ (incompreensível).

E é pouco, é muito pouco se nós olharmos a potencialidade de comercialização que existe entre vários países e falarmos de um país como a Ucrânia, que tem um conhecimento científico, tecnológico, que pode trocar esse conhecimento e esses avanços tecnológicos com o conhecimento e o avanço tecnológico do Brasil. Mas nós nos conhecemos muito pouco e por isso nosso comércio (incompreensível). Poderiam ser três, poderiam ser dois, poderiam ser quatro. Como é que nós vamos vender e comprar, se nós não nos conhecemos? Então, a reunião de hoje, eu penso que é um desafio à imaginação criativa que todo investidor e empresário tem que ter. Se não for criativo e não tiver sorte, o empresário está (incompreensível). Então, é preciso ser muito criativo e ter muita sorte, e procurar as oportunidades e não perdê-las.

Eu acho que a Ucrânia é uma oportunidade para o Brasil e o Brasil é uma oportunidade para a Ucrânia. E quando eu falo em Ucrânia, não falo apenas do território de aproximadamente 700 mil quilômetros. Eu falo da área de influência da Ucrânia em grande parte do mundo. E quando eu falo do Brasil, também não falo apenas do território brasileiro. Eu falo da área de influência do Brasil em toda a América do Sul e em toda a América Latina. E é esse potencial de um país de 190 milhões e de um país de 50 milhões de habitantes, com alto teor de conhecimento, com uma avançada tecnologia, que podem fazer com que as oportunidades até agora inexistentes possam começar a existir.

Por isso, eu e o Presidente decidimos que a partir do ano que vêm vários ministros da Ucrânia, junto com delegações empresariais na área de (incompreensível) devem visitar o Brasil, e vários ministros brasileiros precisam visitar a Ucrânia também (incompreensível), porque as oportunidades são



excepcionais. Se quisermos (incompreensível), este país é exportador e o Brasil é exportador. Este país é (incompreensível) e o Brasil é produtor de (incompreensível). Este país tem uma capacidade produtiva excepcional e o Brasil tem uma capacidade (incompreensível). No que quê nós poderemos estabelecer complementaridades?

Todos nós sabemos que não há hipótese de o mundo voltar a reduzir a produção de alimentos. A cada dia tem um chinês que come mais um prato, a cada dia tem um africano comendo mais um prato, a cada dia tem um indiano comendo mais um prato e a cada dia tem um latino-americano comendo mais um prato, mais alimentos nós vamos ter que produzir. Olhem o mapa-múndi, olhem as terras agricultáveis dos países do mundo, e vejam quantos países têm terra para plantar os alimentos que a Humanidade vai precisar.

Nós precisamos discutir isso entre os dois países, para que a gente possa nos ajudar. O Brasil é importador de fertilizantes. O Brasil não produz nenhum fertilizante (incompreensível). Nós importamos 99%. Aqui na Ucrânia vocês produzem. Ora, por que não construir uma *joint venture* entre empresas ucranianas e brasileiras e não construir a fábrica de fertilizantes que precisa o Brasil (incompreensível)? (incompreensível), o mundo, se quiser mudar a matriz energética e deixar de utilizar combustíveis fósseis, vai ter que fazer parceria com o Brasil, que produz biocombustível bem mais eficaz do ponto de vista da quantidade de produção, da qualidade e (incompreensível) preço. Por que não estabelecermos parceria?

A Europa, Presidente, aprovou que até 2020 vai colocar 10% de etanol na gasolina. Em algum momento, a Europa vai ter que discutir onde vai produzir esse etanol, ou vai comprar o etanol do alimento, do milho, ou nós vamos estabelecer uma parceria para que a gente possa produzir e vender para os países que vão precisar de etanol.

O Brasil não vai parar de crescer. Os investimentos públicos não pararão de acontecer no Brasil e nós vamos construir muitas ferrovias, muitas estradas.



Nós vamos construir muitas, muitas, muitas empresas para produzir energia elétrica. Vamos construir muitas hidrelétricas. Ora, vocês têm tecnologia, vocês produzem (incompreensível). Por que não produzi-lo (incompreensível)? Vocês têm uma grande indústria naval. O Brasil está recuperando a sua indústria naval. É preciso, então, que nós juntemos os empresários brasileiros e os empresários ucranianos e vamos ver o que nós poderemos fazer juntos.

E poderia pegar dezenas de coisas que estão acontecendo no nosso país para dizer para vocês que nós trabalhamos com a convicção de que, dentro de alguns anos, o Brasil deverá ser a quinta economia do mundo. Temos disposição, temos investimento e temos todas as condições de fazer com que o País utilize, no século XXI, as oportunidades que nós jogamos fora no século... Nós já aprendemos que a economia pode crescer sem inflação; nós já aprendemos que é preciso ter um crescimento da balança comercial sem asfixiar o mercado interno; nós aprendemos que é possível você distribuir renda para a economia crescer; nós aprendemos que não é incompatível o rico ganhar dinheiro e os pobres melhorarem de vida, porque quanto mais dinheiro tiverem os pobres, mais os ricos vão ganhar dinheiro. Isso não era assim no Brasil. No Brasil, se inventou a ideia de que primeiro era preciso crescer. Quando crescesse muito, aí ia distribuir. E nunca distribuía.

Para que eu não fique contando vantagens do Brasil, e quando eu virar as costas vocês dizerem “Ah, mas (incompreensível) falar bem do Brasil. O Presidente do Brasil, vai falar mal do Brasil”. Eu queria que vocês fossem, que fossem conhecer cada ramo de atividade econômica do Brasil, que fossem visitar a nossa política de biocombustíveis, que fossem visitar a nossa produção de etanol, a nossa produção de biodiesel, que fossem conhecer a nossa indústria automobilística, a nossa indústria naval, a nossa empresa de avião. Por que é que não podemos construir parcerias na indústria (incompreensível)? Vocês têm tecnologia, nós temos tecnologia. Agora, isso só é possível quando a gente se conhece, e se conhece bem.



Por isso, eu vou fazer questão de pedir para que mais empresários brasileiros venham à Ucrânia e quero que mais empresários ucranianos visitem o Brasil. E (incompreensível) e descobrir as oportunidades. Não é que o Brasil só queira vender para a Ucrânia e nem a Ucrânia só queira vender para o Brasil. Também queremos vender mas, sobretudo, queremos criar condições de investimento para que os dois países possam ficar mais fortes economicamente, mais ricos e possam distribuir renda.

Eu acho muito importante que o Brasil procure países mais ou menos iguais ao Brasil. Todo mundo que me conhece sabe que eu tenho uma tese de que política e comércio exterior são que nem camelô. Eu não sei se aqui na Ucrânia vocês chamam de camelô aquele cidadão que sai com uma sacola vendendo coisas nas ruas. No Brasil (incompreensível). Porque nós somos iguais, nós temos similaridades, nós precisamos melhorar a vida do nosso povo. Então, nós temos que procurar quais são as oportunidades (incompreensível). Essa crise econômica pode assustar algumas pessoas, mas ela é uma oportunidade extraordinária para a gente sair mais fortalecido.

No caso do Brasil, a crise chegou por último e ela terminou primeiro, e o Brasil sairá mais forte dessa crise. O mundo desenvolvido precisa aprender a cuidar do sistema financeiro. Ninguém pode emprestar o que não tem e ninguém pode ganhar dinheiro trocando papéis. Ganha-se dinheiro vendendo um grão de trigo, vendendo um sapato, vendendo uma caneta, vendendo um lápis, vendendo uma meia. Não se pode ganhar dinheiro vendendo coisas que não existem, apenas especulando para o futuro, como foi o caso das *commodities* em maio e junho do ano passado, quando o preço do petróleo chegou a US\$ 150 o barril, e começou a faltar soja. No meu país começou a faltar feijão. Ninguém exporta feijão. Lá mesmo nós produzimos e lá mesmo nós comemos. Mas em dezembro o preço do feijão saiu de R\$ 60 para quase R\$ 200 a saca porque, com medo do *subprime*, alguns malandros da economia resolveram especular com alimento no mercado futuro.



Bom, aí quando aconteceu a quebradeira (incompreensível) nós percebemos que o dinheiro que o mundo poderia ter investido nos setores produtivos, eles investiram para salvar os bancos. E alguns bancos que quebraram, estão outra vez pagando bônus, certamente para os mesmos (incompreensível).

Portanto, o FMI e o Banco Mundial terão que mudar o comportamento e, para isso, o G-20 está decidindo que é preciso ter regulação do sistema financeiro. Nenhum banco poderá alavancar mais do que ele tem condições de alavancar. É preciso comprometer a capacidade de alavancagem dele com o patrimônio líquido dele.

No Brasil, eu costumo dizer que em economia não existe mágica. Em economia existe seriedade. E não precisa ser nenhum grande economista, formado na Sorbonne ou formado em Harvard, para (incompreensível). É só você utilizar a experiência do povo comum. O povo comum, como ele só tem como patrimônio o nome dele, ele toma muito cuidado para não (incompreensível). Então, normalmente, a parte mais pobre da Humanidade só compra aquilo que pode comprar, porque ela quer pagar. Se todos os países fossem governados com essa seriedade e cada um fizesse apenas aquilo que está ao alcance do potencial econômico do país, (incompreensível) endividar dentro (incompreensível) que o país pode pagar, nós não teríamos crise econômica como tivemos nos anos 90 e como tivemos no (incompreensível).

Então, eu queria dizer a todos vocês que não faltam oportunidades de negócios no Brasil, e pelo que eu tenho ouvido aqui, não faltam oportunidades de negócios na Ucrânia. E não digam que é longe, que não venha um brasileiro me dizer que a Ucrânia é longe, que não venha um ucraniano me dizer que é o Brasil é longe, porque os portugueses saíam de barco, davam a volta no Atlântico, passavam lá no Cabo da Boa Esperança para chegar até a (incompreensível) da Índia, para comprar pimenta-do-reino. E viajavam seis meses, oito meses, dez meses e, na maioria das vezes, morriam, não



voltavam. Agora vocês podem pegar um avião, confortavelmente, com um pouquinho de (incompreensível) e em 14 horas terão oportunidade, os brasileiros de (incompreensível), e vocês, de verem o Rio de Janeiro. Em 14 horas. É uma coisa...

Agora, se a Ucrânia ficar esperando que a Europa (incompreensível) com tudo o que vocês produzem, ou ficar esperando que os Estados Unidos (incompreensível) com tudo o que vocês produzem, e o Brasil ficar esperando que a Europa compre tudo o que nós produzimos e que os americanos vão comprar, podemos perder a esperança. Nós temos que procurar novos parceiros.

O que eu estou pedindo a vocês é que não tenham medo de conversar, não tenham medo de fazer negócios, não tenham medo de fazer associação com empresas brasileiras e ucranianas. Vocês vão perceber que a possibilidade de fazerem uma parceria entre iguais é muito mais eficaz e muito mais produtivo do que ser engolido por multinacionais, que não estão preocupadas com (incompreensível) ou que não estão preocupadas com emprego e renda. O que eu estou propondo a vocês é que, a partir de agora, a gente pode fazer em um ano ou nos próximos três anos aquilo que a gente não fez nos últimos 20 anos. É um desafio, é um desafio, mas todos nós aqui sabemos que o ser humano não vive sem um desafio. Se um ser humano não tiver desafios, ele logo vai entrar em depressão, e ele vai gastar o que ele deveria ganhar, pagando analista e cuidando... Então, para que não tenha depressão, vamos viajar e vamos fazer negócios. Eu vou empurrar os brasileiros para cá, e vocês empurrem os ucranianos para lá, e daqui a pouco a gente vai perceber que aquilo que parecia impossível está acontecendo entre duas nações importantes, como Ucrânia e Brasil.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com a primeira-ministra da Ucrânia, Yulia Tymoshenko

Kiev-Ucrânia, 02 de dezembro de 2009

Senhora primeira-ministra Yulia Tymoshenko,
Companheiros ministros da Ucrânia,
Companheiros ministros brasileiros,

Eu saio da Ucrânia, Primeira-Ministra, com a sensação de que estamos descobrindo uma parte do mundo que nós conhecíamos muito pouco. Os ucranianos descobriram o Brasil há muito tempo. Ou seja, há 120 anos que chegaram os primeiros imigrantes ucranianos para morar no Brasil e hoje perfazem uma comunidade de 450 mil descendentes de ucranianos que lá moram, e lá ajudam os brasileiros a construir o Brasil.

Mas, do ponto de vista econômico e do ponto de vista político, nós estivemos muito distantes. Parte das razões nós sabemos, mas agora não há nada que possa atrapalhar o crescimento das relações entre Brasil e Ucrânia. Nós temos muitas, mas muitas similaridades. Muitas coisas são bastante comuns entre Ucrânia e Brasil na perspectiva de desenvolvimento, na perspectiva da criação de parcerias entre empresários brasileiros e empresários ucranianos, e na perspectiva da melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro e do povo ucraniano.

Um país com o alto grau de conhecimento científico e tecnológico que tem a Ucrânia, com 50 milhões de habitantes, e um país emergente com 200 milhões de habitantes, como o Brasil, não podem ter apenas um bilhão de fluxo na balança comercial. É muito pouco. Eu tenho a convicção de que a Ucrânia produz muitas coisas que interessam ao Brasil, tenho a convicção de que o Brasil produz muitas coisas que interessam à Ucrânia, e o que está



necessitando, nesse momento, é que os ucranianos conheçam mais o Brasil e o Brasil conheça mais a Ucrânia, para que esse desejo possa se transformar numa realidade econômica, política e social.

O Brasil, Primeira-Ministra, já resolveu os problemas que tínhamos, internos, com relação ao Cyclone. Esse projeto está praticamente com quase todos os problemas internos brasileiros resolvidos. Tem um problema agora da Ucrânia, que é um problema de financiamento para concluir os 25% que faltam do projeto, e eu e o meu ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio assumimos o compromisso de trabalhar com o nosso Banco de Desenvolvimento para ver a solução, porque nós não temos o direito de deixar uma obra que tem 75% pronta, ficar paralisada por causa de 25%. O Brasil tem interesse, a Ucrânia tem interesse, é necessário para o desenvolvimento científico dos dois países e, portanto, nós vamos tratar de concluir. E eu quero ver se nós inauguramos ainda em 2010, antes de eu terminar o meu último ano de governo.

Também, a conversa com o presidente Viktor e a assinatura dos acordos foram um passo extremamente importante. Acho que tudo começa com uma visita e tudo começa com os primeiros protocolos assinados. Agora é preciso que a gente dê sequência às visitas dos ministros da Ucrânia ao Brasil, às visitas dos ministros do Brasil à Ucrânia, de preferência a partir do ano que vem, acompanhados de setores empresariais específicos em cada área, para que nós comecemos a transformar em realidade os desejos que foram colocados no protocolo.

Por último, Primeira-Ministra, na questão energética. Essa é uma área que nós sabemos a competência tecnológica da construção de turbinas pela Ucrânia, e sabemos a competência da engenharia brasileira em construir hidrelétricas. O Brasil tem 85% da sua energia elétrica renovável, portanto, é uma das fontes mais limpas do mundo, e na matriz geral nós temos 47% de energia limpa. E ainda temos... Talvez sejamos o único país do mundo a ter o



carro *flex-fuel*. Hoje, praticamente 99% dos carros brasileiros produzidos são carros *flex-fuel*, ou seja, eles podem utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50% de álcool, 50% de gasolina. Pode-se fazer qualquer mistura, que o motor funciona e não tem nenhum problema. E também estamos produzindo muito biodiesel no Brasil para misturar no óleo diesel. Hoje nós já utilizamos uma mistura de 5% de biodiesel no óleo diesel.

E temos interesse em construir muitas hidrelétricas. Nós estamos levando para Copenhague uma decisão do governo brasileiro, que é uma decisão voluntária que foi transformada em lei, que o Brasil, até 2020, assumiu o compromisso de uma redução de emissão de gases de efeito estufa de 36,1[%] a 39,8[%]. E foi muito importante que o Brasil tenha tomado a decisão, porque aí os outros países começaram a tomar decisão. A China tomou uma decisão, os Estados Unidos também tiveram que anunciar um número, mesmo que pequeno, mas anunciaram um número. Nós estaremos em Copenhague junto com muitos países do mundo e, sobretudo, muitos países europeus, que nós queremos ver se é possível concluir um acordo e apresentar para a sociedade uma meta objetiva para diminuir a emissão de gases de efeito estufa. E, por isso, a predominância da construção de energia elétrica via hidrelétrica. E, sobretudo, se você não precisar fazer mais grandes lagos, você fizer hidrelétricas, que nós chamamos de fio d'água, que a água passa normalmente, nós vamos ter uma quantidade de hidrelétricas importante a ser construídas no Brasil, e certamente seria muito interessante que os empresários do setor energético pudessem conversar, para que a gente construísse essa parceria, sabe? Produzir uma parte daqui, produzir uma parte no Brasil, e atender aos interesses dos dois países.

Bem, também temos interesse na questão da indústria de defesa. Amanhã o meu Ministro da Defesa e o nosso Comandante da Aeronáutica, o brigadeiro Saito, vão fazer uma visita a algumas empresas da Ucrânia, e depois eu gostaria que a Primeira-Ministra pudesse recebê-los, para que



tivessem uma conversa antes deles regressarem ao Brasil, e ver em que a gente pode dar seguimento.

O Brasil tem um plano estratégico de renovação e mudanças nas Forças Armadas Brasileiras que vai até 2020 e, portanto, é um tempo longo que nós precisamos trabalhar, construindo tijolo por tijolo.

Mas também temos interesse na indústria naval. O Brasil já teve, a década de 70, a segunda indústria naval do mundo. Perdíamos apenas para o Japão. No ano 2000, essa indústria estava desmontada, e nós, agora, começamos a recuperá-la. E agora, que nós descobrimos petróleo em águas profundas, nós vamos precisar ter uma forte indústria naval e uma forte indústria petrolífera, com a construção de muitas plataformas, muitas sondas, muitos navios petroleiros, muitos navios de apoio. E aí, também, nós poderemos construir uma parceria entre empresas da Ucrânia e empresas brasileiras.

De forma, Primeira-Ministra, que eu saio daqui com a convicção de que deveria ter vindo antes à Ucrânia. Eu passei uma vez aqui, quando eu ia para a China, mas só visitei aqui a igreja e tive que embarcar para a China. Mas eu penso que eu deveria ter vindo antes, porque o leque de oportunidades de fazer negócios é muito grande.

Eu quero que – eu já disse isso ao Presidente, disse aos ministros que estão aqui, disse na Federação do Comércio, e vou dizer à Primeira-Ministra – que eu serei um grande incentivador para que empresários brasileiros visitem a Ucrânia.

O nosso governador Alcides, que é de um estado muito importante lá no Brasil, grande produtor de grãos, ele estará vindo aqui em fevereiro com uma delegação de empresários brasileiros, para ver se é possível construir negócios aqui.

Bem, eu posso lhe dizer que vou trabalhar pensando nas parcerias que Ucrânia e Brasil podem construir. Há um leque extraordinário, sobretudo no



setor agrícola, com a transferência de tecnologia, a construção de fábrica de fertilizante, juntos, ou seja, há uma enormidade de coisas que nós poderemos fazer juntos.

Eu acho que neste mundo globalizado, eu disse aos empresários, Primeira-Ministra, que neste mundo globalizado nós precisamos diversificar o máximo possível a nossa relação comercial. Não podemos ficar dependendo de um único país porque, quando acontece uma crise dessas, quem está dependente sofre mais. Então, é melhor ter cinquenta parceiros do que ter um só. Um parceiro só é que nem avião de um motor só, ou seja, não dá total segurança.

Então, eu penso que... Quando eu casei, eu queria ter muitos filhos, porque um filho só era muito perigoso, então eu fui logo ter cinco filhos. Então, a Ucrânia precisa procurar cinquenta parceiros, cem parceiros, duzentos parceiros, porque nós temos a África toda, nós temos o Oriente Médio todo, nós temos a América Latina toda. Ou seja, nós não podemos ficar esperando apenas os grandes.

E, também, eu sei que a Ucrânia está junto com o Brasil na luta... nas instituições multilaterais, na OMC, na renovação da ONU, e vamos continuar trabalhando juntos.

Para mim, foi muito gratificante essa visita, muito corrida. Mas eu espero agora receber o governo da Ucrânia no Brasil. Eu sei que tem eleições em janeiro, sei que não se faz visita no mês de Natal. Mas, depois das eleições, eu espero que os ministros e o governo estejam visitando o Brasil e, sobretudo, os empresários ucranianos.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após encontro privado com a chanceler da Alemanha, Angela Merkel

Berlim-Alemanha, 03 de dezembro de 2009

Obs: Por problemas técnicos, não foi gravado o início do discurso

...investimentos importantes anunciados (incompreensível), e também mostrar ao povo alemão, aos empresários, ao presidente Köhler, à primeira-ministra Angela Merkel, aos empresários amanhã, em Hamburgo, quais são as oportunidades de novos investimentos e novas parcerias que temos que fazer no Brasil.

E também dizer à Primeira-Ministra que estamos trabalhando. Tive uma reunião com o Primeiro-Ministro da França e com a Presidente da Argentina, que vai assumir a Presidência do Mercosul, e a Espanha, que vai assumir a Presidência da União Europeia, para que o acordo União Europeia-Mercosul se realize na governança da Espanha e da Argentina, no próximo ano, o que seria um feito extraordinário para todos nós.

Por último, dizer que essa crise econômica que surgiu no ano passado, primeiro por conta do *subprime* e depois por conta da irresponsabilidade do sistema financeiro, ela criou uma nova dinâmica no mundo e está exigindo dos líderes um papel de muito mais ousadia, de muito mais competência, porque todos nós já adquirimos a maturidade para entender que o mercado ajuda a resolver determinados problemas, mas que as decisões políticas e o Estado podem resolver os problemas que o mercado, normalmente, não resolve. E o dado concreto é que nós, embora estejamos saindo de uma crise, e temos consciência de que o pior já passou, também temos concordância de que a hora é de muita responsabilidade, muita maturidade, para que a gente não permita que essa crise volte e gere o desemprego e o desconforto que



normalmente gera nos trabalhadores da Alemanha, nos trabalhadores do Brasil.

De forma que eu estou muito satisfeito de estar fazendo esta visita à Alemanha. Na verdade, é a segunda visita que eu faço. Eu vim aqui em 2003, quando o nosso amigo Schröder era o primeiro-ministro, eu vim aqui logo no começo do primeiro mandato. E volto... a Primeira-Ministra sabe a minha relação histórica com a Alemanha, por conta do movimento sindical. Aqui eu construí grandes amigos, grandes parceiros, muita solidariedade para mim, nos anos 80, do sindicalismo alemão. Então, quando estou na Alemanha eu me sinto em casa, embora só entenda a palavra *Alfidezen*, ainda assim eu me sinto em casa quando estou na Alemanha e, mais uma vez, obrigado pelo carinho com que eu fui tratado aqui.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Seminário Empresarial Brasil-Alemanha**

Hamburgo-Alemanha, 04 de dezembro de 2009

Eu quero dizer para vocês da alegria de estar aqui em Hamburgo, cumprimentado o senhor Axel Gedaschko, ministro da Economia,

Os meus ministros brasileiros que estão aqui: ministra Dilma, ministro Guido, ministro Miguel Jorge, ministro... Quem mais está aí? O Ministro dos Portos.

Cumprimentar os empresários brasileiros,

Os empresários alemães,

E o tradutor vai ter um problema, porque o meu discurso por escrito foi superado pela apresentação do Guido, certamente pela apresentação do Miguel Jorge, e certamente – o Pedro Brito não falou – mas, certamente, superado pela apresentação da Dilma. Vou pedir para a minha assessoria ler os discursos deles antes de eu ser chamado à mesa para que eu não repita aqui.

Mas, de qualquer forma, não poderia haver local mais apropriado para este seminário de Hamburgo. Aqui, firmou-se o primeiro acordo de cooperação econômica com o recém independente império do Brasil, em 1827. Ao reunir representantes dos setores públicos e privados dos dois países, este encontro ajuda a identificar áreas prioritárias de interesse comum. Reforça uma parceria histórica entre Brasil e Alemanha.

Ainda no século XX, no Sul do Brasil, imigrantes alemães construíram o que hoje é um importante polo industrial. Seu nome: Novo Hamburgo, lá no Rio Grande do Sul.



A cooperação com a Alemanha proporcionou ao Brasil um salto em nossa industrialização, nos anos 50 e nos anos 60. As indústrias automobilísticas e de bens de consumo foram as locomotivas do desenvolvimento brasileiro na segunda metade do século XX.

É chegada a hora de um novo salto, de um novo impulso. Queremos, uma vez mais, contar com o nosso parceiro alemão. Temos – como mostrou a Dilma, e mostrou o Guido e o Miguel Jorge – cenários repletos de oportunidades para investidores. Não vou falar da Copa do Mundo, não vou falar das Olimpíadas, e não vou falar do PAC ou do pré-sal, porque aqui já foram por demais divulgados. Mas vou falar de uma coisa que os alemães precisam, têm contribuído conosco, também têm tecnologia, que é o uso dos biocombustíveis.

O mundo desenvolvido está comprometido, e a União Europeia está comprometida, até 2020, utilizar 10% de etanol no combustível fóssil. Se isso for verdade, é preciso que a gente comece a discutir desde já que tipo de parceria nós vamos construir. Não apenas para atender às necessidades de um país como a Alemanha, mas para atendermos às necessidades da maioria dos países desenvolvidos. Eu acredito que os alemães têm clareza de que não é possível continuar produzindo etanol do milho. Também os alemães têm clareza que não é possível produzir mais etanol de beterraba.

E, aí, nós vamos chegar à conclusão de que a cana-de-açúcar produzida no Brasil, ou produzida em qualquer país africano, que precisa de investimentos para se desenvolver, pode ser a nova matriz energética que nós estejamos precisando criar para as próximas décadas. É apenas uma questão de tempo e uma questão de maturação na nossa cabeça.

O Brasil tem tecnologia e tem vantagens competitivas, e os companheiros alemães sabem disso. Sabem das oportunidades, sabem do quanto é lucrativo a construção disso, e sabem porque a indústria automobilística alemã, no Brasil, produz o automóvel mais limpo do mundo,



que são os carros flex-fuel, que hoje atendem a demanda interna do mercado brasileiro, produzindo praticamente 90% dos carros que podem misturar 100% de etanol, que podem utilizar 100% de gasolina, que podem misturar a proporção que quiser, que o motor funciona e a tecnologia é alemã. Afinal de contas, as indústrias automobilísticas alemãs e outras indústrias de componentes de automóveis têm muita responsabilidade por isso. É apenas uma questão de tempo. E eu sei que não é fácil a gente mudar os hábitos e os costumes.

Mas nós estamos indo para Copenhague, dia 16, 17 e 18 de dezembro. Todos nós estamos preocupados com o aquecimento global, todos nós estamos preocupados com a mudança que climática, e todos nós estamos vendo o debate que está acontecendo no mundo inteiro, o que fazer para que a gente diminua o aquecimento global ou, pelo menos, não permita que ele aumente do jeito que está aumentando.

Vocês estão acompanhando o debate. O debate está muito mais comprometendo os países ricos do que os países em desenvolvimento. Os países ricos têm duas tarefas importantes que têm que cumprir: uma primeira delas é o pagamento da dívida histórica, porque emitem gases de efeito estufa há muito mais tempo por causa do processo de industrialização. E diminuí-los significa ou diminuir o padrão de consumo ou aumentar os investimentos em tecnologia e, ao mesmo tempo, investir dinheiro para que os países que ainda têm florestas as mantenham de pé, para que possam sequestrar o carbono que o mundo precisa.

Esse debate é inexorável. Ele vai acontecer e as pessoas podem ser mais rápidas ou menos rápidas. Mas o dado concreto é que nós precisamos fazer esse debate e ele não pode passar de Copenhague. O Brasil tomou uma atitude que muita gente imaginava que o Brasil não teria coragem de tomar: nós somos o primeiro país a mostrar ao mundo que, até 2020, nós nos comprometemos com a redução da emissão de gases de efeito estufa de 36.1



a 38.9. Ao mesmo tempo, isso será cumprido com o compromisso nosso de, até 2020, reduzir o desmatamento na Amazônia em 80%, trabalhar a agricultura de forma diferente, sem fazer tanto manejo da terra, utilizando o plantio direto, mudar a nossa matriz energética para o setor siderúrgico, em vez de carvão mineral, carvão vegetal, utilizar o potencial hídrico que o Brasil tem, para construir hidroelétricas e produzir energia elétrica, já que nós somos um país que tem uma matriz de energia, no setor elétrico, 85% totalmente renovável, e a matriz geral, 47% totalmente mais limpa que os outros países.

E tudo isso nós poderemos construir junto com um país como a Alemanha, que tem discutido muito, que tem mostrado interesse e que, dentre os países desenvolvidos, é o país que melhor tem tomado iniciativas para que a gente possa apresentar ao mundo uma proposta muito objetiva.

Não é essa a visão dos Estados Unidos, não é essa a visão da China. E quando o Brasil tomou a atitude, é porque nós queremos chegar em Copenhague desafiando os outros países a cumprirem pelo menos aquilo que o Brasil está se propondo a cumprir.

Embora o Brasil não faça parte dos países do Anexo I, a nossa proposta é uma proposta voluntária. Nós tomamos a atitude de transformar em lei a nossa proposta voluntária, que foi aprovada na Câmara e foi aprovada no Senado. E, portanto, quem quer que seja o governo brasileiro, nos próximos anos, ele terá obrigação de lei de cumprir as metas que o Brasil assumiu publicamente.

Em segundo lugar, nós temos que ter clareza da importância que tem a Alemanha para o Brasil e da importância que tem o Brasil para a Alemanha. A verdade é que nós temos um fluxo de intercâmbio comercial ainda aquém do tamanho dos dois países, do potencial dos dois países e da riqueza dos dois países. No ano passado, chegamos praticamente a US\$ 21 bilhões, e, neste ano, caiu para 13 bilhões, em função da crise econômica. Isso demonstra que nós ainda não exploramos corretamente todo o potencial de trocas comerciais



entre Brasil e Alemanha. E eu acho que está na hora de nós começarmos a pensar não apenas no potencial do Brasil, mas o que significa o Brasil no Mercosul, e portanto vamos tratar de fazer o acordo União Europeia e Mercosul, possivelmente no ano que vem, quando a Argentina será presidente do Mercosul e a Espanha será presidente da União Europeia, para ver se a gente consolida o vencimento da crise econômica aumentando as oportunidades de comércio entre o Brasil e a Alemanha, entre Brasil-Alemanha e o restante do mundo.

Uma outra coisa extremamente importante que eu queria dizer para vocês é que nós precisamos levar para o Brasil aquilo que é a excelência da competência científica e tecnológica da Alemanha, sobretudo quando se discute inovação. Talvez o presidente da Confederação Nacional da Indústria, o Armando Monteiro, tenha falado da inovação. A inovação é uma palavra bonita, ainda pouco utilizada no Brasil, e que nós queremos transformar a inovação em uma palavra tão necessária e tão conhecida como é o futebol e o samba. Ou seja, que todo mundo perceba que somente através de um amplo processo de inovação é que nós vamos poder colocar os nossos produtos nos mercados e, também, a gente pode melhorar a qualificação dos produtos que nós fabricamos no Brasil. E, sobretudo, termos o conhecimento que a pequena e micro empresa alemã adquiriu, nesses últimos anos.

Portanto, nós temos que trabalhar com muita força, para que a gente possa promover uma maior participação desses pequenos empreendedores na sofisticação das coisas que nós produzimos no Brasil, e isso pode ser feito em parceria com a excelência do pequeno e médio empreendedor alemão.

Uma coisa importante que eu queria dizer para vocês, que eu não ouvi falar, na exposição do ministro Guido Mantega, e também não era obrigação dele falar, é que nós precisamos conhecer as razões pelas quais o Brasil está em uma situação confortável. Muita gente acha que é pura sorte do governo. Outros acham que Deus está de férias no Brasil e, portanto, as coisas estão



dando certo no nosso país. Outros acham que o Brasil está bem porque a economia mundial estava bem. Mas, agora, o Brasil está bem e a economia mundial está mal.

Então, é preciso que a gente olhe os números da macroeconomia, tão bem colocados pelo companheiro Guido Mantega, pelo Miguel Jorge, que a gente olhe para as oportunidades mostradas pela companheira Dilma Roussef, mas é importante que a gente saiba que tem outros fatores, não tão estudados pelos economistas, não tão estudados pelos empresários, que é a razão de parte do sucesso do Brasil.

Alguns me criticaram muito, quando eu disse que a crise no Brasil era uma marola – para o meu intérprete entender, marola é uma onda pequena. Ora, porque nós discutíamos a crise em dois momentos. Primeiro, nós discutíamos a crise do *subprime*, ou seja, a bolha imobiliária americana, e discutíamos os efeitos perversos que poderia causar em uma economia como o Brasil. Até então, eu acreditava que o sistema financeiro alemão era muito sólido, que o sistema financeiro japonês era muito sólido, que o sistema financeiro escocês era muito sólido, e que o problema era apenas os bancos alemães.

Ora, o que nós percebemos? É que o sistema financeiro como um todo estava com uma doença quase que esquizofrênica. O sistema financeiro, ao longo das últimas duas décadas, possivelmente pela predominância da teoria do Estado mínimo, possivelmente pela prevalência de uma teoria de que o mercado resolveria todos os problemas do país, o sistema financeiro mundial achou por bem se descolar do setor produtivo, e resolveu ganhar dinheiro com especulação. “Eu tenho um papel, que eu vendo ele para um empresário alemão, que pega aquele papel, vende para o presidente do Banco do Brasil, que pega aquele papel e vende para um empresário japonês, que pega aquele papel e vende para um francês...” Ou seja, era gente ganhando milhões e milhões de euros ou de dólares sem produzir uma única caneta desta ou um



único copo deste, apenas especulando.

E o que aconteceu, de fato? Na hora em que o sistema financeiro se descolou do setor produtivo, nós vimos, o que aconteceu na economia mundial. E aí quando quebrou o *Lehman Brothers* é que nós vimos a fragilidade do sistema financeiro, porque nenhuma empresa alemã e nenhuma empresa brasileira conseguia mais crédito em lugar nenhum do mundo. Ou seja, eu cansei de ouvir dizer que existiam trilhões e trilhões de dólares atravessando os oceanos, sobrevoando o espaço aéreo de todos os países, mas quando quebrou o *Lehman Brothers*, que poderia ter sido salvo se o presidente Bush tivesse feito uma intervenção na hora correta e, quem sabe, colocado US\$ 60 bilhões ou US\$ 70 bilhões, nem uma empresa como a Petrobras que tinha US\$ 174 bilhões de investimento conseguia pegar US\$ 1 mil emprestado do sistema financeiro internacional. E aí o crédito desapareceu, e esse foi um problema sério na Alemanha e foi um problema muito sério no Brasil.

Bem, nós tomamos as medidas que entendíamos que deveríamos tomar, o Guido Mantega mostrou aqui, nós compramos bancos quando era preciso comprar banco. Por exemplo: um dia, nós, em uma reunião com a indústria automobilística, descobrimos que o mercado de carro usado não estava funcionando porque os bancos pequenos que financiavam carro usado e os bancos das montadoras não tinham dinheiro. Nós liberamos R\$ 100 bilhões do compulsório, que era dinheiro do Tesouro, ainda assim esse dinheiro não supriu as necessidades.

Então, o que nós fizemos? Nós, não apenas criamos um fundo garantidor para garantir aos bancos pequenos tomar dinheiro emprestado e financiar, como nós compramos o banco que tinha maior expertise em financiamento de carro usado para que o Banco do Brasil começasse a financiar carro usado no Brasil. Ou seja, nós não demoramos um dia para tomar todas as decisões que nós entendíamos que deveríamos ter tomado. E aí, explica um pouco o sucesso do Brasil. Ou seja, é que nós não ficamos



pensando. No dia 22 de dezembro do ano passado, eu fiz uma coisa que eu jamais imaginei fazer.

Eu fui para a televisão, em rede nacional, fazer apologia ao consumo. Eu que passei... Eu passei metade da minha vida criticando a sociedade de consumo e, diante da crise, diante do terrorismo que a imprensa nacional e internacional vinham fazendo, com relação à crise, dizendo que o povo não estava comprando porque estava com medo de perder o emprego e, se ele perdesse o emprego, ele não ia conseguir pagar a prestação. Eu fui para a televisão, em um pronunciamento de oito minutos, para dizer para o povo: “É verdade que você pode perder o seu emprego. Mas é verdade, também, que você perderá o emprego mais facilmente se você deixar de comprar. Então, é importante você comprar. Compre, de forma responsável, não comprometa todo o seu orçamento. Mas, se você não comprar, a roda gigante da economia vai parar, e aí você vai ver que a indústria não produz, o comércio não compra, não vende e, aí sim, nós vamos ter uma crise profunda”. E isso teve um impacto extraordinário no consumo da sociedade brasileira.

E nós tínhamos, também, a vantagem que o mundo rico não tinha: nós tínhamos um mercado interno virgem, um mercado interno cheio de pessoas com muita vontade de comprar alguma coisa e que não tinham dinheiro para comprar, e que era preciso a gente fazer com que essas pessoas tivessem acesso ao mercado e que pudessem comprar.

Eu lembro da discussão que eu tive com a indústria automobilística. Porque nós temos um problema, que é um problema cultural, não é culpa individual de ninguém. Na crise, Armando, o empresário não quer perder, ele quer continuar tendo a mesma margem de lucro, mesmo na crise. Ou seja, quando, na verdade, numa crise, todos nós temos que fazer a política da compensação. E eu dizia para a indústria automobilística brasileira: “O povo brasileiro mais pobre, ele tem três paixões na vida, três ou quatro. Qual é a primeira paixão de um homem ou de uma mulher? A da mulher é casar com



um homem bonito, a do homem é casar com uma mulher bonita, de preferência rica, ele quer uma paixão, mas não tem mulher rica dando sopa e nem homem rico dando sopa. A segunda paixão é ter uma casa própria. A terceira paixão do brasileiro é ter um carro. A quarta, hoje, é um computador”.

Mas o carro, eu lembro da discussão que nós fazíamos, no Ministério da Economia, e o pessoal me dizia o seguinte: “Olha, mas o trabalhador, ele vai comprar um carro, se ele tiver mais de cinco anos para pagar a prestação, o carro vai ficar depreciado, ele vai perder dinheiro”. Eu falava: “Gente, pelo amor de Deus, vocês não conhecem o povo pobre deste país. Ele, se comprar um carrinho, para pagar em dez anos, o prazer dele, além de andar, quando tiver dinheiro para colocar gasolina, é ficar, no final de semana, lavando o carro no portão de casa, passando esponja na calota do carro, no vidro, como se estivesse limpando uma criancinha de dois meses, é um xodó. Então, nós precisamos criar as condições de que a prestação do carro, da televisão, da geladeira, do fogão, caiba dentro do bolso dele. Se couber dentro do bolso dele, nós vamos vender o que tiver para vender no nosso país”.

E foi esse mercado interno que recuperou a economia brasileira. Pasmem, para uma coisa que eu vou dizer para vocês: foi exatamente esse mercado interno, sustentado pela parte mais pobre da população, que não permitiu que a economia brasileira tivesse o mesmo prejuízo que teve a economia de outros países.

No mês passado, saiu uma pesquisa no Brasil: as classes D e E, do Norte e do Nordeste, a classe mais pobre do Brasil, consumiu 5% a mais do que as classes A e B do Sul do país.

Ora, qual é o milagre? O milagre, a Alemanha já fez, no começo do século XX, e depois voltou a fazer no pós-guerra. Ora, se eu pego uma nota de US\$ 1 mil e dou apenas para a Dilma Rousseff, ela vai ter US\$ 1 mil. Ela vai comer bem no restaurante, vai dar gorjeta para o garçom, ainda vai tomar um bom vinho... Então, é uma pessoa forte e vai se beneficiar. Mas se eu pego



esses US\$ 1 mil, e dou para cem pessoas – US\$ 10 cada um –, eu vou ter, no mínimo, dez pessoas pobres, mas cada uma conseguindo comprar uma coisinha para levar para dentro de casa. Não vai comer a comida da qualidade de alguém que tem US\$ 1 mil, mas vai comer a comida necessária para sobreviver até o dia seguinte.

E foi isso que aconteceu no nosso país, e eu vou citar alguns números aqui, para não ficar lendo o meu discurso chato. Eu quero que vocês compreendam, porque essas coisas normalmente não são faladas, e essas coisas eu sinto a necessidade de falar, para vocês conhecerem o que está acontecendo de verdade no nosso país.

Bem, só na agricultura familiar – o pequeno agricultor brasileiro – nós, este ano, estamos financiando R\$ 15 bilhões, o equivalente a US\$ 8 bilhões. Quando nós chegamos ao governo, isso significava R\$ 2 bilhões. Nós estamos colocando R\$ 15 bilhões para financiar a agricultura familiar.

Quando saiu a crise de alimento, no ano passado, o preço de *commodities* estourou, a soja aumentou de preço. No Brasil, até o feijão, o saco de feijão, saiu de R\$ 60,00 para R\$ 200,00. Não tinha nenhuma explicação, porque nós não exportamos feijão. Ora, o que acontecia, de fato? Como o *subprime* já tinha estourado, os espertalhões, que exploraram o *subprime*, estavam saindo do *subprime* para ir para a Bolsa de Valores, para a Bolsa de Futuro de Mercado comprar e explorar alimentos.

Nós criamos, no Brasil, um programa chamado “Mais e Melhores Alimentos”, e colocamos R\$ 25 bilhões, o equivalente a, mais ou menos US\$ 13 bilhões disponibilizados para a agricultura familiar comprar tratores e implementos agrícolas. Pasmem: em dez meses, vendemos 16 mil tratores de 78 cavalos, ficando esse programa responsável por 78% da produção e da venda de tratores no nosso país. Se tiver alguém da indústria automobilística brasileira aqui, sabe que essa é a mais pura verdade.

Ora, o que nós provamos com isso? O trabalhador pequeno, ele não



comprava trator não é porque ele não precisasse, não é que ele não queria, é porque não tinha oportunidade, não tinha crédito e não tinha nada para que ele fosse incentivado. Na hora em que nós apresentamos a oportunidade, esses trabalhadores foram comprar tratores. E é o programa de mais sucesso que nós temos no Brasil, hoje.

Mas, além disso... e esse dado eu gosto de dar para vocês porque, certamente, um companheiro alemão, que nasceu em Hamburgo, está com 60 anos de idade, ou 50, não sabe o que é morar numa cidade sem energia elétrica. No Brasil, quando a ministra Dilma era ministra de Minas e Energia ainda, nós descobrimos que o Brasil tinha mais de 11 milhões de pessoas ou praticamente 2 milhões e 100 mil famílias, ou 200 mil famílias, sem energia elétrica, no século XXI. E resolvemos criar o programa chamado Luz para Todos. Já investimos R\$ 14 bilhões, o equivalente a praticamente US\$ 8 bilhões, totalmente gratuito, financiado pelo governo, levando energia elétrica na casa das pessoas mais pobres, sobretudo no campo.

Só para vocês terem o número na cabeça: já utilizamos 1 milhão de quilômetros de fio. Imagine quantas vezes a gente poderia enrolar o planeta Terra com 1 milhão de quilômetros de fio. Já utilizamos cinco milhões de postes, já utilizamos 800 mil transformadores e já atingimos 2 milhões e 100 mil residências no País. Sabe o que significou isso? Oitenta e três por cento das pessoas que receberam luz compraram televisão; 79% compraram geladeira; 47% compraram aparelho de som, ou seja, nós conseguimos pegar pessoas que viviam no século XVIII e, em uma fração de segundo, levar essas pessoas para o século XXI. E isso, antigamente, no Brasil, não se podia fazer porque o Tesouro Nacional dizia que era gasto, ele dizia que nós íamos gastar 14 bilhões e eu proibi de utilizar a palavra gasto, é investimento. Quem mora no meio do mato tem o mesmo direito de quem mora em um apartamento de cobertura no centro de São Paulo ou no centro de Brasília.

O Programa Bolsa Família... O Programa Bolsa Família, que diziam que



era esmola, que era assistencialismo, atende hoje, praticamente, 12 milhões de pessoas. E é investimento direto no bolso das pessoas. E ele está... O Bolsa Família é um programa do Programa Fome Zero. Ou seja, estamos atendendo praticamente quase 50 milhões de pessoas com esse programa de pessoas que recebem uma pequena ajuda no final do mês para comprar.

Eu vou dar um exemplo para vocês do significado: para alguém da classe média brasileira, para a minha delegação que está aqui – para não falar mal de ninguém –, R\$ 80, ou US\$ 60, não vale nada. Dependendo do dia do ano, a gente toma uns *whiskies*, pega US\$ 60, e dá de gorjeta para o garçom. Mas para uma dona de casa, que tem três ou quatro filhos, pega US\$ 60 ou US\$ 70 na mão, ela vai comprar alimento para levar para casa para comer, pelo menos, 15 dias.

E tem uma história muito interessante: uma senhora foi para a televisão dizer que ela tinha duas netas. Ela comprava um lápis só. E ela cortava o lápis no meio para dar metade para cada neto ir para a escola. E ela estava muito orgulhosa porque, depois do Bolsa Família, ela podia comprar uma caixa de lápis para cada neto.

E muita gente, se fosse pensar na macroeconomia, não faria isso. Porque, durante mais de vinte anos, o meu país não tinha sequer liberdade de decidir a sua política econômica. O que ia gastar, era o Fundo Monetário Internacional que ia ao Brasil dizer o que os nossos homens tinham que fazer. E a obediência era cega. E, muitas vezes, o Brasil assumia compromisso e não cumpria. E eu fui criado por uma mulher que nasceu e morreu analfabeta. Mas uma coisa é sagrada, palavra é palavra. Palavra, você não tem que assinar documento. Um cidadão deu a palavra, ele tem que cumprir.

É por isso que ontem à noite eu fiz uma homenagem ao Presidente da Alemanha, porque ele era Presidente do FMI quando eu tomei posse na Presidência. E eu disse para ele: “Eu vou respeitar os tratados. Agora, eu quero que o Brasil seja respeitado enquanto nação”. E isso foi cumprido e, por



isso, eu fiz questão de elogiá-lo ontem à noite, no jantar.

Só para vocês terem ideia: o salário mínimo. No Brasil, os economistas diziam que se a gente aumentasse o salário mínimo, ia causar inflação. Faz seis anos que nós aumentamos o salário mínimo todo ano e a inflação está controlada. Cada aumento que nós damos para o salário mínimo significa colocar na economia R\$ 20 bilhões. Ou seja, significa o povo pobre tendo dinheiro para comprar um quilo de carne a mais, para comprar um televisor a mais, para comprar uma geladeira a mais, um sapato, uma camisa, e até viajando de avião o povo agora está. Tem gente que não gosta, tem gente que não gosta, que acha que lugar de pobre é ficar dentro de casa ou lá no seu bairro. Mas eu adoro quando vejo um pobre viajar de avião, porque significa que ele está melhorando de vida, a classe média está melhorando de vida e o empresário está melhorando de vida, porque é a cadeia de consumo funcionando, na sua plenitude. E é isso que nós queremos para o nosso país.

E, aí, nós criamos uma coisa chamada “crédito consignado”. No Brasil, nós tínhamos um problema, as pessoas não tinham como tomar dinheiro emprestado. Nem o grande empresário tinha, porque o BNDES tinha pouco dinheiro para emprestar. E o coitado do trabalhador e o aposentado só conheciam banco na hora de receber o seu pagamento, e ainda pegava uma fila desgraçada para poder receber a sua ninharia.

Então, nós resolvemos criar um crédito. Uma vez, em um debate com os bancos, eu perguntei: “Por que vocês não emprestam dinheiro para pobre?” “Ah, porque não tem garantia”. Então, nós resolvemos dar como garantia o contracheque dele, o salário dele era a garantia.

Aqui está o nosso companheiro Secretário-Executivo da Previdência Social. Aposentado não tinha direito de entrar em banco, a não ser para receber o seu salário. Criamos o crédito consignado. A pessoa pega o dinheiro no banco, faz um contrato, ou com o sindicato, se ele estiver na ativa, ou diretamente com o banco. Ele não pode gastar mais que 30% do salário dele



por mês. Vocês sabem quanto nós já colocamos no mercado, nos últimos três anos e meio? Cento e cinco bilhões de reais, o equivalente a quase US\$ 60 bilhões, na mão do povo pobre, para ele consumir. Ele não está nem depositando em dólar, nem está... Ele está consumindo as coisas que são feitas no Brasil.

Só para vocês terem ideia, em 2003, quando nós chegamos ao governo, todo o crédito disponibilizado, no Brasil, era o equivalente a R\$ 380 bilhões, não é isso, Guido? Todo o crédito disponibilizado para 190 milhões de habitantes era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil, Armando Monteiro, tem mais crédito disponível do que tinha todo o Brasil.

Em 2004, o BNDES tinha R\$ 40 bilhões para emprestar. Neste ano, vai emprestar 128 bilhões, quase quatro vezes mais. Porque nós éramos um país em que os dirigentes diziam que nós éramos capitalistas. E eu nunca vi um país capitalista funcionar sem capital e sem crédito, ou seja, era preciso restabelecer a lógica de uma economia capitalista, fazer com que o dinheiro circulasse no País e funcionasse o País – e olha que isso era difícil para mim, era quase tudo contra.

Entretanto, quando a gente chega ao governo, a gente tem que fazer as coisas que são possíveis fazer, porque o povo é bondoso, mas o povo cobra. E eu tinha comigo uma coisa extremamente importante: qualquer presidente da República no Brasil, qualquer, se ele fracassar, como muitos fracassaram, não tem problema. Eles deixam a presidência, vêm aqui, para a Alemanha, passam dois anos fazendo palestra, vão para Harvard fazer o curso de pós-graduação, vão morar um tempo no exterior, depois eles voltam e concorrem outra vez, achando que o povo já esqueceu o que eles fizeram.

Eu tinha clareza de que eu não podia errar, eu tinha clareza de que a cobrança em cima de mim seria muito maior do que a cobrança em cima de qualquer outro presidente. E eu tinha clareza de que se eu fracassasse, ia demorar 200 anos para um metalúrgico, sem diploma universitário, querer ser



presidente da oitava economia do mundo. E as pessoas perguntavam para mim: “Mas, Lula, você quer ser presidente? Você não fala alemão, você não fala inglês, você não fala espanhol”. Como se isso fosse o máximo do máximo. Ninguém nunca perguntou para o Obama se ele fala português, ou fala alemão, ninguém nunca perguntou. Ninguém nunca perguntou para o Helmut Kohl se ele falava inglês ou não. Ou seja, mas, de mim, a cobrança era uma loucura. Então, quando eu tomei posse, eu tinha clareza de que a gente tinha que ganhar e tinha que provar que nós tínhamos competência para governar o nosso país.

Pois bem, companheiros, eu vou terminar dizendo para vocês o seguinte: é com muito orgulho que aqui, nessa Hamburgo, que reconheceu a independência do nosso país em 1827, que eu posso dizer para vocês: é esse Presidente da República, que não tem diploma universitário, que vai passar para a história como o Presidente que mais fez universidade no Brasil e que mais fez escolas técnicas profissionais.

Em cem anos, toda a elite brasileira que governou o Brasil, em cem anos, fez 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos entregar ao Brasil 214 novas escolas técnicas, para qualificar a mão de obra do País, para que quando um empresário quiser investir no Brasil, ele vai ver que nós vamos ter mão de obra tão qualificada quanto ele tem no seu país. E essas escolas técnicas são de altíssima qualidade.

E eu faço isso porque eu sei o quanto uma profissão valeu para mim. E se a profissão valeu para mim, valerá para os outros brasileiros. E, aí, o Brasil deverá ser exportador não de *commodities* apenas, não de minério de ferro, de petróleo ou de soja, nós queremos exportar o conhecimento. Queremos exportar a nossa inteligência para que a gente possa fazer o nosso país ser muito maior.

Nós já fizemos 12 universidades federais novas e 105 extensões universitárias, levando extensões para todo o interior do País, para que os



filhos dos pobres, no mais longínquo lugar do País, possam ter acesso à possibilidade de estudar. E criamos um programa chamado ProUni. Fizemos um convênio com as universidades privadas, fizemos uma isenção de imposto, o equivalente ao imposto é transformado em bolsa de estudos. Neste ano, nós temos 545 mil jovens pobres, da periferia do meu país, dos quais 40% negros, fazendo universidade e alguns já viraram doutores no nosso país. É isso, é isso que vai permitir que junto com todas essas obras que a Dilma mostrou, que junto com todos esses números econômicos que o ministro Guido mostrou, e junto com aquilo que o companheiro Miguel Jorge falou, é isso que deve ser o grande atrativo para que os empresários alemães voltem a ter para com o Brasil o mesmo ímpeto que vocês tiveram na década de 50 e na década de 60.

Dizem que não é justo uma pessoa ser feliz sozinha. A felicidade é ótima quando se constrói em dois. Então, meus companheiros alemães e meus companheiros brasileiros, não vamos ser egoístas e cada um ser feliz sozinho. Vamos juntar a nossa força econômica, a nossa inteligência, a nossa capacidade produtiva, o nosso conhecimento, e vamos ser felizes juntos.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de recebimento do prêmio “O Brasileiro do Ano 2009”, oferecido pela Revista IstoÉ e Editora Três

São Paulo-SP, 07 de dezembro de 2009

No fundo, no fundo, vocês estão com sorte hoje, porque se eu cismasse de fazer um improviso aqui e começasse a falar “e para terminar”, “e para terminar”, e nunca terminasse... mas eu estou com pressa porque eu tenho que ir para Montevideú ainda hoje.

Eu queria, primeiro... meu querido Domingo Alzugaray, não esqueço nunca do respeito e do carinho que você teve comigo em momentos difíceis, sobretudo quando eu perdia as eleições. De vez em quando, Domingo Alzugaray me convidava para uma reunião com os jornalistas da IstoÉ, e todos vocês sabem que a gente se lembra muito mais das pessoas que foram boas com a gente nos momentos difíceis do que das pessoas que são amigas da gente nos bons momentos. Afinal de contas, em bailes que tem muitas mulheres bonitas não precisamos de companheiros, ficamos sozinhos.

Bem, a segunda coisa, dizer para vocês, para terminar aqui, que eu poderia dedicar este prêmio ao Guido Mantega, ao Meirelles, ao Miguel Jorge, ao Franklin, a todo o governo, à minha mulher, aos meus filhos, essa coisa que todo mundo faz. Mas eu penso que é importante a gente dedicar este prêmio àqueles brasileiros que vivem no anonimato e que aos poucos estão conquistando a sua cidadania; aos trabalhadores brasileiros que, muitas vezes, só veem a gente pela televisão; aos empresários que não se acovardaram e resolveram enfrentar a crise de peito aberto e vencê-la; aos intelectuais que tiveram coragem de fazer o debate econômico pela imprensa brasileira; à imprensa brasileira, que contribui de forma extraordinária para a consolidação do debate democrático, mas que muitas vezes não contribui, quando permite



que a mentira prevaleça sobre a verdade.

Eu queria dizer para vocês que eu tive um momento difícil nessa crise econômica. Eu lembro de quantas vezes eu fui tripudiado porque dizia que nós tínhamos uma marolinha. Porque no Brasil você tem uma turma do “eu acho”, o achismo, aqueles que não perdem a oportunidade de tentar criar as condições para que a desgraça prevaleça neste país.

Eu aprendi muito cedo, muito cedo, na lei da sobrevivência, que ninguém respeita quem não se respeita. Respeito é bom, a gente gosta de dar e a gente gosta de receber. Eu cansei de ver brasileiro aceitar ser tratado como se fosse de segunda classe. Tudo o que era lá de fora era melhor do que aquilo que a gente fazia aqui dentro.

Eu lembro da primeira vez que eu disse, em Angola, que os empresários brasileiros não tinham que ter medo de ser empresas multinacionais. Houve manchete dizendo que eu estava repreendendo os empresários quando, na verdade, eu estava fazendo a boa provocação aos empresários. E é com muito orgulho que hoje eu sou quase um porta-voz, um garoto-propaganda das empresas brasileiras que querem comprar e vender no mundo.

Eu lembro que quando o Bush veio ao Brasil, nós fomos a Guarulhos visitar um posto de gasolina que estava vendendo etanol, e tinha dois carros, um da Ford e um da GM. E o Bush falou: “Eu não posso posar na frente do carro porque eu não posso fazer *merchandising*”. Eu falei: pois eu posso. Fui lá e posei na frente da Ford e na frente da GM porque eu queria que elas produzissem mais aqui.

Essa bobagem de político achar que é um ser superior: “eu não posso contar piada porque eu sou político, eu não posso rir porque eu sou político, eu não posso beber porque eu sou político, eu não posso falar palavrão porque eu sou político”, como se essas coisas fossem só de artista. Ora, meu Deus do céu, nós podemos fazer todas as coisas com a naturalidade que um ser humano tem que fazer.



Mas o momento difícil foi o momento da crise econômica quando eu, lendo todos os jornais pela manhã... Porque no Brasil tem uma coisa engraçada: tem dias que você acorda, você lê os jornais, a vontade é se matar, porque o mundo está acabando. Se você, então, ficar só nas manchetes, nem saia de casa. Porque tem um certo azedume, ou seja, aquela coisa tão azeda, que faz mal para o País. É o não acreditar: “as coisas vão ser ruins, as coisas não vão dar certo”. Eu me levantei um dia... Eu já tinha brigado, viu, Paulo Skaf, com um cara da Associação Comercial que fez uma pesquisa e disse que o povo estava com medo de comprar, e ele publica a pesquisa. E eu pensei: esse ignorante, em vez de publicar a pesquisa de que o povo não quer comprar, deveria, com a pesquisa de que o povo não quer comprar, tirar aquela informação e fazer publicidade para o povo comprar, que era para inverter a lógica de o povo não querer comprar.

Eu me levantei de manhã e estava lá: “porque a crise vai fazer isso, porque o povo não quer comprar, porque o povo está com medo de comprar”. Eu chamei o Franklin e falei: Franklin, nós vamos precisar ir para a televisão. Eu jamais, na minha vida, pensei em ir para a televisão fazer apologia do consumo. Eu era daquela juventude que era contra a sociedade consumista. Eu era contra. Então, eu falei: bom, eu vou ter que fazer propaganda do consumo, porque as manchetes eram que o trabalhador não queria comprar porque ele estava com medo de perder o emprego e, portanto, ele não ia fazer dívidas. Eu falei: não, eu vou ter que ir.

Conversei com alguns empresários amigos meus, liguei para alguns. Eu me lembro que eu conversei com o Abilio Diniz, que era importante a gente começar a escrever artigos pedindo para o povo consumir, e fui para a televisão. E fui para a televisão dizer uma frase simples: É verdade que tem uma crise econômica e é verdade que se você fizer dívida e você ficar devendo, você pode perder o emprego. Agora, é verdade também que se você não comprar, você vai perder o emprego muito mais forte do que se você



comprar. Então, compre de forma moderada. Vá à loja, compre aquilo que você precisar comprar, mas compre, porque a economia é uma roda-gigante e, se ela parar, aí, sim, este país vai estar em crise.

Graças a Deus, graças a Deus, graças ao povo brasileiro, graças, quem sabe, a todos vocês, graças aos otimistas do País, este país entrou por último na crise e saiu mais forte. E eu vou dizer para vocês: não tem mais volta, não tem mais volta. Quem estiver apostando que neste país vai acontecer o que acontecia nos anos passados – parecia que ia e voltava, parecia... – acabou. Este país se encontrou consigo mesmo.

Eu acho que este prêmio que eu estou recebendo não é uma síntese daquilo que eu sou capaz de fazer, mas é uma síntese daquilo que o povo brasileiro fez nos momentos difíceis para chegar aos dias bons que estamos vivendo hoje.

Parabéns a todos vocês, ganhadores deste prêmio, e parabéns à Editora Três e à IstoÉ.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
38ª Reunião do Conselho do Mercado Comum**

Montevidéu-Uruguai, 08 de dezembro de 2009

Obs: Por problemas técnicos, o início do áudio deste discurso não foi gravado

Esta Cúpula do Mercosul se realiza sob o signo da esperança.

Ao eleger o companheiro José Mujica como seu próximo Presidente, o povo uruguaio enviou uma clara mensagem de confiança na integração regional. Também saúdo meu companheiro Evo Morales por sua consagrada reeleição.

Uruguaios e bolivianos disseram sim a projetos de mudança em proveito dos trabalhadores. Mas também fizeram uma aposta irrevogável pelo Mercosul e por uma América do Sul mais integrada.

Este também é o momento de destacar a atuação do presidente Tabaré Vázquez à frente de nosso bloco, neste semestre. Agradecemos sua visão e liderança.

Companheiros Presidentes,

Nossa aposta na integração, hoje aparece mais acertada do que antes. A crise financeira internacional, nascida no coração do capitalismo, exige de nós ações coordenadas. Seu alcance ainda é incerto. Mas fica cada dia mais evidente que os países em desenvolvimento são hoje o motor da retomada do crescimento mundial. Nossas respostas nacionais assim o indicam.

No Brasil, por exemplo, saímos da recessão e vamos gerar, ainda neste ano, mais de 1,3 milhão de empregos formais. As perspectivas de crescimento, em 2010, são muito boas. Esperamos crescer acima de 5%. Em 2010, vamos crescer pelo menos 5%. Reagimos à crise com mais produção, mais emprego



e maior combate às desigualdades sociais.

No momento em que os trabalhadores estrangeiros eram responsabilizados pelo desemprego nos países ricos, o Mercosul manteve seus braços abertos e solidários àqueles que aqui vêm buscar trabalho digno e uma vida melhor.

Os países em desenvolvimento têm a tarefa de construir um novo paradigma, centrado no compromisso com o crescimento sustentável, na luta pela justiça e na conquista da cidadania. Mas precisamos ampliar nosso espaço nas principais instâncias decisórias do mundo. É o que a Cristina e eu tentamos e estamos fazendo no G-20.

O fortalecimento dessa instância de governança mundial está estritamente ligado à sua legitimidade. Nenhuma decisão econômica importante poderá ignorar o ponto de vista dos países do Sul.

Na Conferência sobre Clima, em Copenhague, temos a oportunidade e a obrigação de fazer com que nossa voz seja escutada. O Brasil está empenhado em construir resultado ambicioso e equilibrado, que conte com a contribuição de todos os países.

Senhores Presidentes,

Em todos esses temas, o Mercosul precisa ser cada vez mais ouvido. Temos todas as condições de ser um núcleo de integração e de desenvolvimento sustentável num mundo cada vez mais competitivo e globalizado.

Dispomos da maior reserva agrícola do mundo. Somos um dos principais polos mundiais da produção de veículos. Somos, também, uma potência energética em expansão, com tecnologias avançadas na área de energias limpas e renováveis. Nosso mercado consumidor avança na esteira de nossas políticas de promoção da igualdade e de redistribuição de renda.

A adesão da Venezuela agrega escala e complementaridade a nosso bloco. Companheiro Chávez, finalmente amanhã o Senado Federal, no Brasil,



vai aprovar a entrada da Venezuela no Mercosul. Nosso comércio intrazona foi dos primeiros a sair da crise. As trocas do Brasil com seus sócios devem alcançar US\$ 28 bilhões neste ano. Com a conclusão da sétima rodada de negociações sobre serviços, os empresários do Mercosul terão ainda maiores oportunidades de comércio e investimento. É o que prometem a expansão do setor do petróleo no Brasil e os preparativos para sediar a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Companheiros Presidentes,

Para consolidar nossa unidade, precisamos concluir a eliminação da dupla cobrança da Tarifa Externa Comum. Com ambição, agilidade e equilíbrio, devemos superar divergências conjunturais e atacar de frente as assimetrias. Nesse esforço, é fundamental aprimorarmos os mecanismos do Focem.

Em 2010, serão quase US\$ 500 milhões em benefício, sobretudo, do Paraguai e do Uruguai. Vamos realizar projetos de integração produtiva que ajudarão a capacitar empreendedores dos setores de petróleo e gás, e automotivo. Devemos acelerar o funcionamento do Fundo de Apoio a Pequenas e Médias Empresas. Ele aumentará o acesso ao crédito para esses que são a grande maioria dos que movimentam o Mercosul. O Fundo de Agricultura Familiar dará condições mais dignas e sustentabilidade para milhares de famílias no campo.

Queremos fortalecer o Sistema de Pagamentos em Moedas Locais. Esperamos que Paraguai, Uruguai e Venezuela possam unir-se à Argentina e ao Brasil nessa iniciativa. São esses avanços que habilitarão o Mercosul a se beneficiar da diversificação de mercados, especialmente com outros parceiros do Sul, como a Índia e a África Austral.

O acordo da Rodada São Paulo sobre Sistema de Preferências, que alcançamos em Genebra sob a presidência da Argentina, também deverá contribuir para aumentar o comércio entre países em desenvolvimento. A União Europeia permanece um parceiro fundamental. Renovamos nossa



determinação em concluir um acordo em bases justas e equilibradas.

Caros companheiros,

A verdadeira integração transcende a dimensão comercial. Ela tem de avançar no terreno produtivo, na construção de infraestruturas física e energética, mas, sobretudo, no engajamento da sociedade civil. Mas a integração exige também instituições. Temos de avançar nessa direção.

No Brasil, o Conselho Social e Participativo criou canais de diálogo com a sociedade sobre integração. Com o Instituto Social do Mercosul, os movimentos sociais de toda nossa região estão se engajando nesse debate. O Parlamento do Mercosul se consolida a passos rápidos. Em breve, alcançaremos um acordo sobre proporcionalidade que tornará realidade a representação cidadã.

Senhores Presidentes,

Não poderia concluir sem registrar nosso agradecimento coletivo ao companheiro Chacho Alvarez, que deixa a Presidência da Comissão de Representantes Permanentes. Sua lucidez, entusiasmo e espírito de equipe fizeram com que o Mercosul avançasse, em meio a muitas dificuldades. Estou certo de que em seus projetos futuros, o Chacho continuará a ter no nosso bloco uma fonte de inspiração.

À nossa querida companheira, presidenta Cristina, só posso fazer votos de uma Presidência *Pro Tempore* plena de realizações no próximo semestre. Conte, desde já, Cristina, com o apoio decidido e irrestrito do Brasil para o sucesso da sua presidência.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na 32ª reunião ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social

Palácio Itamaraty, 09 de dezembro de 2009

Primeiro, cumprimentar a minha companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Nosso querido companheiro Alexandre Padilha, ministro das Relações Institucionais,

Nosso querido companheiro Guido Mantega,

Nosso companheiro Pimentel, que está aqui,

Nosso companheiro Paulo Bernardo,

O companheiro Patrus Ananias, que estava aí, mas levantou. Eu acho que saiu de fininho, ali, e foi embora.

O nosso... Vai chegando a hora da comida...

O companheiro - ele não foi, porque ele vai ter que almoçar comigo - o companheiro Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Nosso querido companheiro Luciano Coutinho,

E cumprimentar os companheiros e companheiras conselheiros do Conselho de Desenvolvimento.

Eu quero confessar para vocês que eu fiquei, eu acho que emocionado com a apresentação do Guido e do Luciano Coutinho, porque fazia muitos e muitos anos, neste país, que a gente não via, sem nenhum trauma, sem nenhum pacote, sem nenhuma mágica... depois de um ano em que o mundo deitou e acordou assombrado; depois de um ano em que eu tive que ir, no dia 22 de dezembro do ano passado, à televisão fazer a propaganda do consumo, quando eram as Federações do Comércio que tinham que fazer, fui eu que fui



fazer. As Federações do Comércio no Brasil têm uma coisa fantástica: elas fazem pesquisa, detectam que o povo está com medo de comprar e publicam a pesquisa tal como ela é. Elas não utilizam a pesquisa como um instrumento de convencimento das pessoas. Então, eu tive que fazer apologia do consumo, coisa que não era habitual neste que vos fala. Eu fazia parte daquela sociedade alternativa, que criticava muito o consumismo.

E, passado todo esse tempo, a gente vê o Ministro da Fazenda e o Presidente do Banco de Desenvolvimento do Brasil anunciarem as medidas que foram anunciadas.

Parece, para alguns – eu vou ver como é que a imprensa vai tratar isso amanhã –, parece, para alguns, pouca coisa. Mas é importante lembrar há quantos anos a gente não via, em função da solidez da economia brasileira, a gente poder anunciar para o ano seguinte medidas que visam, pura e simplesmente, a consolidar o desenvolvimento do nosso país.

Obviamente que o Artur tem muita razão: esse desenvolvimento só tem sentido se vier acompanhado do desenvolvimento das conquistas sociais da parte que trabalha neste país e daqueles que estão excluídos. É para isso que nós queremos que o Brasil cresça, é para que a sociedade toda suba os degraus junto. Nós não podemos continuar a ter um distanciamento entre aqueles do andar de cima e aqueles do andar de baixo.

É preciso aproximar, porque a experiência que nós tivemos nesta crise é para consolidar - junto aos analistas econômicos deste país, junto aos palpiteiros deste país e junto aos céticos deste país - que distribuição de renda não faz mal a ninguém, que aumentar o salário dos pobres não causa inflação, que dar um pouquinho de dinheiro para os excluídos deste país não desmonta a economia, como alguns falaram.

Então, ver, Guido, você e o Luciano Coutinho apresentarem essas medidas para o futuro – para o futuro, amanhã; não é para o futuro longínquo, não – é gratificante. Acho que o Brasil precisava disso. Acho que os



empresários precisavam ouvir isso. Acho que os trabalhadores precisavam ouvir isso. Porque, quanto mais consolidarmos o crescimento deste país, mais certamente nós vamos elevar o patamar de participação dos trabalhadores brasileiros. É essa a única razão para que deve existir o governo.

Fora disso, é melhor não existir. O governo tem que existir exatamente... Da mesma forma que você, de vez em quando, fala as palavras “equalização de juros”, nós temos que fazer a equalização social neste país, fazendo com que os mais pobres sejam cidadãos.

Essa é a primeira coisa. Agora, nós precisamos tomar cuidado, porque se eu fosse um técnico de futebol, eu não deixaria o meu time, depois de uma vitória, ir para a gandaia comemorar a vitória porque ganhou um jogo. Eu concentraria outra vez e diria: olha, isso é apenas uma etapa. O campeonato prossegue amanhã, tem outros campeonatos. Porque, normalmente, os caras festejam muito no dia em que ganham e no próximo jogo perdem.

No governo, nós precisamos tomar cuidado, Guido, para que isso não aconteça. Primeiro, nós não devemos festejar as coisas boas. O que nós precisamos é refletir se é possível, dentre as coisas que nós fizemos, fazer um pouquinho mais, e deixar para o povo festejar, deixar para as pessoas comemorarem aquilo que o povo considera suas conquistas.

Eu, nesses dias, tomei um susto. Eu cheguei da Alemanha às 4h15 da manhã, em Cumbica, e peguei o helicóptero para vir para São Bernardo do Campo. Não, para ir para São Bernardo do Campo. E, às 4h15 da manhã, naquela região da 25 de Março tinha tanto carro, que eu pensei: bom, eu devo ter entrado na China, porque eu nunca vi, às 4h da manhã, a quantidade de carros e de gente transitando, já, na 25 de Março.

É essa festa que nós, que governamos, precisamos ver. Nós ainda temos muita coisa para fazer, nós estamos num processo. O País amadureceu, os empresários amadureceram, os trabalhadores amadureceram, a sociedade brasileira, como um todo, está amadurecendo, está compreendendo melhor o



que está acontecendo no nosso país e no mundo. O mundo passou a tratar o Brasil com o respeito com que o Brasil sempre deveria ter sido tratado, mas que muitas vezes não fez por merecer, porque tem gente que gosta de ser serviçal, tem gente que gosta de puxar o saco, tem gente que gosta de ser tratado como gente de segunda classe, tem gente que não pode ouvir uma palavra em inglês, que já acha que é inferior ao que falou a palavra em inglês.

O Brasil está encontrando o seu caminho. E nesse momento, companheiros, é preciso muita, mas muita, sabedoria. Primeiro, porque todos nós temos um espaço grande para o ego. A gente não engorda 140 [kg] e não perde, para 80 [kg]? O ego pode fazer as pessoas nem caberem em uma cadeira. Quando as pessoas se permitem ser induzidas ou acreditar nessas coisas, as pessoas começam a cair, as pessoas começam a errar, as pessoas começam a deixar de fazer aquilo que é a sua obrigação. Se está dando certo, nós temos que trabalhar mais; se está dando certo, nós temos que fazer mais; se está dando certo, nós temos que ver o que falta fazer para melhorar ainda mais.

Eu fiquei feliz, Guido, de você anunciar a possibilidade de o sistema financeiro privado brasileiro emitir debêntures para poder fazer financiamento de longo prazo. O que significa isso? Nós estamos dando ao sistema financeiro brasileiro privado as mesmas condições de competir com os bancos públicos que, muitas vezes, recebem injeção de recursos do Tesouro Nacional. E os bancos privados têm que tomar dinheiro emprestado e só podem fazer crédito, às vezes, por três anos. Então, na hora que ele pode emitir debêntures e pode emprestar para dez ou 15 anos, no fundo, no fundo, ele vai competir com o BNDES nos investimentos de longo prazo.

E por que fazemos isso? Porque nós queremos a economia brasileira cada vez mais consolidada. Ela não pode depender de um banco, não pode depender de uma empresa, não pode depender de um governo, não pode depender de uma pessoa. Nós temos que depender de um todo. É como se



fôssemos uma orquestra: por mais insignificante que seja um instrumento, ele só está ali porque ele é importante. Se ele não fosse importante, ele não estaria fazendo parte do instrumental de uma orquestra.

A segunda coisa que eu achei extremamente importante, que é um projeto piloto. Aqui vamos dizer. Era para a gente anunciar este programa como um programa definitivo. Eu que pedi para a gente anunciar como piloto, com muito cuidado, para a gente consolidar, que é a possibilidade de financiar aos trabalhadores de empresas pequenas que estão em dificuldades a compra de ações, para que essa empresa deixe de ser uma empresa privada e passe a ser uma empresa até de economia mista, uma empresa com sócios, onde os trabalhadores serão sócios dela, o capital será aberto, vai ter Conselho, os trabalhadores vão participar da administração. Eu achei uma coisa extraordinária, mas é importante a gente começar com um programa-piloto para consolidar e saber o resultado disso, para a gente não dar um passo muito grande e depois não dar certo, e a gente ter que voltar atrás. Eu acho que é importante, Luciano, chamar os trabalhadores para conversar, porque nesse assunto eles têm que ser os doutores a nos ensinar, pelas experiências que eles já têm de como é que faz. Não é o empresário que quebrou que vai ensinar. São eles, que não quebraram ainda, que vão ensinar como é que pode fazer as coisas, para mudar. Porque o cara que já quebrou uma vez pode quebrar outra vez. Então, é preciso apenas fazer esse ajuste.

E fiquei, também, extremamente feliz porque há muito tempo que o Ministério da Fazenda não é tão mão aberta assim para financiamento. Eu chamei o Guido de mão de vaca porque nós discutimos muito ontem, e eu esperava o anúncio de 100 bilhões, e ele só anunciou 80 [bilhões]. Em um piscar de olho, enquanto eu fui dormir, ele pegou 20 bilhões para guardar para outra oportunidade. Bom, espero que esteja certo. Espero que esteja certo.

Acho que é um momento tão importante para o nosso país, que eu penso que nós deveríamos distribuir um pouco mais a responsabilidade com



vocês. Eu sei que muita gente que participa deste Conselho começou não acreditando no Conselho. Alguns achavam: “para quer ir em reunião, não dá certo”. E a gente começou a perceber que na hora em que a gente discute com seriedade, e que a relação entre nós é uma relação honesta, uma relação de parceria, em que ninguém quer enganar ninguém, a gente percebe que todos nós poderemos contribuir. Veja que coisa bonita: o Paulo Simão cobrar do Artur, e o Artur tão gentilmente responder para ele. Esse é o tom de conversa com que a gente pode estabelecer uma sociedade diferenciada no Brasil.

Eu acho que o Brasil pode fazer a diferença. É preciso fazer alguns brasileiros, ainda, acreditarem no Brasil. Por exemplo, Copenhague: Copenhague só vai ser o que vai ser porque o nosso querido país teve a coragem de, há um mês atrás, apresentar as metas que nós apresentamos. Veja, nós apresentamos as metas, eu fui a Paris e anunciei um compromisso, eu e o Sarkozy. A partir daí, todo mundo vai a Copenhague, agora. O presidente Obama não ia, ele ia receber o Prêmio Nobel da Paz em Oslo, ia passar lá. Não, mas agora decidiu ir, porque está percebendo que é o momento mais importante para discutir a questão do clima. Todos os dirigentes da Europa vão. A China, que não ia apresentar proposta, está apresentando proposta. Eu acho um dado extraordinário. Se não fosse a teimosia do Minc, se não fosse a teimosia do Pinguelli e da Dilma Rousseff, certamente a gente não teria apresentado número, achando que era uma coisa menor. Eu acho, modestamente falando, eu acho que o Brasil deu a tônica sobre o que vai acontecer em Copenhague. E os nossos números são tão substanciais, que só a redução do desmatamento na Amazônia vai surtir um efeito de diminuição da emissão de gases de efeito estufa, que é mais do que todo o plano que o presidente Obama está apresentando nos Estados Unidos, para se ter a dimensão do que significa a proposta brasileira.

Mas uma coisa importante, eu estava vendo aqui os companheiros da indústria naval. Eu lembro da primeira discussão que nós fizemos sobre



dinheiro para a Marinha Mercante. Era... se eram 500 milhões, se eram 250 milhões, se eram 400 milhões. Agora o Guido falou em 15 bilhões, com uma fluidez, com uma... e ainda a Dilma falou: “Presidente, não vai dar para nada”. Ora, isso é um bom sinal, porque significa que nós voltamos a acreditar na capacidade da indústria naval brasileira, e que ninguém nunca mais ouse dizer que este país não tem engenharia para produzir navio, plataforma, sonda, e para pegar petróleo a 7 mil metros de profundidade.

Qual é o milagre? É o milagre da crença, é o milagre de nós acreditarmos em nós mesmos. Na hora que um homem e uma mulher são determinados a acreditar em si e dizer o que os americanos dizem muito bem, que foi a palavra mágica da vitória do nosso querido companheiro Obama “eu posso”, as coisas mudam. O problema é que se a gente acorda azedo, se a gente acorda mal-humorado, “não vai dar certo”... Eu lembro que teve um tempo em que caía a Bolsa da China, e a gente entrava aqui em amarelo. Eu lembro. Caía a Bolsa não sei de onde, o pessoal “ah...”. E tinha uns cidadãos aí, que a gente nem conhece, que ficavam medindo o risco-Brasil. Eu ficava meio nervoso. Paulo Skaf, eu ficava nervoso. Você veja, a crise quebra os Estados Unidos e o risco que sobe é o do Brasil! É um contrassenso! Eu falava para o Guido e para o Meirelles: pelo amor de Deus, vocês têm que ligar para essa gente, têm que ligar! Que diabo... A gente faz um sacrifício desgraçado, come o pão que o diabo amassou, e vê no dia seguinte o risco-Brasil. Bom, o risco, na verdade, era deles porque muitos quebraram. Muitos, que estavam sentados em uma cadeira analisando o Brasil, quebraram porque não analisaram eles próprios.

Então, eu penso, Guido, que nós conquistamos em função, muito, da crença deste povo, da crença dos empresários que não tiveram medo da crise, da crença dos trabalhadores que foram baluartes importantes para enfrentar a crise.

Eu tive, tive a gentileza de ligar para vários companheiros dirigentes



sindicais e dizer: façam um boletim, vão para a porta de fábrica pedir para o povo consumir, senão ele vai perder o emprego. E muitos foram.

Então, eu acho que graças a tudo isso, nós chegamos onde nós chegamos. Estamos como se fosse um avião da Embraer (incompreensível). A Embraer ainda me deve uma explicação sobre aqueles 4 mil dispensados, porque está vendendo muito avião. Eu estou vendo muita gente falando... querendo comprar avião da Embraer. Até eu já comprei dois. E acho que... Viu, Artur, um dia nós vamos cobrar do Maurício a readmissão de uma parte daqueles 4 [mil] que mandaram embora.

Bem, mas de qualquer forma, eu queria que vocês tivessem consciência disso, olhem: nós chegamos onde nós chegamos por nossa responsabilidade. Eu acho que cada uma das pessoas mais humildes deste país - que falou contra, que falou a favor, aqueles que aparecem neutros nas pesquisas - acho que todo mundo deu uma contribuição. Eu estou convencido de que a gente pode fazer muito mais. Estou convencido de que nós podemos fazer muito mais, e acho que o Brasil, cada vez mais, estará importante no mundo.

Eu conversei com um embaixador brasileiro esses dias, Miguel Jorge, e ele me dizia assim: “Presidente, eu” – não vou dizer o governo – “eu trabalhei no Banco Central e eu fui muitas vezes a Washington com ministros e presidentes do Banco Central brasileiro negociar a dívida externa”. E ele dizia para mim: “Presidente, acho que nenhum de nós que foi ao FMI tem coragem de relatar o que acontecia com a gente lá, porque a humilhação era do porteiro do prédio ao diretor-geral.” Eles nunca eram recebidos pelo diretor-geral, nunca. Porque o País não se dava conta do tamanho que tinha, o Brasil não se dava conta da importância que tinha. Ainda tem gente que age como se nós estivéssemos colonizados.

Eu lembro do orgulho, Gerdau, quando eu fiquei sabendo que você estava comprando fábrica nos Estados Unidos. Para mim, é a glória a gente saber que um banco brasileiro está comprando um banco lá fora, que uma



empresa brasileira está comprando uma empresa lá fora. É extraordinário! Os dirigentes sindicais de lá, Feijóo, vinham pedir para eu falar com o Gerdau: “pô, o Gerdau está sendo duro na greve”. Mas também é aqui dentro, mas também é aqui dentro. Mas, veja... Mas antes éramos nós que ficávamos pedindo favor aos dirigentes sindicais europeus e americanos para ajudar a gente. Então, é um motivo extraordinário de amostragem de como este país está mudando de patamar. E o importante é que isso seja consolidado definitivamente, que isso seja consolidado para que a gente ocupe o lugar que a gente tem.

Eu não tenho dúvida, Patrus, não tenho dúvida de que este país, dentro de alguns anos, será a quinta economia do mundo, não tenho dúvida nenhuma. É só a gente não ficar rasgando dinheiro, aplicando corretamente o dinheiro. Nós não podemos descuidar, em hipótese alguma, da nossa política fiscal. Eu sempre acho que a gente tem que agir como se fosse a mãe da gente: só gasta o que tem, só vai fazer dívida se puder pagar no final do mês. Não é porque tem eleição no ano que vem que vai se gastar dinheiro porque, depois, ganhando as eleições, não consegue pagar o que fez de despesa. Não vamos fazer loucura. A inflação tem que ser controlada e a responsabilidade é de todos também. Não é apenas do governo, é de todos.

E vamos continuar... Se você não sabe, Artur, este mês nós vamos bater recorde de geração de empregos outra vez no mês de novembro. Nós vamos chegar, no ano em que o presidente Obama está comemorando a diminuição da queda de emprego, nós vamos estar comemorando a criação de mais de 1 milhão e 300 mil empregos neste país, com viés – é isso, Guido? –, com viés de criar mais empregos ainda em 2010. Com viés de alta, com viés de alta.

Então, eu não sei se vou ver vocês mais, antes do Natal, mas eu queria dizer para vocês que valeu a pena... Tem duas coisas que eu agradeço a Deus, de vez em quando: uma foi o segundo turno das eleições de 2006. Era preciso ter o segundo turno. Foi Deus que colocou ali o segundo turno. Se eu tivesse ganhado no primeiro turno, 51,1[%] a 49 ponto... seria... ficaríamos, o ano



inteiro, as pessoas remoendo. Então, foi preciso ter o segundo turno, para diferenciar. E foi preciso ter a crise econômica para alguns perceberem que não é apenas uma questão de sorte. É porque este país está arrumado, porque [com] menos do que a crise que nós vivemos, este país quebrou três vezes.

Vocês não sabem o orgulho que eu tenho quando o Guido veio falar assim para mim: “Ô Lula – ele não me chama de Lula, ele me chama de presidente – ô presidente, o negócio é o seguinte: nós decidimos emprestar 10 bilhões para o FMI, mas eles estão precisando de 14 [bilhões], o que nós fazemos?” Vamos emprestar 14 [bilhões], vamos emprestar 14 [bilhões]. Agora, nós emprestamos 14 [bilhões], e agora nós temos direito de veto, vejam que chique. Vejam que chique, o Guido ser consultado para saber se a gente pode emprestar não sei para quem. Parece pouco isso, mas é uma... quem não conquistou liberdade, quem não lutou por liberdade não sabe o valor de uma conquista como essa. Eu acho que ainda falta muito, Guido, falta muito.

Vai chegar o ano, muita gente vai deixar o governo, vai ser candidato. Eu não sei por que porcaria as pessoas querem ser candidatas, mas vão ser candidatas. Eu quero fazer como eu faria, se eu fosse técnico: no ano que vem, Guido, nós vamos ter que trabalhar muito mais, porque antes a gente não tinha nada e a gente não tinha com que se preocupar muito. Hoje nós já temos um patrimônio. E assegurar que esse patrimônio seja mantido vai exigir de nós mais trabalho do que nós tivemos este ano e no ano passado.

Portanto, eu quero que vocês passem o Natal, comprem todos os panetones que quiserem comprar, passem o Natal o mais tranquilos possível com as suas famílias. Os ministros vão descansar um pouco. Mas no ano que vem se preparem, porque no ano que vem nós, em vez de comemorar, em vez de ficar comemorando, nós vamos ter que trabalhar um pouco mais para que os trabalhadores melhorem, para que as empresas cresçam, para que o Brasil se fortaleça. E aí, sim, quando chegar o dia 31 de dezembro de 2010, nós vamos comemorar um ciclo e nos preparar para o próximo ciclo.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um grande abraço para vocês. Boa sorte, bom Natal, bom Ano Novo, e até o próximo ano.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia alusiva ao Dia Internacional contra a Corrupção**

Brasília-DF, 09 de dezembro de 2009

Excelentíssimo senhor Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Companheiros ministros do meu governo, Jorge Hage, do Controle e da Transparência; Tarso Genro, da Justiça; Juca Ferreira, da Cultura; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Márcia Bassit, interina da Saúde; general Jorge Armando Félix, do Gabinete de Segurança Institucional; e Luís Inácio Lucena, advogado-geral da União,

Meu caro procurador-geral da República, Roberto Monteiro Gurgel,

Meu caro presidente do Tribunal de Contas da União, Ubiratan Aguiar,

Meu caro corregedor nacional de Justiça, ministro Gilson Dipp,

Senhor Bo Mathiasen, representante do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime para o Brasil e Cone Sul,

Meu querido amigo Maurício de Sousa,

Eu, na verdade, Jorge Hage, não precisaria falar mais, por conta da boa apresentação que você fez e dos bons pronunciamentos. A frase que resume tudo é aquele menininho que disse que todo mundo tem a chance de ser um cara legal. Não é? Poderia ficar resumido naquilo. Se a imprensa não colocasse nada mais, só colocasse aquele menininho falando: “ser honesto torna a pessoa um cara legal” já seria muito importante.

Mas eu queria, Jorge, dizer para você o seguinte: o meu discurso, certamente, teve a tua orientação para a minha “fábrica de discursos”. Eu tenho uma “fábrica de discursos”. Então eu, na verdade... (risos) não, porque é assim no governo, os caras orientam o discurso, mas depois eles fazem o discurso



que eles orientaram (risos). Então... bem, eu não vou... portanto, eu não vou ler o discurso, para ganhar um pouco de tempo.

Eu só queria dizer para vocês que essa lei que eu assinei agora, e espero que o Congresso Nacional discuta e aprove, ela envolve todas as instâncias da República Federativa do Brasil: é o Poder Judiciário, é o Ministério Público, é o Tribunal de Contas da União, são os ministros, o presidente, o vice-presidente. Pode ser que não resolva, mas se o Congresso aprovar, pelo menos a gente começa a passar para a sociedade que não existe a ideia da impunidade, porque o que leva o povo inteiro, e se fizer uma pesquisa, vai dar 90% achando que tem impunidade, é que ele percebe que um cara que rouba um pãozinho vai preso e um cara que rouba 1 bilhão não vai preso. Isso está muito forte na cabeça das pessoas. E aquele documentário mostrado pelas Nações Unidas aqui, do que poderia ser feito no mundo e no País com o dinheiro que é desviado...

Vamos pegar a nossa crise econômica, para ver o que aconteceu. Vamos analisar corretamente o crime que o sistema financeiro internacional cometeu com a Humanidade. Quantos bilhões de dólares os cofres públicos dos países ricos tiveram que colocar no sistema financeiro, que quebrou por especulação, sem gerar emprego, sem gerar distribuição de renda, e o dinheiro que faltou para ajudar os países pobres do mundo apareceu para salvar os banqueiros que tinham quebrado os Estados? Se nós não aumentarmos a punição para essa gente, nós vamos continuar enchendo as cadeias de pobres e vamos continuar vendo a corrupção correr solta no mundo.

E essa proposta da lei, viu, Tarso e Jorge, eu vou levar para o G-20. Vou levar para o G-20, porque ou nós atacamos verdadeiramente... O que é o paraíso fiscal, senão uma corrupção? O que é a existência de paraísos fiscais, que não um processo de corrupção de alguém que não quer pagar os seus impostos adequadamente? E as pessoas não querem discutir isso, porque aí você está mexendo com interesses de gente, como diria o Zeca Pagodinho,



que tem bala na agulha, de gente que tem café no bule. Você não está mexendo com o baixo clero. Você está mexendo com o alto clero, quando você toma uma atitude como essa.

Então, eu acho, viu, Jorge... Primeiro, eu fico muito feliz com o trabalho que a CGU vem fazendo. Eu, sinceramente, sou um homem que posso terminar o meu mandato, daqui a um ano, agradecendo o trabalho que está sendo feito neste país, e sempre que a gente faz muito, ainda falta muito para fazer. A contribuição que o Ministério Público dá, a contribuição que o Tribunal de Contas dá, a contribuição extraordinária que a Polícia Federal dá, a contribuição que a CGU dá, acho que não tem país no mundo que tenha um sistema de fiscalização que tem o Brasil.

Eu digo para vocês, de outros países, que muitas vezes a corrupção não aparece, em muitos países, porque não há investigação. A corrupção... se o aparelho do Estado e todas as suas estruturas fossem um corpo humano – o Poder Judiciário, o Ministério Público, o Tribunal de Contas, o Parlamento, o Executivo, os ministros –, se nós fôssemos um corpo humano, nós precisaríamos fazer check-up todos os anos, porque somente fazendo check-up é que você consegue antever uma coisa grave ou descobrir uma coisa grave. Por isso que é importante o processo de investigação. Você veja uma coisa: eu faço check-up todos os anos, Jorge. Todos os anos eu faço check-up. Check-up, também, não é coisa para qualquer um. É coisa para gente mais chique. Este ano eu não fiz. Eu não fiz porque o José Alencar está com problema de saúde, a Dilma teve o problema dela. Eu falei: pô, se eu fizer e der alguma coisa também, a República está desgraçada. Aí eu falei para o meu médico: olha, vamos esperar, eu faço em janeiro. A Dilma já sarou. O José Alencar tem uma notícia extraordinária, que surpreendeu os mais otimistas: o tumor dele já diminuiu 60%. É uma coisa extraordinária, que eu não sei se existe explicação só científica para isso. O José Alencar já está até pensando em ser candidato nas eleições de 2010. Eu nunca vi tanta vitalidade. Então, eu



me guardei, para fazer em janeiro o meu check-up. Se der alguma coisa, sou só eu. Senão, era a República inteira.

Mas então, eu acho que o trabalho que nós estamos fazendo é quase que fazer check-up, porque a corrupção é uma coisa difícil de descobrir. Às vezes, o corrupto é o cara que tem a cara mais de anjo, é aquele cara que mais fala contra a corrupção, é aquele cara que mais denuncia, porque ele acha que ele não vai ser pego. Esse é o problema da bandidagem: é que o cara acha que sempre vai dar no outro e ele vai sair impune, e de vez em quando a arapuca pega o seu passarinho, de vez em quando as pessoas são pegas.

Eu acho que nós devemos isso às instituições que nós criamos. Falta muito? Falta. Mas nós precisamos ter consciência de que, embora sejamos cobradores de nós mesmos, nós temos que ter consciência de que nós estamos andando a passos largos e, cada vez mais, fiscalizar mais, porque são muitas instituições que lidam com o dinheiro público; é muita transferência de dinheiro do governo federal para os entes federados; são muitos convênios que os Ministérios fazem com instituições da sociedade civil. E precisa controlar mesmo, não tem outro remédio.

Eu sei que isso é muito difícil, mas eu acho que nós precisamos ter a coragem, a consciência de que nós precisamos fazer o que estiver ao nosso alcance para que a gente, um dia, se não for possível se livrar da corrupção como um todo, que se livre da corrupção ou da maioria dela. Eu acho que nós estamos...

Eu, quando vi, Jorge, o número de funcionários públicos que já foram demitidos – dois mil, oitocentos e poucos –, 2.350, que eu vi, é um número extraordinário. Às vezes, a corrupção é como uma droga. Tem um pai que vê na televisão um adolescente sendo pego por droga, ele acha que é só o filho dos outros que tem droga. Ele não sabe que, às vezes, ele tem dentro de casa. Às vezes, o filho dele está queimando um “baseadinho” no quarto, e ele não sabe. A corrupção é assim. Às vezes ela está dentro da tua casa, ela está na



tua porta e você não sabe.

Qual é a forma que nós temos como saber? Primeiro, a investigação, o check-up. Check-up todos os anos. Por isso, a Polícia Federal tem que ser mais eficiente; por isso, o Tribunal de Contas tem que ser mais eficiente; por isso, o Ministério Público tem que ser mais eficiente. Tudo sem exagero, levando em conta que todo ser humano é inocente até prova em contrário, para que a gente não faça o inverso: todo mundo é culpado até prova em contrário. Então, eu penso que nós temos que ser cada vez mais eficientes, cada vez utilizar mais as tecnologias ao nosso alcance para que a gente possa controlar cada vez mais o dinheiro público. Essa é uma coisa importante.

A outra forma de você saber é o processo de denunciar. As pessoas que denunciam têm que ter garantia de que vão ser protegidas. Às vezes, você fica sabendo por uma informação. É como doença. Quanto remédio, Luiz Fernando, diretor da Polícia Federal, você já tomou porque você estava tomando um drinque com um amigo teu, em algum lugar... no tempo em que você tomava drinques, quando você não tinha a responsabilidade de diretor-geral da Polícia Federal. Você estava tomando um drinque num lugar, lá em Porto Alegre, tomando um chimarrão, e aí você contava algum sintoma que você estava sentindo e o cara do teu lado falava: “toma tal remédio”, e você vai e toma o remédio. A corrupção é assim: se alguém der um sinal de que tem, você vai atrás, e às vezes tem alguém que sabe... É como a violência contra a mulher. Às vezes, tem alguém que sabe que tem violência, e a própria mulher que é vítima tem medo de denunciar porque não sabe o que vai acontecer com ela no dia seguinte.

Então, a corrupção, nós precisamos motivar as pessoas que sabem a denunciar, porque a punição tem que ser para o corrupto e tem que ser para o corruptor, porque a moeda não tem só um lado, ela tem dois. Então, é preciso que a gente seja duro.

Eu, Gilmar, estou feliz, com os avanços que a gente tem conseguido no



Poder Judiciário. Eu acho que o mundo ainda vai ouvir falar muito do Brasil, ainda vão sair muitas manchetes de corrupção no Brasil, e é bom que saiam. Quero dizer para vocês que, como Presidente da República, eu prefiro que saiam manchetes para a gente poder investigar, do que não sair nada e a gente continuar sendo roubado, e não saber o que está acontecendo neste país. É muito melhor.

Portanto, eu acho que neste dia 9 de dezembro, em que se comemora o Dia Internacional de Combate à Corrupção, eu queria dizer para vocês, meus filhos: vocês já fizeram muito, mas imaginem o tamanho da Muralha da China. Imaginem cada vez que o chinezinho chegava lá para ir construir a muralha, que ele via o quanto faltava.

Então, o que eu quero dizer para vocês é que não é para desanimar, porque ainda tem muita pedra para colocar e tem muita pedra para a gente, ainda, tirar do nosso caminho. A convocação que eu faço é que se a gente está trabalhando muito e fazendo muito, nós temos que fazer muito mais e trabalhar muito mais, para que a gente coloque na cadeia quem deve estar na cadeia. Não é possível, neste país, quem mata um tatu, uma paca é crime inafiançável. E o cidadão rouba o equivalente a comprar um milhão de pacas e não é crime hediondo, não é inafiançável?

Então, eu acho que nós temos que ser duros. Obviamente que não é a solução, como disse o Jorge Hage, a única solução, porque tem país que tem pena de morte e assim mesmo as pessoas continuam praticando corrupção. Mas é mais um degrau na escalada de combate à safadeza com o dinheiro público neste país.

Parabéns, Jorge Hage, e muito obrigado a todos vocês.

Eu vou só comunicar que eu vou sair correndo porque eu tenho que ir até o Itamaraty, porque tem outro ato em que eu tenho que estar presente, lá.

Um abraço e boa sorte. Quero parabenizar os nossos companheiros do mundo africano de língua portuguesa. Um abraço e boa sorte.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega do Prêmio Caixa Melhores Práticas em Gestão Local
2009/2010**

Brasília-DF, 09 de dezembro de 2009

Bem, eu... você sabe que eu fiquei... Desculpe a brincadeira, Lindenberg, mas quando você chegou aqui e você gritou: “Oi, amor”... Eu vi tanta mulher bonita na minha frente que eu falei: eu também vou falar “oi amor”.

Eu quero cumprimentar a companheira Dilma,

O nosso companheiro Pimentel,

O companheiro Patrus,

Nossa querida companheira Maria Fernanda, presidenta da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar os companheiros vice-presidentes da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do Rio de Janeiro,

E dizer para vocês que é muito gratificante a gente participar de um ato reconhecendo as boas práticas na gestão pública do nosso país. Por que é gratificante? Porque, habitualmente, o administrador público é olhado apenas com os defeitos, ou seja, muitas vezes as pessoas estão apenas procurando o que as pessoas não fizeram, para fazer uma crítica. E, às vezes, uma coisa boa que poderia servir de exemplo para outras cidades não é mostrada. Vocês que são prefeitos sabem quantas coisas boas vocês fizeram, que ninguém ficou sabendo fora da rua que vocês fizeram, do bairro ou da vila que vocês fizeram. Mas, se o Ministério Público for lá, se a Polícia Federal for lá, se o



Tribunal de Contas for lá e pegar um defeito, até antes de ser provado vocês irão aparecer na televisão, em rede nacional.

Eu penso que essa decisão da Caixa Econômica Federal de reconhecer as boas práticas políticas vai permitindo que algumas coisas diferentes possam acontecer no Brasil. Ou seja, sabedores de muitas das práticas, qualquer um de nós que está aqui poderá, em qualquer cidade do Brasil ou em qualquer lugar do mundo, citar como exemplo as coisas que a gente viu aqui. Escolha uma, e citar aquela que mais esteja afinada com aquilo que a gente sente, como diria nossa companheira (incompreensível) de Santos, que “a gente sente as emoções, as emoções”.

Pois bem, hoje eu já participei, de manhã, de um evento que entregou um prêmio às prefeituras que tiveram a melhor prática da merenda escolar. E, aqui, teve prefeito que recebeu os dois – recebeu aqui e recebeu de manhã. Eu penso que isso é importante porque vai disseminando junto à sociedade, junto aos administradores, que tem alguém, mesmo que de longe, olhando para as coisas ruins que a gente faz, mas também tem gente olhando para as coisas boas que a gente faz. Então, eu não poderia, Maria Fernanda, deixar de dar os parabéns à Caixa Econômica Federal por esta decisão extraordinária de começar a premiar as pessoas. Ninguém mais neste país, ninguém mais lida com prefeito como a Caixa Econômica Federal, ninguém mais. Portanto, ninguém melhor para dar prêmio às boas práticas da prefeitura do que a Caixa Econômica Federal. Portanto, meus parabéns à Maria Fernanda, meus parabéns aos vice-presidentes da Caixa e meus parabéns aos funcionários da Caixa. Até aos grevistas da Caixa eu vou dar parabéns.

Bem, eu... Não, é a primeira vez que eu venho à Caixa a convite da Caixa. Como a Caixa esteve em greve durante muito tempo não teve tempo para me convidar. Depois, dizem que eu vou mais ao Banco do Brasil, porque lá neste ano teve menos greve do que na Caixa, então eu fui mais ao Banco do Brasil. Mas eu vim aqui apenas na entrega, naquela festa de literatura de



cordel, que foi aqui neste salão. Aliás, eu acho que pela dimensão que a Caixa ganhou, este salão está pequeno. Este salão era do tempo da ditadura militar e que não vinha público aqui. Agora, vem... eu acho que a Maria Fernanda poderia botar a mão no bolso, aprovar no Conselho e fazer um salão um pouquinho maior do que este. Mas, de qualquer forma, está bom. Já está cheio de gente, já está bom.

Agora, eu penso que é importante valorizar um pouco a Caixa. E, aqui, eu vou ler só algumas coisas para lembrar vocês: a Caixa está, nos últimos anos, recuperando a sua autoestima. Depois de atravessar toda a década de 90 exercendo um papel subordinado que lhe foi imposto, o de coadjuvante, em um cenário em que os protagonistas principais eram apenas o Banco do Brasil e o BNDES, a Caixa era o “patinho feio” dos bancos públicos brasileiros. A instituição e seus funcionários também sofreram muito naquela época. Primeiro, porque teve uma ameaça de privatização e tentativas de transformação da Caixa Econômica Federal em um mero banco comercial. Esse sentimento começou a ser combatido no nosso governo, pelo sentido estratégico que foi dado à Caixa Econômica Federal.

A Instituição assumiu a sua verdadeira natureza de banco público socialmente orientado e estratégico para a operacionalização das políticas sociais do Brasil, inclusão bancária, habitação e saneamento básico. Mais ainda, a Caixa é que opera o Bolsa família, Minha Casa, Minha Vida e está envolvida na grande maioria das obras do PAC, além da extraordinária inclusão bancária que a Caixa Econômica assumiu nesses últimos anos.

Com a crise econômica, que foi a maior dos últimos tempos, esse papel foi ainda muito mais importante. A Caixa respondeu imediatamente, sem vacilações. Abriu linhas de crédito e contribuiu para baixar os juros. Tal movimento serviu de regulador das taxas e indutor da retomada da concessão de créditos bancários.



Eu me lembro que eu chamava sempre o BNB, o Basa, a Caixa e o Banco do Brasil, que eu queria saber se estavam reduzindo os juros. Sem menosprezo a nenhum outro banco, mesmo que pouquinho, mas quem toda vez me telefonava: “Presidente, estamos reduzindo mais um tiquinho”. O dado concreto é que a Caixa virou um banco muito importante neste país. Não é apenas uma coisa mais (incompreensível). A Caixa assumiu protagonismo no projeto brasileiro de desenvolvimento com redução da desigualdade. Isso só foi possível a partir do momento em que a instituição assumiu sua essência de banco público, que está na sua origem e é a sua vocação para o futuro.

A Caixa está batendo todos os recordes possíveis nas áreas em que atua. E faz isso sem comprometer a sustentabilidade e a rentabilidade empresarial. É o melhor momento da história da Caixa. Não tenho medo de dizer isso aqui: é o melhor momento da história da Caixa Econômica, desde que ela foi fundada há 149 anos. Eu espero que no dia 11 de janeiro a gente seja convidado para um coquetel, para comemorar os 150 anos da Caixa Econômica Federal, onde ela vai anunciar outro século.

Eu tenho clareza de que a Caixa, como o Brasil, como o Banco do Brasil, como o BNDES, como o BNB, como o Basa, eu acho que o sistema financeiro público brasileiro, primeiro, foi responsável, em parte, para que a gente evitasse a crise econômica. A Caixa Econômica comprou a carteira de bancos menores, a Caixa Econômica baixou os juros, até comprou 35% do PanAmericano. A Caixa deixou de ser aquele “banquinho” que parecia que fazia favor. Sabe aquele banco? “Ah, eu existo porque de vez em quando eu faço um favor para as pessoas”. Não! A Caixa tem que ser um banco com uma função social muito nítida, mas ela tem que ser competitiva, ela tem que disputar. E ela ainda tem a vantagem e a primazia de que grande parte das políticas públicas do governo é canalizada pela Caixa Econômica Federal, porque é a nossa Caixa. Não são apenas os funcionários da Caixa ou do Brasil.



Então, eu quero fazer um reconhecimento. Eu briguei muito com a Maria Fernanda. Ela, com esse jeitinho manso dela... Eu me lembro quando fui chamá-la para ser a presidente da Caixa, ela nem sabia, eu já tinha conversado com outras pessoas. Chega lá essa nordestina esguia, cabeça erguida, tendo aquele jeitinho de que “eu não quero”. E foi isso que me ganhou para escolhê-la presidenta da Caixa Econômica Federal, a simplicidade dela, a humildade. Eu vou contar um segredo, aqui. Ela me contou o seguinte: “Olha, Presidente, eu tenho um irmão que trabalha em um governo que faz oposição ao senhor. E eu penso que não combina muito o senhor me chamar para presidente da Caixa, se o meu irmão trabalha para outro partido político”. Eu achei isso tão maravilhoso! Primeiro, porque eu não sabia que ela tinha irmão. Não tinha nenhuma obrigação de me falar. Depois, o irmão dela está a 1.800 quilômetros de distância de mim, não ia me causar nenhum problema. Segundo, ou melhor, terceiro, em que ele poderia atrapalhar? Afinal de contas, que culpa você tem de ter um irmão... que culpa você tem? E foi esse jeito meigo, por coincidência, pernambucana, que me fez chamar a ministra Dilma e falar: já escolhi a presidente da Caixa Econômica Federal. Eu acho que foi um bem. Um bem, porque eu acho que a cada dia que passa nós temos que dar a nossa contribuição para provar que as mulheres não podem mais ser tratadas como cidadãs de segunda classe, e isso é mais fácil a gente provar na prática do que no discurso. Segundo, porque a Maria Fernanda conseguiu, com esse jeitinho dela, imprimir um ritmo de confiabilidade dentro da Caixa.

Eu aprendi muitas lições neste governo. Eu acho que nós vamos caminhando para um momento em que quanto menos gente de fora a gente tiver nas instituições – como a Caixa, o Banco do Brasil – melhor. Se a gente ajudar a formar... Não é... é porque fora pode até ter gente melhor. É porque a carreira de um funcionário qualificado é muito difícil. Ele, às vezes, leva 30 anos para galgar um degrau, e quando está chegando a vez dele, vem outro e pega. É verdade. É como se eu pudesse pegar um general. Um general



demora 35 anos para chegar a general, ou 40 anos. Quando vai chegando a vez dele, pega um cara de fora: “Não, o general vai ser de fora, aqui”. Um embaixador. Um embaixador, gente, a gente pensa que é fácil, eles levam mais de 35 anos para chegar ao último posto. Quando ele está pensando em ir para Portugal, a gente pega um cara, um poliglota, e manda logo para Portugal.

Então, eu resolvi tomar uma decisão de que quanto mais a gente valorizar o pessoal de carreira, mais a gente vai tendo instituições públicas fortes, com profissionais altamente qualificados, com planos de carreira bem feitos, para que todo mundo saiba que todo mundo tem chance de disputar em igualdade de condições.

Por isso, eu acho que a Caixa Econômica Federal está de parabéns. Acho que a Caixa não está batendo recorde apenas de financiamento de casas. De casas, não sei se você sabe – não sei se vocês sabem – que no governo Figueiredo, que foi o período em que mais se fez casas neste país, fizeram 436 mil casas. E nós, em cinco anos, já estamos com 498 milhões... [489] mil casas, [489] mil casas; 498 ou 489? É um número desses. O nove eu não esqueço porque foi o ano em que eu perdi as eleições e tomei um ovo na cabeça lá em Osasco, não esqueço nunca, 89. Não apenas por isso, é porque a Caixa, que durante muito tempo foi tratada como se fosse uma coisa pesada, “é muito duro carregar a Caixa, ela é deficitária, o Tesouro tem que colocar dinheiro, nada funciona, tudo é lerdo”... A Caixa está, muito rapidamente, se transformando no centro de excelência do sistema financeiro brasileiro, honrando o serviço público brasileiro.

Por isso, parabéns, querida Maria Fernanda. Parabéns aos vice. E pelo amor de Deus, não acreditem em tudo o que eu falei... Vão pedir aumento de salário, agora... Vamos abaixar o facho aí, com esse negócio de aumento de salário, porque nós precisamos distribuir um pouquinho do dinheiro que a Caixa ganha para os pobres deste país.



Mas de qualquer forma, parabéns. Parabéns aos prefeitos. Acho que vocês devem colocar este troféu que vocês ganharam, esse quadro, com muito orgulho, com muito orgulho, em um lugar de destaque na sala de vocês, porque não é todo mundo que consegue ganhar um prêmio de boa gestão neste país.

Eu tenho certeza, tenho certeza de que se fosse em dinheiro o prêmio, vocês iriam gastar ao sair daqui. Mas uma peça bonita dessas, vocês vão guardar. E toda vez que alguém olhar, vai perguntar: “O que é isso aqui?” Vocês vão dizer: “É o prêmio de tal projeto que a prefeitura ganhou”.

Então, que Deus continue alimentando a mente de vocês, para que vocês consigam produzir mais exemplos, e muitos exemplos, porque o Brasil está precisando de muitos bons exemplos.

Um abraço e que Deus abençoe a todos nós.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de entrega do Prêmio Gestor Eficiente da Merenda Escolar 2009
- 6ª Edição**

**Centro de Eventos e Convenções Brasil 21 – Brasília-DF, 09 de dezembro
de 2009**

Não, eu tenho fome de justiça. Por falar em justiça, hoje eu mandei para o Congresso Nacional um projeto de lei colocando a corrupção entre os crimes hediondos e inafiançáveis. Isso envolve o presidente da República e o vice-presidente, governadores e vice-governadores, prefeitos e vice-prefeitos, Ministério Público, Tribunal de Contas da União, ministros e secretários, ou seja, quem tem o poder de decisão na esfera pública.

Não é possível que a gente não consiga vencer, com mais rapidez, esse “câncer” que mancha as administrações públicas no mundo inteiro.

Bem, querido companheiro José Alencar,

Querido ministro Fernando Haddad,

Patrus Ananias,

Deputado federal Nazareno Fonteles, presidente da Frente Nacional de Segurança Alimentar,

Deputados Lupércio Ramos e Zenaldo Coutinho,

Meu caro companheiro Toninho Trevisan, presidente do Comitê Gestor da Ação Fome Zero,

Viviane Vieira, a quem acabei de entregar o prêmio em homenagem às merendeiras,

Prefeitos,

Companheiros e companheiras,

Vocês viram que a minha tese de comer antes estava no ponto. Imagina



se eu fosse falar aqui, e vocês com fome.

Primeiro, dizer para vocês que a minha querida companheira, a dona Marisa, não veio porque, como é uma semana em que eu estou ficando muito tempo fora de Brasília, ela ficou em São Paulo com os filhos. É a primeira que ela não vem, mas eu estarei aqui, o meu lado feminino, representando a minha mulher.

Bem, um dado importante que o companheiro Fernando Haddad falou é que o Bolsa... o Programa Nacional de Alimentação Escolar, ele foi estendido para os alunos do ensino médio, para os alunos da Educação de Jovens e para os adultos.

Todos vocês já sabem o investimento que se faz hoje, no Programa da Merenda Escolar, portanto, eu não vou citar dinheiro aqui, não vou citar número. Eu queria apenas dizer para vocês uma coisa importante. Eu não sei se o Consea está aqui presente, se o Renato Maluf está aqui, se não está... Mas os companheiros da direção do Consea, que têm dado uma contribuição extraordinária para que esse programa continue crescendo, e foi graças a esta sintonia articulada que nós aprovamos e sancionamos a Lei 11.947, em junho, que ela representou um salto extraordinário.

Além de ampliar o PNAE, a nova lei garante que pelo menos 30% da merenda escolar seja comprada obrigatoriamente da agricultura familiar. Ou seja, ela cria um elo institucional entre a merenda escolar e o desenvolvimento local junto com os pequenos agricultores. Esse é um passo extremamente importante.

E outra coisa importante é que a nova legislação também estabelece que os cardápios elaborados por nutricionistas devem respeitar a cultura e a tradição alimentar da região. Esse é um outro dado extremamente importante para que a gente possa respeitar os hábitos das pessoas. Eu acho que, além de ajudar o agricultor no seu município, além de desenvolver o município, eu penso que essa da gente dar aquilo que as pessoas estão habituadas – ou ela



que não está habituada, mas que a região come –, é uma medida respeitosa, e é uma medida de sensibilidade.

Bem, com a crise econômica, ficou muito mais visível para as pessoas a importância do papel do Estado como indutor do desenvolvimento, implementando políticas sociais que visam a eliminação da pobreza e a redução das desigualdades. Eu vou dar um número para vocês que é muito importante aqui: as políticas sociais do Governo, elas representam hoje, só na mão do ministro Patrus Ananias... o dinheiro que o Ministério administrava, saltou de R\$ 11,4 bilhões para R\$ 33 bilhões, ou seja, é muito dinheiro, se a gente olhar só os números, mas pouco dinheiro, ainda, diante da necessidade de melhorar cada vez mais a vida do povo mais pobre do País.

Aqui é fundamental, Patrus, a gente ressaltar o protagonismo da sociedade civil durante esse processo. Em um país heterogêneo e grande como o nosso, se não fosse a participação ativa, por exemplo, das organizações não governamentais, não conseguiríamos fazer as mudanças profundas que o País tanto necessita. Ou, se fizéssemos, poderíamos demorar muito mais, e não temos tempo a perder, porque para quem sente fome, um minuto a mais de espera por comida parece uma eternidade.

Eu queria parabenizar, primeiro, as pessoas que trabalham com a merenda escolar, que vai desde... A verdade é que se nós não tivéssemos um conjunto da sociedade brasileira composto por pessoas abnegadas, pessoas que se dedicam além da conta, pessoas que não levam em conta a jornada de trabalho, pessoas que não levam em conta o partido a que o prefeito pertence, pessoas que colocam acima de tudo a sua alma e o seu compromisso com a cidadania, a gente não teria o sucesso que a gente tem no Programa de Segurança Alimentar, através da merenda escolar.

Eu quero agradecer aos prefeitos. Na verdade, eu gostaria que estivessem aqui os 5 mil prefeitos, eu gostaria. Mas esse é um processo de motivação, a gente não tem como obrigar os prefeitos a se inscreverem, e nem



queremos obrigar. O que nós queremos é mostrar para o prefeito uma forma de incentivá-lo a participar das coisas, a fazer mais e melhor aquilo que ele tinha obrigação de fazer bem. Porque é como se nós nos sentássemos à mesa para comer com a nossa família e a gente ficasse reclamando da comida, quando, na verdade, a gente deveria elogiar quem fez a comida para a gente. Como é que conseguiu fazer o milagre de fazer uma comida boa sem os condimentos todos que necessitava.

Então os prefeitos que se dedicam, eu tenho consciência de que é uma motivação a mais, eu tenho consciência de que o prefeito sente orgulho e muito orgulho, primeiro, de se inscrever, segundo, de participar, e muito mais orgulho sente um prefeito de ganhar um prêmio. Ou seja, poder colocar em sua sala um prêmio de um prefeito que ganhou pela boa aplicação e gestão de uma coisa que é quase sagrada para o ser humano. A merenda, a comida, para uma criança de sete anos, 10 anos, 12 anos, 15 anos é um motivo de orgulho extraordinário. Eu tenho certeza de que um prêmio como este, não pela importância dele, porque em dinheiro não vale muita coisa, o prefeito não vai nem poder vender quando deixar a prefeitura, mas eu acho que é um símbolo moral, ético, de ele dizer: “Eu sou honesto no cumprimento da minha obrigação, estou cuidando das crianças da escola como cuidarei e como cuido dos meus filhos, dentro de casa”.

Portanto, aos prefeitos meus parabéns. Podem ter certeza, podem ter certeza que todos os prefeitos são legais, todos os prefeitos são bons, todos os prefeitos merecem muitas coisas. Mas vocês, que foram premiados, merecem uma coisinha a mais, porque foram mais dedicados, tiveram mais compreensão, mais amor e, portanto, vocês foram os vencedores.

Por último, agradecer ao companheiro Toninho Trevisan a dedicação. Todo mundo pensa que trabalhar nesse negócio é vir aqui no dia, fazer um almoço, um discurso e ir embora. Mas tem que ter uma política de inscrição, de acompanhamento das cidades, de convencimento das pessoas. E fazer isso



sem ganhar salário é muito difícil, Toninho. Por isso, eu quero agradecer a você e aos voluntários que te ajudam, porque senão a gente não teria o sucesso que a gente está tendo, neste programa.

Não importa que a gente começou com 309, mas se a gente tivesse começado com um, o importante é que nós começamos. E você viu aquele gráfico que você mostrou. Você precisa saber, Toninho, que a Muralha da China começou com uma primeira pedra, olha quantas pedras eles colocaram. Você viu quantas pedras nós já colocamos, ou seja, daqui a pouco nós vamos ter quase todos os prefeitos participando, muito mais premiação. E aí, quem sabe, não precisa nem do governo mais controlar, porque a sociedade civil estará preparada para controlar.

Parabéns a todos vocês. E que Deus continue colocando na alma e no coração de vocês essa força de vontade e esse carinho que vocês têm.

Que Deus abençoe todos vocês. E espero que a comida tenha sido de boa qualidade. Me parece que o Toninho Trevisan economizou no cardápio aqui, para poder aumentar o cardápio da merenda escolar.

O que... Não, veja, deixa eu dizer uma coisa aqui: o negócio do aumento da merenda escolar, o Fernando Haddad veio aqui, enrolou, passou, passou... A verdade é a seguinte: nós temos que aumentar a merenda escolar. Eu só quero, até por uma questão de relação entre o Fernando Haddad e o Ministro da Fazenda, porque eles tinham combinado uma coisa ontem e eu descombinei essa coisa. Mas mesmo eu sendo o Presidente, descombinando, não é bom tornar público antes de eles combinarem o que eu quero que eles combinem, sabe?

Então, na verdade, é apenas uma coisa respeitosa, porque todo mundo fica chateado quando sai uma notícia no jornal antes de a pessoa saber. Então, é só isso, amanhã a gente anuncia o que a gente vai aumentar na merenda escolar. E, por mais que a gente aumente, ainda é pouco, diante do que nós queremos fazer neste país.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço, gente, e boa sorte.

Eu queria comunicar a vocês que o Presidente da República vai se retirar.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de contratos do Programa Minha Casa, Minha
Vida**

São Luís-MA, 10 de dezembro de 2009

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Maranhão,
Companheiros prefeitos e prefeitas do estado do Maranhão,
Governadora Roseana Sarney,
Ministra Dilma Rousseff,
Ministro Edison Lobão,
Ministro Marcio Fortes,
Vice-governador João Alberto,
Deputado Marcelo Tavares, presidente da Assembleia,
Meu caro prefeito João Castelo,
Deputados federais,
Desembargadores,
Senadores,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu estou indo um pouco rápido, aqui, porque eu estou com um problema crônico de horário. Eu tenho um jantar ainda hoje, com o Presidente do Peru, em Lima e, daqui para lá são cinco horas de viagem. Se fosse olhar o horário do Peru seria fácil, porque lá está duas horas a menos do que o horário nosso. Mas, se eu chegar lá nove horas da noite do meu horário, já são 11 horas da noite... Ou seja, se eu chegar às 9 do horário de lá já serão 11 horas da noite do meu horário.

Então, eu vou ser muito breve, porque também seria repetitivo, depois do que falaram as pessoas que me antecederam, e também porque o ato



principal foram as assinaturas feitas entre o governo federal, estadual, prefeitos e empresários sobre os contratos que nós estamos firmando aqui.

Eu queria apenas dizer para o povo do Maranhão que nós ainda temos um outro programa para lançar. E queria lembrar aos prefeitos das cidades com menos de 50 mil habitantes que, talvez, ainda este ano, vai depender da minha agenda, ou no começo do próximo ano, a gente vai ter que juntar, lá em Brasília, pelo menos 1.500 prefeitos, para discutir o início do programa habitacional nessas cidades, e vamos começar com R\$ 1 bilhão, para construir casas nas cidades com menos de 50 mil habitantes. Portanto, não terminou ainda todo o processo de firmar acordo com prefeitos.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que o Brasil, depois de tanto tempo mal gerenciado, o Brasil, depois de tanto tempo privilegiando, cada vez mais, as regiões mais ricas do País, o Brasil encontrou o seu caminho e o melhor jeito de governar o País. Não era possível a gente continuar vendo o Brasil tendo uma parte do Brasil cada vez mais rica e outra parte do Brasil cada vez mais pobre.

Se a gente pegar os dados da área da saúde, do IBGE, do Ministério da Saúde, da Unicef, das Nações Unidas, a gente vai constatar uma coisa muito grave no Brasil: você pega a região Sul e Sudeste, é a região que tem mais doutores, é a região que tem mais mestres, é a região que tem mais pesquisadores, é a região que tem mais dentistas, é a região que tem mais médicos, é a região que tem mais tudo. E se você pega a parte do Nordeste e do Norte, você vai constatar que é exatamente o contrário. Era no Nordeste e no Norte que a gente tinha menos pesquisadores, menos mestres, menos doutores, menos hospitais, menos médicos... O que a gente tinha mais? Mais analfabetos, mais desnutrição infantil, mais desemprego, mais mortalidade infantil. É nesse paradoxo que vivia o Brasil.

Uma outra coisa grave é que, se você pegar o grosso do dinheiro orçamentário da União, a maioria do dinheiro já ia para quem já tinha, e a



minoridade vinha para quem não tinha. Era uma inversão de valores total e absoluta. E aqui tem senadores do Maranhão, e tem deputados do Maranhão. Muitas vezes, a classe política do Nordeste contribuía para que isso acontecesse. Muitas vezes. Muitas vezes, nas votações, e eu lembro na Constituinte, a gente perdia votações importantes porque algumas bancadas de companheiros do Nordeste votava contra o Nordeste, para atender à pressão do Centro-Sul do país.

Bem, nós, agora, resolvemos inverter esse quadro. Não é uma tarefa fácil, não é uma coisa simples, como um passe de mágica. É um trabalho, que tem que ter um tempo, leva... tem um processo, e tem que ir subindo degrau por degrau. Qual é o prazer que eu tenho? Eu vi os números que o ministro das Cidades falou de saneamento básico aqui no estado do Maranhão. Ele falou, me parece, que quase R\$ 1 bilhão. Começou com 400, depois foi para 800, e depois chegou a 800.

Eu vou contar porque aqui tem o Lobão, que é senador, tem o João Castelo, que já esteve lá por Brasília, tem mais um senador e tem deputado. O que nós estamos investindo no Maranhão este ano e até 2010 em saneamento básico é mais do que tudo que o governo antes de mim investiu no Brasil inteiro. Sabe, por que, gente? Você pega uma cidade maravilhosa como Florianópolis, que tem praias exuberantes, parece uma cidade milionária e não tinha um metro de esgoto, porque a classe política brasileira, historicamente, não gostava de fazer saneamento básico. Tem muita gente que fala que é enterrar dinheiro. Por que o que é saneamento básico? Cavar um buraco, colocar umas manilhas, pegar os dejetos humanos que nós fazemos, canalizar para um lugar, tratar e devolver parte deles, bem-tratados, para não poluir os rios e o mar.

Mas isso custa caro, e isso ninguém vê. Não dá para ninguém colocar o nome da mãe, do pai, do avô, em uma manilha embaixo da terra, ninguém vê. Então, as pessoas preferiam fazer uma ponte, mesmo que não soubessem



para onde ela vai, para aonde ela vem. Eu lembro que na minha cidade, em São Bernardo do Campo, onde era o prédio do meu sindicato, em 1974, desapropriaram o prédio, fizeram uma ponte e passaram 15 anos depois da ponte pronta discutindo o que essa ponte ia ligar a que rua. Até que inventaram uma rua para poder dar razão à ponte.

Ora, o que eu acho que está mudando no Brasil? É que as pessoas estão percebendo que em vez de a gente colocar uma placa em uma ponte, homenageando um parente da gente, é muito melhor a gente colocar uma fotografia de uma criança bebendo água decente e não pisando em esgoto a céu aberto, é muito mais digno e muito mais decente porque significa que a gente está tratando da saúde daquela pessoa. Quem é médico sabe que cada vez que a gente investe em saneamento básico, a gente está investindo, na verdade, em saúde, que a gente está evitando que as pessoas fiquem doentes como deveriam ficar se não tivesse o tratamento de esgoto.

Então, nós temos consciência de que nós estamos fazendo no Brasil o maior investimento da história deste país em saneamento básico, em todas as cidades brasileiras. Eu não quero saber se o João Castelo é do PSDB, eu não quero saber se o outro é do PFL, eu não quero saber se é do PT. Eu quero saber se o povo está na merda e eu quero tirar o povo da merda em que ele se encontra. Esse é o dado concreto.

Para falar... É lógico que eu falei um palavrão aqui. Amanhã os comentaristas dos grandes jornais vão dizer que o Lula falou um palavrão, mas eu tenho consciência de que eles falam mais palavrão do que eu todos os dias e tenho consciência de como é que vive o povo pobre deste país. E é por isso que nós queremos mudar a história deste país. Mudar a história deste país não é escrever um novo livro. É escrever, na verdade, uma nova história deste país, incluindo os pobres como cidadãos brasileiros. Então, essa é uma coisa extraordinária.



A outra coisa extraordinária que está mudando no País é que – vejam que coincidência, minha querida Governadora, meu prefeito e meus ministros – exatamente eu – é ironia do destino –, exatamente eu, que não tenho diploma universitário, vou passar para a história do Brasil como o presidente que mais investiu em universidades neste país. É uma ironia, porque eu conheço gente que era da “fina flor” e que não fez uma, não fez uma, exatamente porque ele já tinha estudado e já tinha aprendido. Para que pobre aprender? Pobre? Pobre tem mais é que capinar. Pobre, se arrumar emprego de pedreiro já está bom. Isso é o que eles pensavam, mas nós não queremos que pobre seja apenas pedreiro. Queremos que ele seja engenheiro, queremos que ele seja médico, queremos que ele seja dentista. E é essa coisa que está mudando no Brasil.

É por isso que nós vamos entregar 14 universidades novas e 104 campi avançados neste país, levando extensões universitárias para o interior, porque essa meninada que está aí vai ser mais qualificada do que os pais deles, e os filhos deles vão ser mais qualificados do que eles. E aí, quando isso acontecer, o Brasil entrará no rol dos países de primeiro mundo porque não estará exportando soja ou minério de ferro estará exportando conhecimento, inteligência, tecnologia, valor agregado. É isso que está mudando no Brasil.

Ora, vocês acham que se não fosse eu na Presidência, se não fosse o Lobão, que é do Nordeste, alguém ia lembrar de levar uma refinaria para Pernambuco, para o Rio Grande do Norte, para Natal, para São Luís, para Fortaleza? Acham? Nem a Petrobras queria fazer, porque a Petrobras acha que as que ela tem já atendem aos interesses da Petrobras. Ora, mas os interesses da Petrobras são importantes, mas não são maiores do que o interesse do Estado brasileiro e do povo brasileiro.

Agora, que nós encontramos muito petróleo, nós não queremos vender petróleo cru, nós não queremos entrar na OPEP. Não. Nós não queremos entrar na OPEP, não. Nós queremos é exportar derivados de petróleo, é fazer gasolina *premium*. É tão chique, que nós vamos exportar a gasolina *premium*



para os Estados Unidos, para a Europa, para o Japão. Porque, se eles fossem mais espertos, eles fariam como nós, colocariam 25% do nosso álcool na gasolina, a gente produziria álcool à vontade para eles, eles iriam despoluir o Planeta e não estariam tão preocupados com a reunião de Copenhague que nós vamos ter agora, para discutir a questão do clima.

Então, esta é uma coisa. O Nordeste entrou numa fase de desenvolvimento que não tem mais retorno. Uma refinaria aqui vai trazer uma quantidade de empresas, uma quantidade de empregos que eu penso que o Maranhão não viu, em toda a sua história. Porque, se a gente não cuida disso, quem leva esses investimentos são os estados mais ricos, que têm melhor mão de obra formada, que têm mais engenheiros, que têm mais estradas, que têm mais ferrovias, que têm mais pontes, que têm os portos perto da produção, e nós, aqui, vamos ficando esquecidos.

Ora, não é porque eu fui para São Paulo e aprendi tudo o que eu sei na vida em São Paulo, que eu vou esquecer de onde eu vim, que é o Nordeste brasileiro, e esquecer o que nós passamos quando eu era pequeno, no Nordeste.

E, veja que engraçado, eu estava conversando com a companheira Roseana, e estava lembrando o seguinte: só o estado do Maranhão, só o estado do Maranhão... O Maranhão tinha, historicamente, quatro escolas técnicas. Tinha uma em Imperatriz, tinha uma em Maracanã – é a de São Luís? –, tinha uma em Codó e tinha uma em Monte Castelo, historicamente, historicamente. Ou seja, de 1909, quando Nilo Peçanha era Presidente, que fez a primeira escola técnica, até 2003, em todo o Brasil, em cem anos, foram construídas 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos construir um uma vez e meia o que foi construído em cem anos, em oito anos. E aqui no Maranhão nós já temos funcionando, nova, Buriticupu, já temos aqui no centro histórico de São Luiz, já temos (incompreensível) funcionando, está funcionando, mas ainda está quase pronta a (incompreensível) de Santa Inês.



E até dezembro de 2010 nós vamos inaugurar Timon, Alcântara, Bacabal, São Raimundo das Mangabeiras, Pinheiro, São João dos Patos, Barra do Corda, Barreirinhas e Caxias. Até o final do ano estarão todas entregues – não deste ano, do ano que vem –, estarão todas prontas.

Dia 15 de dezembro agora eu vou participar de um ato com o Ministério da Educação, em que, no ano de 2010 [2009], nós fizemos 100 escolas técnicas profissionais neste país. E por que nós estamos fazendo isso e por que, coincidentemente, isso acontece em um governo de um presidente que não tem diploma universitário, mas que tem um curso técnico? É porque eu vivi na pele coisas que eu não quero que vocês vivam. E eu acho que o grande papel de um governante é fazer para o seu povo mais do que ele recebeu da sua nação. E fazer, sabe, não como se fosse um favor, mas como se fosse obrigação.

Afinal de contas, quando nós criamos o ProUni, nós tínhamos um problema sério de fazer o ProUni. A UNE teve um papel extraordinário de contribuição. O que era o ProUni? A gente não tinha prédio; era preciso colocar os pobres na escola. Então, o que nós fizemos? Fizemos um convênio com as universidades privadas. Fizemos uma isenção de impostos e transformamos o equivalente ao imposto em bolsas de estudos. E nós colocamos as pessoas das escolas públicas da periferia. Hoje nós temos 695 mil jovens no ProUni, ou seja, pobre da periferia deste país fazendo universidade. E aqui no Maranhão, Roseana, aqui no Maranhão, só para ter ideia, o ProUni, aqui em São Luís, são praticamente quase 8 mil jovens, e no estado do Maranhão o ProUni são praticamente 70 mil jovens. Em uma demonstração...vocês estão lembrados quando nós criamos o ProUni? Teve muita gente que escreveu nos jornais que eu estava nivelando a educação por baixo. Era preconceito. Porque eles achavam que, colocar pobre na escola, a gente ia baixar o nível da escola. O que aconteceu três anos depois? Quando o Ministério da Educação fez o senso, os melhores alunos eram exatamente os do ProUni, dos quais, dos 695



mil alunos, 40% são meninos e meninas negros deste país, que antes não entravam na universidade.

Criamos o Reuni, vocês estão lembrados. O que era o Reuni? Eu não me conformava de que, dentro de uma sala de aula, a gente tivesse, em média, 12 alunos por professores, nas universidades federais. A média era 12 alunos por professor. E eu achava que era preciso colocar mais alunos. Fizemos um acordo com reitores, para colocar, em média, 18 alunos. Houve muita briga, teve gente que não queria, quebraram reitoria, porque os “filhos de papai” que já estavam na universidade não queriam que os pobres entrassem na universidade. Eles já estavam lá. Para que pobre ir lá? Para atrapalhar? O dado concreto é que em apenas um ano e meio nós dobramos as vagas ofertadas pelas universidades federais. Nós saímos de 113 mil alunos por ano, que era a renovação, para 227 mil alunos este ano, nas universidades federais brasileiras.

Ora, o que isso vai fazer? Isso vai fazer com que daqui a dez anos a gente tenha uma nova geração de jovens, de mestres e de doutores neste país. E que a gente tenha a ofertar, a quem queira vir investir no Maranhão, não apenas uma ferrovia, ou um porto, que a gente tenha mão de obra qualificada, para que as nossas meninas e os nossos meninos não ganhem apenas um salário mínimo, mas que possam ganhar dez mínimos, oito mínimos, 15 mínimos, porque é assim que a gente vai melhorar a vida das pessoas.

Por isso, eu quero me despedir de vocês dizendo para vocês o seguinte: falta apenas um ano para eu terminar o meu mandato, falta apenas um ano para terminar o mandato. Para mim, falta muito pouco, para quem está concorrendo falta muito ainda. Ou seja, o dado concreto que eu quero dizer para vocês é o seguinte: eu penso que vai ganhar as eleições quem eu penso que vai ganhar. Eu não posso falar nome, eu não posso. Agora, eu quero dizer uma coisa para vocês, podem escrever e anotar: não tem volta. Quem quer



que ganhe as eleições, neste país, está comprometido, por uma simples razão: nenhum doutor que ganhar vai poder fazer menos do que eu fiz, ele vai ter que fazer muito mais, ele vai ter que fazer muito mais. E eu sei quem é que vai fazer muito mais. Eu sei quem é que tem competência e, no momento certo, eu vou dizer para vocês.

Um abraço e até outro dia, de Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras do Residencial Camboa – Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Rio Anil

São Luís-MA, 10 de dezembro de 2009

Olhem, uma coisa importante... Eu queria pedir licença, até para não precisar falar o nome das pessoas que estão aqui, porque vocês já conhecem: o Prefeito, o Vice-Governador, o senador Lobão, o Deputado, o Secretário, a Governadora.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês. Olha, eu entrei ali, na casa do companheiro Valdeci e da companheira Cremildes e eu vi o orgulho dele e o orgulho dela. É uma casa modesta, mas é uma casa em um lugar digno, em que, da janela dele, ele vê uma quadra em que o filho dele pode praticar esportes, ele vê um lugar para os filhos deles poderem brincar, sem correr risco de estarem na rua.

Eu digo sempre, Roseana, digo sempre, Dilma, que a primeira casa que eu comprei tinha 33 m². Essa tem 42, portanto, tem 10 metros a mais do que a casa que eu tive uma vez. Eu brincava comigo mesmo, eu dizia que quando eu entrava no quarto a Marisa tinha que sair; quando a gente colocava a geladeira, tinha que tirar o fogão. Eu brincava comigo mesmo.

Mas esta casa, a orientação que nós demos ao Ministério das Cidades e à Caixa Econômica é a gente fazer a casa um pouquinho mais decente, na medida que caiba no orçamento das pessoas, porque as pessoas também vão pagar uma prestação muito pequena, sobretudo quem ganha de zero a três salários mínimos, que é o público preferencial do Programa Minha Casa, Minha Vida. É o maior programa habitacional já feito na história do Brasil. É uma coisa tão importante, Prefeito e Governadora, que eu detectei que os empresários brasileiros não estavam preparados para a quantidade de casas que nós



encomendamos.

Quando eu chamei a ministra Dilma, e chamei o ministro Guido Mantega, da Fazenda, para dizer para eles que eu queria fazer um grande programa habitacional, a primeira reunião que nós fizemos foi com os empresários de São Paulo, para perguntar para eles qual era a capacidade de construção que eles tinham. Eles nos falaram que poderiam construir 200 mil casas. E eu falei: Duzentas mil casas não é um programa. Nós precisamos fazer muito mais, durante vários anos, para que a gente pague uma dívida com os mais pobres deste país, que o governo brasileiro deve há décadas e há décadas.

Então, nós fizemos um programa, e anunciamos um milhão. Agora, não é fácil, entre anunciar e acontecer a casa, leva tempo. Eu descobri uma coisa muito engraçada – a Dilma estava em uma reunião comigo – eu descobri que em uma casa pequenininha a pessoa pagava, de seguro da casa, o que ela pagava de prestação. Ora, qual é a lógica de a pessoa pagar de seguro o que paga de prestação? Então, nós, praticamente, acabamos com o seguro para o programa Minha Casa, Minha Vida, para as pessoas poderem ter a casa mais barata possível, e pagar uma taxa simbólica.

Depois nós descobrimos que a própria Caixa Econômica não estava preparada para receber o montante de casas que nós queríamos fazer. Por que não estava preparada? Porque durante 25 anos a construção civil, sobretudo na área da habitação, praticamente ficou estagnada. Não havia pedidos muito grandes. É só vocês pegarem o índice de construção de casas no Brasil e vocês vão perceber que teve um período em que caiu muito a construção de casas. Então, a Caixa não estava preparada. Nós levamos um tempo para contratar mais engenheiros, para contratar mais técnicos, para poder analisar os projetos que os empresários apresentavam dentro da Caixa Econômica.

Ontem à noite nós ficamos sabendo que a Caixa Econômica já tem 580



mil casas lá dentro, para serem analisadas pela Caixa. Se tudo der certo, até o meio do ano que vem a gente vai estar com 1 milhão dentro da Caixa, e vai estar com pelo menos metade disso contratada. Por que é importante isso? Duas coisas são importantes. Primeiro, porque o povo começa a perceber que vai poder ter sua casa. Segundo, o governo nunca mais vai poder diminuir o número de casas que nós estamos fazendo. Se nós podemos fazer 1 milhão de casas em dois anos, significa que quem vier governar o Brasil vai ter que contratar mais 1 milhão de casas, depois mais 1 milhão de casas, até que a gente resolva o problema habitacional no Brasil.

Mas esse programa tem uma coisa que a gente já tinha discutido no PAC. Eu, desde 1987, eu participei pela primeira vez de uma reunião aqui, numa palafita do Maranhão. Depois eu fui à palafita em Salvador, depois eu fui à palafita em Recife. E eu sempre achei: não há nada mais degradante do que uma pessoa morar em um quarto de 3 metros quadrados, numa palafita, onde ali, dentro daquele quarto, ela faz suas necessidades, ali ela dorme com o marido e com a família, ali ela cozinha. E quando ela olha para baixo, ela vê um mangue e vê lama fedida, com o que ela tem que conviver 24 horas por dia. Então, a ordem para o PAC era a seguinte: vamos ter que acabar com as palafitas neste país. Vamos tirar as pessoas, para morarem em um lugar digno.

Pois bem, vocês estão vendo que a qualidade do prédio é uma qualidade razoável, bonita. Vai passar uma avenida aqui na frente. Vai valorizar o prédio de vocês, vai valorizar porque aí vai passar transporte, aí outras empresas vão querer vir fazer investimento aqui. E eu sei que depois da casa, depois da televisão, depois do computador, depois do carro... Vocês, primeiramente, querem um emprego, porque é o emprego que vai permitir vocês comprarem todas essas coisas que vocês querem.

É por isso que nós resolvemos fazer uma mudança na matriz de desenvolvimento do Brasil. Ou seja, em vez de o Brasil continuar crescendo apenas no eixo Rio-São Paulo, nós resolvemos fazer com que o Brasil



crecesse no Norte e no Nordeste brasileiro.

É por isso que vocês vão ver o que vai acontecer aqui no Maranhão, a partir de janeiro do ano que vem, fevereiro ou março. Na hora em que começar a terraplanagem da refinaria da Petrobras que a gente vai fazer aqui no Maranhão, vocês vão ver a quantidade de máquinas e a quantidade de trabalhadores trabalhando aqui no estado do Maranhão.

E o mais importante é que vai ser uma das maiores refinarias do mundo. Só para vocês terem ideia, a maior refinaria que nós temos hoje é a refinaria de Paulínia, em Campinas. Ela refina o equivalente a 200 mil barris/dia, 200 mil barris de petróleo/dia. Essa do Maranhão vai refinar 600 mil barris/dia. Essa refinaria, só para ela ser construída, nós vamos investir R\$ 40 bilhões. R\$ 40 bilhões é tanto dinheiro, que não dá nem para imaginar o montante que eu estou falando. É pelo menos umas mil vezes a lotérica, quando ela está carregada, que ganha um cara só.

E isso vai gerar desenvolvimento para o Maranhão, porque atrás da refinaria virão outras empresas, e eu sei que o Maranhão precisa gerar emprego para essa meninada que está com dezoito ou dezenove anos, que tem que trabalhar, para essas meninas que estão com dezesseis ou dezessete anos, para trabalhar.

Portanto, eu virei aqui em janeiro. Marquem bem a data: dia 15 de janeiro – é uma quarta-feira, me parece que dia 15 de janeiro é uma quarta-feira – na sexta-feira, portanto, se quarta-feira é [dia] 15, quinta é [dia] 16, sexta é [dia] 17. Na sexta feira, ou dia 17 ou dia 18, nós vamos vir aqui para começar a terraplanagem na refinaria aqui no Maranhão, e aí vocês vão ver o bicho pegar aqui no Maranhão. Vocês vão ver, o bicho vai pegar aqui no Maranhão.

Eu acho que entre a construção dessa empresa terraplanagem...é importante lembrar que vai gerar mais de 100 mil empregos aqui no Maranhão. Portanto, vai ter oportunidade de trabalho para muita gente aqui. E é por isso que nós resolvemos fazer aqui cinco escolas técnicas, treze... Não, cinco



novas... Treze. Doze ou treze? Treze novas. E por que fazer escolas técnicas? Para pegar essas meninas que estão com 14 anos e 15 anos e formá-las profissionalmente, para elas virarem mão de obra qualificada e, quando arrumarem emprego vão ganhar, em vez de um salário mínimo, ganhar quatro, ganhar cinco, ganhar seis salários mínimos e poder ajudar a cuidar da família. Porque esse será o futuro do País.

Portanto, minhas queridas companheiras e companheiros, é com uma alegria imensa que eu estou aqui. Já estou atrasado uma hora e meia. Eu cheguei atrasado, porque eu tive que falar com o Primeiro-Ministro da China, e eu e ele tínhamos dificuldade, porque ele não me entendia e eu não entendia ele. E aí nós ficamos lá, bem uns quarenta minutos, nos acertando, para a gente poder falar, porque nós vamos juntos agora para Copenhague, vamos nos encontrar.

Mas eu queria dizer para vocês o seguinte: podem ficar certos, a vida do povo do Nordeste e a vida do povo pobre deste país não voltará a ser a desgraça que era há algum tempo, não voltará. Acho que o País aprendeu uma lição: de que o pobre não pode ter valor apenas na época da eleição, o pobre tem que ser respeitado 24 horas por dia, durante 365 dias por ano e durante a vida inteira. Porque na época de eleição, as pessoas gostam muito de pobre e falam mal de rico. Mas, depois, governam para os ricos e desprezam os pobres.

Agora, a coisa inverteu. A coisa inverteu, este país aprendeu, este país aprendeu, e eu estou vendo na cara de vocês a alegria de quem está percebendo que está muito mais perto de a gente conquistar a felicidade do que voltar à desgraça anterior que a gente tinha neste país.

Por isso, queridos companheiros, um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês, e até a próxima inauguração de novos apartamentos.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração da ampliação da Refinaria Alumar/Alcoa Alumínio S/A

São Luís-MA, 10 de dezembro de 2009

Não se preocupem com a grossura do texto, porque eu serei mais breve que o Lobão e que a Dilma. Porque, quando a pessoa fala de improviso, que começa a falar “e para concluir”, “e para terminar”, é duro.

Eu queria pedir licença a este glorioso palanque aqui para, cumprimentando o companheiro Sarney, cumprimentar todas as pessoas que estão aqui. Até porque já foi falado o nome de tantos aqui, que se eu repetir mais uma vez é capaz de alguém ser candidato a vereador nas próximas eleições. Então, vamos deixar de fazer propaganda aqui.

Bem, primeiro, a alegria imensa de estar aqui na inauguração e ampliação deste projeto. Isso foi um compromisso assumido em Nova Iorque, depois assumido no Brasil, e eles cumpriram os investimentos que prometeram e eu cumpri a coisa que é mais barata, que é vir aqui participar da inauguração.

Primeiro, eu queria dizer para vocês o seguinte: antes de mais nada, é importante dizer que a ampliação desta refinaria simboliza um novo momento vivido pelo Maranhão e vivido pelo Norte e pelo Nordeste do nosso país.

Durante décadas, talvez fosse melhor dizer séculos, a discussão econômica no Norte e no Nordeste esteve associada à ajuda. Quando os governos federais iam tratar das coisas para o Norte e para o Nordeste, não era projeto de desenvolvimento. Era como se fosse dar uma esmola para o Norte e para o Nordeste brasileiro.

Não há nenhum demérito na solidariedade econômica, na prestação de ajuda a quem precisa, pelo contrário. Na luta pelo desenvolvimento, o que se espera dos polos de maior riqueza e fartura é que eles funcionem como



alavancas de apoio às regiões historicamente alijadas do crescimento.

O presidente Sarney teve a experiência, na pele, de como as regiões mais ricas do País se opuseram à criação da Zona Franca de Manaus, e como essas mesmas regiões se opuseram à aprovação das ZPEs no Congresso Nacional, que podem ajudar a dinamizar o desenvolvimento de vários estados do País que ainda não têm atrativos para levar uma grande empresa a fazer investimento lá. Tem gente que acha que o desenvolvimento deve se dar apenas para um lado do País quando, na verdade, nós temos que olhar, em 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, 190 milhões de habitantes e, portanto, nós temos que olhar para todos, como uma mãe olha para a totalidade dos seus filhos na mesa de comida. A mãe não se importa que tenha um mais bonito, que tenha um mais gordinho, que tenha uma mais saidinha. Na hora de repartir o bife é um pedaço para cada um. Se tiver mais, dá um para cada um, mas nunca dá dois para um e nenhum para o outro. Então, é com esse espírito que nós precisamos governar o País para fazer ele dar certo.

Trata-se de uma reparação necessária para equilibrar regionalmente as oportunidades, corrigir estruturas e gerar bases de um maior equilíbrio econômico com ganho e justiça social.

A novidade sintetizada neste evento é que ele evidencia um passo gigantesco que está sendo dado pelo Nordeste na conquista de sua emancipação econômica. Não há nisso nenhum exagero. Se o Brasil foi um dos primeiros países a vencer a crise mundial, a verdade é que o Nordeste foi a região do Brasil que saiu na frente para liderar o esforço por essa extraordinária vitória do nosso País.

Hoje, o mercado nordestino é reconhecido como uma grande fronteira econômica do desenvolvimento nacional. É por isso que as empresas investem cada vez mais no Nordeste. Até outro dia, não tinha uma empresa das grandes construindo uma base qualquer no Nordeste brasileiro. Só neste ano eu já fui inaugurar duas fábricas de frango no Nordeste brasileiro, exatamente porque o



povo nordestino adquiriu o direito de começar a comer, a encher um shopping, um supermercado e, portanto, as pessoas agora sabem que podem vender. E não asa ou pescoço. Peito e coxa também, que nós gostamos.

Certamente, é por isso que a Alcoa – a principal gerenciadora mundial de usinas de alumínio primário, alumínio manufaturado e alumina – transforma este complexo da Alumar, aqui no Maranhão, em um dos maiores do mundo, ao mesmo tempo em que desenvolve a mina de bauxita em Juruti, no estado do Pará.

É um processo que se pode verificar em todos os setores da economia. As cadeias de supermercado se espalham das capitais para o interior nordestino. As construtoras multiplicam os projetos imobiliários da região. A exemplo delas, se expandem também os polos de tecidos e de alimentos, bem como as indústrias de ponta de informática e de produção de fármacos.

A verdade é que o grande assunto da economia brasileira hoje é a força do nosso mercado interno, e o Nordeste representa 30% dessa força. Ela foi menosprezada durante décadas, mas hoje, finalmente, é reconhecida como um dos trunfos mais preciosos da luta pelo nosso desenvolvimento.

Meus companheiros diretores da Refinaria, companheiros trabalhadores, Ministros,

Por mais que alguns neguem e outros desdenhem, a verdade é que essa mudança de visão política mudou – e vai mudar mais – a vida dos nossos queridos Norte e Nordeste. Ele deixou de ser o primo pobre da nação para se tornar uma das linhas de frente da atual retomada econômica brasileira. Desde 2003 – com exceção apenas do ano de 2007 – o PIB nordestino cresce acima da média nacional. Entre 2003 e 2008, o mercado de trabalho regional cresceu 39%, contra 36% na média nacional.

Alguns... desculpe o atraso, eu não esperava que essas páginas fossem grudar. Tem gente só para evitar que isso aconteça.

Graças à firme recuperação do salário mínimo, que remunera quase a



metade dos assalariados nordestinos, desde 2003 a renda do trabalhador aqui tem crescido mais que o dobro da média brasileira.

Alguns podem torcer o nariz. Mas o fato é que hoje o salário-mínimo compra duas cestas básicas e ainda deixa um pouquinho de dinheiro no bolso do trabalhador. Em 1995, para comprar uma única cesta básica, um pai de família gastava 89% do seu ganho na feira, no armazém ou no supermercado. Por tudo isso, e por conta das políticas sociais do governo, 48% dos brasileiros que deixaram a linha da pobreza nos últimos anos são nordestinos. Tem mais... desculpe a imprensa, estou pondo o dedo na boca aqui porque é um método antigo, mas nunca superado. Significa dizer que este mercado regional, em um curto espaço de tempo, ganhou mais 6 milhões e 500 mil consumidores, além de agregar mais 46% do poder de compra na mão de metade dos seus assalariados. Não é por outro motivo que os pobres do Norte e do Nordeste brasileiro já consomem mais alimentos, mais produtos de higiene pessoal e mais artigos de limpeza que os segmentos das classes A e B das regiões Sul e Sudeste do nosso país.

Antigamente, as pessoas não compravam porque não podiam, e aí diziam: “Pobre não gosta das coisas boas. Pobre gosta de comprar ovo quebrado, tomate amassado, laranja...”. Não, dê um dinheirinho na mão de um trabalhador porque ele quer comprar tudo de primeira, tudo de primeira. O Joãozinho Trinta dizia, em 1978, uma coisa que eu achei magistral. Esse negócio de fazer apologia da miséria, ele dizia: “Quem gosta de miséria é intelectual, o pobre gosta de luxo”. E a Dilma sentiu isso quando a gente foi discutir um programa habitacional, Sarney, que eu pedi para isentar de impostos azulejo, cerâmica, aí teve um companheiro que disse o seguinte: “Ah, mas isso é coisa de rico, Presidente”. Rapaz, se pobre pudesse, ele colocava azulejo até no estuque, de tão bonito que é.

Mas é uma visão errada que as pessoas têm do povo brasileiro, sobretudo as pessoas que vivem nas altas rodas da grã-finagem, elas têm uma



visão errada do restante da sociedade, de que nós não gostamos de nada que seja bom. Ora, quem é besta? Mas não é só isso. As vendas de eletrodomésticos também cresceram. A evidência disso é que o consumo doméstico de energia no Nordeste superou, Lobão, pela primeira vez, o consumo residencial de eletricidade na região Sul do País. Você já pensou, João Castelo, o Nordeste consumir mais energia residencial que a região Centro-Sul do País? Significa, meus companheiros e minhas companheiras, significa, sinceramente: nenhuma empresa, nenhum investidor, nenhum projeto de expansão industrial pode ficar fora de um mercado que avança com essa vitalidade.

Estamos falando de um horizonte de consumo equivalente a um terço da população brasileira. São mais de 53 milhões de brasileiros que agora estão recuperando o tempo perdido: respiram empregos, demandam investimentos, cobram e conquistam avanços de cidadania e de justiça social.

Vocês sabem, mas eu vou repetir mais uma vez: as obras e os recursos federais necessários à redenção nordestina ocupam lugar sagrado na agenda de compromissos do nosso governo.

Por isso, o Nordeste brasileiro tem merecido tratamento prioritário na destinação das obras do PAC. É a segunda região do País em volume de investimentos federais. Por isso tem merecido atenção especial também nas ligações do programa Luz para Todos, bem como nas obras de urbanização e habitação social.

Eu vou dizer duas coisas para vocês, aqui, rápido: o programa Luz para Todos, quem mora aqui em São Luís, aqui na capital, não dá nenhuma importância porque só fica chateado quando falta luz na época da novela. Mas quem mora nos cafundós deste país, que ainda vive à base de um candeeiro, ou com uma latinha de refrigerante cheia de querosene com um paviozinho, sabe o que significa o Luz para Todos. E aqui eu tenho certeza que muita gente tem parente que viveu assim, em algum momento: as pessoas cheirando



querosene a noite inteira. Pensem, pensem numa desgraça de uma menina ou de um menino fazer uma lição embaixo da luz de um lampião.

Bem, eu vou dar um dado para vocês. É a segunda região do País... vou dar um número para vocês. Lobão, se eu estiver errado, por favor, balance a cabeça, sempre concordando. É o seguinte: nós... Veja, o Programa Luz para Todos começou ainda quando a ministra Dilma era ministra de Minas e Energia, em 2004. Nós pegamos um estudo do IBGE e descobrimos que ainda tinha 2 milhões de famílias que não tinham energia elétrica, sobretudo no campo. Então, resolvemos fazer um programa para levar energia para as pessoas. Esse programa custa muito caro, porque na região Norte do País, uma ligação só, às vezes, custa US\$ 3.500, o equivalente quase a R\$ 7 mil, que nenhuma empresa privada faria, porque não era economicamente rentável. Mas o Estado brasileiro, seja rentável ou não, tem a obrigação moral de dar a todos os brasileiros, independentemente de onde eles morem, o direito de ter acesso à energia elétrica, para que eles possam estudar, para que eles possam ter geladeira, para que eles possam ter televisão.

Pois bem, já fizemos, já atendemos 2 milhões e 200 mil famílias, o que equivale a quase 11 milhões de pessoas. Mas, quando a gente foi para o meio do mato ligar, a gente descobriu que tinha 1 milhão a mais do que o IBGE tinha informado. E, agora, assumimos o compromisso de, até 2010, a gente completar o restante que não estava nos cálculos do IBGE.

Mas eu vou dar um dado para vocês, prestem atenção, vocês que estão tudo com cara de inteligente, se não são, façam cara de inteligentes, pelo amor de Deus. Olha, vou contar uma coisa para vocês: nós já utilizamos, nesse Programa Luz para Todos, 1 milhão de quilômetros de fio, de cabo. Vejam quantas voltas a gente poderia dar, no Planeta Terra, com 1 milhão de quilômetros de fio, produzido no Brasil, gerando emprego no Brasil e salário no Brasil. Nós já utilizamos 5 milhões de postes, fabricados no Brasil, gerando emprego no Brasil e pagando salário no Brasil. Nós já utilizamos 800 mil



geradores... Não é geradores, transformadores, transformadores. Também produzidos aqui, gerando empregos aqui.

O que isso permitiu que acontecesse na casa das pessoas que receberam Luz para Todos? Um milhão e seiscentas famílias compraram televisores. Certamente, não para me ver, mas para ver os caras da novela, ou para ver o Brasil jogar, ou, aqui, como tem muito flamenguista, ver o Mengão ser campeão, no domingo, certamente. Bem, 1 milhão e 600 compraram televisão, mais 1 milhão e 470 mil pessoas compraram geladeira.

Eu sou do tempo, gente, quando eu tinha 18 anos, que eu morava em um bairro pobre, em São Paulo, a gente não tinha geladeira, Sarney, sabe como é que a gente comprava cerveja? Ou a gente comprava a cerveja e o cara do bar cobrava mais caro a cerveja gelada. Então a gente comprava a bichinha quente, ia ao supermercado, comprava logo uma penca, e a gente colocava dentro de um balde, descia no poço e colocava ela lá no fundão do poço para, de vez em quando, a gente abrir e tomar, que não estava gelada, estava apenas “afrescalhada”. Mas era assim que a gente podia beber.

Então imagina, imagina. O Sarney, aqui, tem muita gente, nós somos do tempo em que a gente matava um porco, pegava a carne do porco, pré-cozinhava ela e colocava dentro de uma lata de banha do próprio porco, e depois – porque não tinha geladeira, era para não estragar – aí, ia tirando, quando ia comer, fritava e guardava o ossinho para fazer uma sopa depois.

Pois bem, isso acabou para essas pessoas. Ou seja, quando você liga a luz na casa de uma pessoa pobre, do (incompreensível), é como se você tirasse ela do século XVIII e trouxesse para o século XXI em um passe de mágica. Então, é um milagre, que eu agradeço muito a Dilma e agradeço ao Lobão porque tem neste programa uma coisa extraordinária. Agora, para fazer um programa como esse precisa ter coragem porque já gastamos R\$ 14 bilhões, R\$ 14 bilhões. São poucos homens neste país, ou mulheres, que teriam coragem de dizer: “Vamos pegar 14 bilhões e colocar em um programa



para levar para o pobre que está lá no Amazonas”, que não pode nem xingar o Presidente, não tem rádio, não tem televisão, não tem nada, nem vê o Presidente, não pode nem me xingar. Então, vamos levar para essa gente o direito de ver a beleza do seu Presidente de vez em quando e ver os trabalhos que nós fazemos.

Bem, também o Pronaf, para a agricultura familiar, não era para o Norte e para o Nordeste, era para o Centro-Sul do País. Eu mexo com isso há muito tempo. Quando a gente anunciava o Pronaf, 80% ia só para o Rio Grande do Sul. Nem o Paraná, nem São Paulo, porque não tinha experiência. Hoje, o Pronaf está trazendo dinheiro para o agricultor.

Bem, eu estou dizendo tudo isso para dizer para vocês o seguinte: eu vou passar aqui meu discurso, umas páginas, não vou mais passar o dedo na boca, assim já pego de três de uma vez e vou economizando. Mas eu vou dar um exemplo do desenvolvimento do Nordeste, gente. Quando eu tomei posse, em 2003, o nosso querido BNB, o nosso querido BNB – estou vendo ali a cara simpática do Diretor do BNB, agora está simpática, não é, porque tem dinheiro. Pois bem, em 2003, o BNB, o ano inteiro, ele emprestou apenas R\$ 260 milhões. Este ano, ele tem R\$ 13 bilhões para emprestar, algumas vezes a mais do que a gente tinha.

Hoje, Presidente Sarney, hoje eu fui com a Roseana em um bairro lá, e anunciaram, o Marcio Fortes anunciou, só aqui para a região, acho que é de São Luís, quase 1 bilhão de saneamento básico, só para São Luís, que é bem pequeno, diante do Maranhão, não é isso? Não, para o Maranhão, R\$ 1 bilhão.

Você sabe, em 2002, Sarney, qual foi o dinheiro de saneamento básico investido no Brasil inteiro, tudo que se investiu no Brasil, em saneamento básico? Apenas 262 milhões. Agora, só no Maranhão, a gente está investindo R\$ 1 bilhão.

Ou seja, uma outra coisa que eu considero importante, e vou terminar dizendo para vocês, porque eu e o Lobão tínhamos que sair daqui às seis



horas da tarde, para ir para o Peru. Tem um jantar para nós. Nós vamos ao Peru para comer galinha, não para comer peru. Então, nós íamos para o Peru, mas alguém vai comer por nós, e nós vamos comer a nossa comida do avião mesmo. Comida do avião é fantástica, porque ela é de boa qualidade, mas como o forninho é aquele a vapor, aí você não faz mais diferença: frango, salada, tem tudo o mesmo gosto. Como eu tenho viajado muito, eu estou com uma azia crônica, depois você me dá um...

Bem, agora vejam que engraçado, vejam que engraçado: quis Deus que fosse este analfabeto, porque tem gente que acha que eu sou analfabeto. Eu sou quase. Mas, vejam uma coisa engraçada: primeiro, eu acho que... eu tenho o sentimento exato daquilo que pensa o nosso povo. E, veja, exatamente eu já passei para a história como o Presidente do País que mais fez universidades no País. É uma coisa uma coisa um pouco estranha. Nós vamos terminar 2010 com 14 universidades federais novas, e 104 extensões universitárias por todo o interior do País. Este ano, agora, dia 15, na semana que vem, antes de embarcar para Copenhague, nós vamos inaugurar a 100ª escola técnica este ano. Nós tivemos, em cem anos, 140, em oito anos, nós vamos inaugurar 214.

Porque sabem os empresários que estão aqui, que esse é um fator de equilíbrio regional. Na hora que a mão de obra for qualificada, na hora que o empresário americano, francês, norueguês, tailandês, que vem investir aqui, se ele quiser saber onde é que tem mão de obra qualificada, ele vai perceber que tem, em todo o território nacional, uma juventude altamente qualificada, capaz de competir, do ponto de vista do conhecimento científico e tecnológico, com qualquer outro trabalhador do mundo. Aí, vai ficar muito mais fácil trazer investimento para cá.

E hoje foi engraçado, Sarney, porque eu cheguei aqui achando que ia ter cinco escolas técnicas no Maranhão. Aí, eu falei: “Roseana, só tem cinco escolas técnicas aqui?” Ela falou: “Cinco não, meu filho, tem 14. Tinha quatro antes de você, e agora tem nove depois de você”. Ela não me chama de você,



sempre muito elegante, ela me chama de Presidente.

Bem, eu queria, companheiros, dizer para vocês que 33% das escolas técnicas feitas no Brasil serão feitas no Nordeste. Porque o Nordeste não pode continuar... Você pega os dados – eu vou terminar dizendo isso – pega os dados do Nordeste e do Brasil. Você pega assim: onde é que tem mais doutores? A região Centro-Sul do País. Onde é que tem mais mestres? Região Centro-Sul do País. Onde é que tem mais pesquisa? Centro-Sul do País. Onde é que tem mais isso? Centro-Sul. Agora, onde é que tem mais analfabetos? Nordeste. Onde é que tem mais desnutrição? Nordeste. Onde é que tem mais mortalidade infantil? Nordeste. Onde é que tem mais evasão escolar, pessoas que não terminam o curso? Nordeste.

Ora, tem uma razão de ser. Se as pessoas não têm o que comer... Com fome, o Paulo Freire dizia: “Com fome ninguém é bonito e ninguém é inteligente”. Agora, quando você come e fica com o “buchinho” assim, mesmo quem é feio, vocês acham bonito. E, aí, todo mundo vira inteligente.

Então, esse é o dado do milagre que está acontecendo no País, é dar a todos os brasileiros, independentemente da região ou da origem social, a oportunidade de ser alguém. E a oportunidade é uma coisa simples se a gente souber traduzir em uma linguagem que o povo compreenda e não naquela linguagem dos economistas, que a gente não entende. É distribuir o pão de cada dia igual fazem vocês dentro de casa ou a mãe da gente dentro de casa.

O máximo que acontece na casa da gente, eu não sei se acontece com vocês, quando eu era pequeno, a gente guardava os bifés da gente para comer por último para fazer inveja para os irmãos que já tinham comido. Aí você acabava a comida, ficava com o bife balangando, mostrando para os outros. Ou seja, então, o que é, na verdade, pensar economia distributiva neste país? Imagine que aqui, neste público, aqui, só dos trabalhadores, do lado de lá já é classe média, eu não vou distribuir dinheiro não. Mas aqui, do lado dos trabalhadores, imagina que eu tivesse R\$ 2 milhões. Eu pegasse R\$ 2 milhões



e desse para este companheiro simpático, que está com esse celular, olhando para a minha cara aqui há uma meia hora. Eu não sei se ele está olhando para mim ou está olhando para ele mesmo pelo reflexo do celular. Bem, pois bem, imagina que eu tivesse R\$ 2 milhões e eu desse só para ele. O que iria acontecer neste público aqui? Nós iríamos ter um cara rico, que iria comprar uma casa boa, que iria comprar um carro bom, que iria comprar uma casa de praia, que iria comer no restaurante, tomar vinho, tomar champanhe e o restante ia ficar na mesma lambança que estava antes, sem nada. Tudo chupando o dedo.

Agora, se eu pego esses mesmos 2 milhões e dou 10 para ele e divido 10 para cada um de vocês. O que eu vou ter? Eu vou ter uma pequena classe média, todo mundo vai entrar no restaurante e vai comer um pouquinho, todo mundo vai levar uma comida para casa, todo mundo vai comprar uma roupa. É essa a noção de distribuição que nós estamos tentando criar no Brasil. Ou seja, não é concebível, nem para o empresário moderno, a concentração de riquezas que nós estávamos habituados no Brasil. Essa crise, ela mostrou que graças à distribuição de renda, na hora que veio a crise, vocês estão lembrados que, em dezembro do ano passado, eu fui para a televisão pedir para vocês consumirem. Eu fui pedir: comprem, gente. Comprem. Porque se vocês estão com medo de perder o emprego e não querem comprar para não fazer dívida, vocês vão perder o emprego é se vocês não comprarem, porque se vocês não comprarem a empresa não produz, a loja não compra, não vende e, portanto, a economia para. Então, eu fui dizer isso para vocês. Por quê? Porque eu sabia que tinha um pouquinho de reserva para cada um. E ainda tive o cuidado de pedir para vocês não gastarem muito: gastem só o suficiente.

Este ano, eu vou fazer um pronunciamento, mas aí já é do desenvolvimento. Porque ontem nós anunciamos boas medidas para o desenvolvimento, para fazer a economia crescer mais rápido, para facilitar a vida das pessoas, para fomentar os empresários brasileiros e estrangeiros a



investir no Brasil, para garantir que os bancos brasileiros possam fazer investimento de longo prazo, competir com o BNDES.

Mantivemos todas as desonerações até junho do ano passado. Vamos aplicar um programa como o Finame, que é um programa extraordinário, que é um programa de financiamento de caminhões, de máquinas e de ônibus. Nós vamos estender para toda a América Latina e para toda a África, ao mesmo preço que nós vendemos no Brasil, para ajudar as empresas brasileiras.

E vamos fazer um projeto-piloto, que anunciamos ontem, se preparem, porque nós vamos pegar as empresas brasileiras pequenas, que estão em dificuldade, nós vamos financiar, através do BNDES, os trabalhadores, para comprar ações daquela empresa. Aí, a empresa tem que ter o capital aberto, tem que ter conselho, e os trabalhadores precisam participar da direção, porque se ele comprar ação, ele passa a ser o dono daquela empresa, também, ele passa a ser sócio daquela empresa.

Ou seja, na verdade, o Brasil está mudando e está mudando rapidamente. E a gente só está mudando porque tem uma coisa sagrada que, possivelmente, a nossa extraordinária imprensa ainda não detectou. Tem uma coisa nova nos ares do Brasil, que nós estamos respirando, e chegou ao Maranhão, chegou a Garanhuns, chegou a Caetés, chegou a todo lugar. Ou seja, o povo brasileiro não quer ser mais tratado como cidadão de segunda classe, ou vira-lata, que é enxotado para tudo quanto é lado. O povo brasileiro quer ser tratado em igualdade de condições, ele quer ser respeitado, ele tem orgulho e ele tem autoestima. É isso que está mudando a cara do Brasil, ou seja, nós estamos acreditando em uma coisa que nunca deveríamos ter deixado de acreditar: estamos acreditando em nós.

E o grande mérito que eu tenho é acreditar em vocês. E o grande mérito que vocês têm é amar este país e acreditar que ele não deve nada a nenhum outro país do mundo.

Parabéns, Alumar. Parabéns aos trabalhadores e parabéns ao



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Maranhão e ao Brasil. Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Peru**

Lima-Peru, 11 de dezembro de 2009

Companheiros ministros que me acompanham, Lobão, Jobim,
Companheiro governador do estado de Rondônia,
Companheiros empresários, o Ivan aqui representando o nosso querido
Miguel Jorge,

Nosso querido José Sergio Gabrielli, da Petrobras,
Empresários brasileiros,
Empresários peruanos,
Companheiros da imprensa,
Meu caro Mario Brescia, presidente do capítulo peruano do Conselho
Empresarial,

Meu caro companheiro Paulo Skaf,
Senhores integrantes do Conselho Empresarial Peru-Brasil,
Participantes do Seminário,
Amigos e amigas,

Eu penso, Alan García, que você e eu, se não falássemos nada aqui
neste encontro e tivéssemos atentado para o que disse o Don Mario,
representando o capítulo empresarial peruano, e o Paulo Skaf, representando o
Brasil, a gente iria ter dimensão do que está acontecendo, na realidade, entre
Peru e Brasil.

Don Mario disse que nos últimos oito anos fizemos mais reuniões do que
nos 180 anos passados. Ou seja, em quase dois séculos, nós fizemos menos
reuniões do que fizemos em oito anos. E o Paulo Skaf enumerava aqui a
quantidade de reuniões feitas em São Paulo, feitas em Lima, e mais um



encontro que nós tivemos no estado do Acre, em Rio Branco.

Por mais que sejamos exigentes, é preciso que a gente tenha a dimensão de que já fizemos muito e que temos que fazer muito mais porque o tempo perdido foi muito grande. Foram séculos de distanciamento. Foram, praticamente, séculos de cegueira, em que nem o Peru enxergava o Brasil, e nem o Brasil enxergava o Peru.

O dado mais concreto para afirmar isso é que a primeira ponte entre Brasil e Peru começou a pouco mais de cinco anos atrás. Eu fico me perguntando, Alan Garcia, o que aconteceu com a cabeça das pessoas que governaram décadas e décadas antes de nós. Por que as pessoas enxergavam países tão longínquos, que você levaria meses de viagem de navio, ou muitas e muitas horas de avião e a gente não se enxergava? O que predominava na cabeça dos empresários brasileiros e dos empresários peruanos, do governo brasileiro e do governo peruano, dos políticos brasileiros e dos políticos peruanos, que teimaram, tantas e tantas décadas, em não se enxergarem, em não se perceberem e muitos menos em se compreenderem. Nós tínhamos tudo para tentar dar um salto no desenvolvimento, como deu o mundo asiático. Nós tínhamos tudo para dar um salto no desenvolvimento, como deu a Europa. Nós temos fronteiras praticamente [com] todos os países da América do Sul. Nós falamos uma língua que compreendemos grande parte das coisas que falamos e aquilo que não compreendemos pensamos que compreendemos, e assim mesmo, compreendemos. E isso aconteceu no setor empresarial, aconteceu no setor político, aconteceu com os militares e aconteceu com os sindicalistas. Eu fui um sindicalista muito importante no meu país e eu nunca tinha vindo ao Peru, mas eu ia pelos menos três vezes por ano à Alemanha, à Suécia, ao Canadá, à Inglaterra, aos Estados Unidos, à França e não vinha ao Peru, não ia à Argentina, não ia ao Uruguai, não ia ao Paraguai, não ia à Colômbia, não ia à Venezuela e não ia ao Equador. Ou seja, nós estávamos tão próximos, era capaz de sentirmos o coração do povo



peruano bater e o peruano sentir o coração do brasileiro bater, mas nós estávamos olhando, porque acreditamos durante muitas décadas, que alguém que estava muito longe e que era muito rico poderia vir salvar a nossa economia e fazer por nós a lição de casa que nós mesmos teríamos que fazer.

No fundo no fundo, Alan García, era a predominância do complexo de inferioridade entre nós e os ricos. E eram complexos da desconfiança entre os pobres do nosso continente.

Eu penso, Paulo, que você mais (incompreensível) quem sabe, os empresários aqui, eu penso que muitas vezes nós ficávamos esperando que nós íamos ter a oportunidade dada pelos países ricos. Eu fico olhando o comércio do Brasil, com grandes nações, com quem o Brasil mantém uma relação extraordinária, seja Estados Unidos, seja Japão, seja Alemanha, França, Itália. E eu vejo a perspectiva do comércio que nós temos com os países vizinhos do Brasil. Até outro dia, nós não tínhamos quase comércio nenhum com os países daqui da América do Sul. Temos mais com a Argentina, mais com o.... Mas era pequeno, era muito pequeno, porque nós criávamos obstáculos para nós, que não criávamos para os outros. Ou seja, era como se nós tomássemos vacina para nos precaver de nós mesmos.

Eu acredito que esses seminários, essas conversas aqui dentro, as palestras, as conversas nos corredores, as conversas no balcão de um bar, à noite, tomando uísque, vão permitindo que as pessoas se compreendam melhor. Isso é mais ou menos como encontrar uma namorada, é mais ou menos como encontrar uma namorada. Ou seja, o amor nem sempre é à primeira vista. Talvez no primeiro momento a pessoa te olha e fala: “não faz o meu gênero”, “não é o meu tipo”. Mas depois do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto lugar em que se encontram, aí, possivelmente, as pessoas se descubram, e eu acho que Peru e Brasil se descobriram. Acho que “pintou um clima” entre Brasil e Peru. Um clima que já não assusta mais a Petrobras; um clima que já não faz mais o Presidente da Fiesp preferir a França a vir para cá;



um clima que permite, depois da entrada de algumas empresas de construção civil aqui, que outras viessem procurar oportunidades; e um clima de dupla mão, porque Don Mario começa a levar empresários para fazer investimento no Brasil. É tudo o que precisa entre duas nações para que as coisas comecem a funcionar corretamente.

O Brasil jamais poderia ser visto como um obstáculo para o Peru; o Brasil jamais poderia ser visto como um entrave ou um perigo na relação com o Peru. O Brasil precisaria ter sido visto como uma grande oportunidade para o Peru, uma grande oportunidade em que os dois países pudessem ganhar, em que os dois países pudessem se desenvolver. Possivelmente, Alan, ainda o Brasil não conheça 10% do potencial de negócios que podemos fazer com o Peru. Possivelmente o Peru não conheça 10% dos negócios que pode fazer com o Brasil. E é compreensível, porque nós não conversávamos, nós não nos olhávamos, nós não nos visitávamos. O Brasil passava aqui por cima para ir para os Estados Unidos, o Brasil passava por cima da África para ir para a Europa e nem ligava para a África. Porque houve um tempo em que os nossos governantes, com complexo de inferioridade, se subordinavam aos caprichos das coisas já determinadas, das teses prontas e não procuravam novos ambientes de negócio, novos parceiros.

Eu me lembro, Alan García, quando eu decidi priorizar a África na minha relação. Eu me lembro de quantas críticas eu recebi, quando diziam: “O que o Lula vai fazer na África? O que o Lula vai fazer em São Tomé e Príncipe? O que vai fazer em Botswana? O que vai fazer no Benin? O que vai fazer em Guiné Bissau? O que vai fazer em Cabo Verde? O que vai fazer em Angola? O que vai fazer em tantos lugares? O que o Lula, agora, vai fazer na América Latina? É só encrenca, é só encrenca. Isso não vai dar certo. Tem que olhar para os Estados Unidos da América do Norte, tem que olhar para a Europa. Lá é que está o dinheiro”. Lá está o dinheiro, mas também está o conhecimento. A chance de a gente vender lá é menor do que a gente vender para nós, porque



nós precisamos mais, temos mais similaridades, poderemos construir coisas conjuntas. Mas, como é que nós vamos convencer a nossa gente disso? Somente o tempo, somente o que nós estamos fazendo. Mais uma reunião, daqui a três meses, mais outra daqui a seis meses, e a gente vai percebendo que as coisas vão acontecendo.

E isso vale para todo mundo. O Peru, Alan García, um dia, que não estará muito longe – eu espero que ainda no teu governo – comece a pensar em entrar no Mercosul. É bom, é importante para o Peru e importante para o Brasil. Nós não aprenderemos e não evoluiremos se a gente não enfrentar os desafios que nós temos, os preconceitos que nós temos, o medo que nós temos. Nós temos cismas.

Eu me lembro do tempo em que a Argentina e o Brasil viviam intrigados. Os diplomatas brasileiros não gostavam dos argentinos, os argentinos não gostavam dos brasileiros, e nós vivíamos de intrigas. Nós estamos construindo uma outra visão sem que ninguém queira levar vantagem e, sobretudo, sem que ninguém... ninguém precisa querer hegemonia. É preciso apenas construir oportunidades conjuntas, como nós fizemos hoje. Ouvir os governadores discutirem abertamente e, às vezes, a gente pensando em construir uma ponte de dois quilômetros ou de 2.000 quilômetros, 500 quilômetros, eles falam: “Uma estradinha de 120 quilômetros vai resolver o nosso problema”. Lá de Brasília, lá de Brasília, certamente, Alan... lá de Brasília, certamente ninguém dá nenhuma importância ao aeroporto de Cruzeiro do Sul, porque está a 4.000 quilômetros de distância, o estado só tem oito deputados. Fica muito longe, fica muito longe. Então, imaginar que um burocrata, por mais refinado que seja, do gabinete presidencial, esteja preocupado com Cruzeiro do Sul, ele nem sabe que existe. Você fala: “Vamos a Cruzeiro do Sul?” Ele fala: “Como é que eu vou para o céu?”. Agora, vejam que interessante. Enquanto muita gente de Brasília não conhece Cruzeiro do Sul, vários governadores do Peru acham extraordinário o voo que vai fazer de Cruzeiro do Sul a Porto... Pucalpa.



Por isso, Alan, é que eu acho que essas reuniões têm uma importância muito grande, essas reuniões têm um valor extraordinário, porque essas reuniões vão permitindo que as pessoas descubram essas oportunidades.

Veja, me falaram que aumentou o turismo, bastante, entre Brasil e Peru. As pessoas do Acre estão viajando mais, as pessoas de Rondônia estão viajando mais. Você, hoje, descobriu que Rondônia produz muita carne de qualidade e está vizinha do Peru.

Então, eu penso que nós estamos construindo, verdadeiramente, o futuro do Brasil e do Peru. A questão energética. Eu não sei se você está com a mesma disposição que eu estou, mas o meu ministro Lobão sabe que eu tenho insistido para que a gente priorize a elaboração desse projeto e que faça uma proposta – que não seja uma proposta apenas para atender os interesses do Brasil –, que faça uma proposta que deixe o Brasil confortável, mas também os peruanos se sintam confortáveis com o projeto que nós estamos construindo.

Então, meu querido amigo Alan García, eu já explorei demais a nossa amizade, já fiquei muito tempo aqui no Peru, no meu país já são nove e meia da noite, dona Marisa já está com o pau de macarrão atrás da porta esperando eu regressar, e saio daqui, Alan, saio daqui convencido de que o papel teu e o meu é o de sermos os indutores, os animadores. Se a gente der oportunidade, esta gente faz o resto. Se a gente der oportunidade, esta gente faz o resto. E como Don Mario falou que em oito anos nós fizemos mais do que em 180, nos 12 meses que me faltam para deixar o governo brasileiro, a gente pode fazer mais do que nos oito anos anteriores.

Então, para os empresários brasileiros, vou continuar fazendo uma boa provocação: viagem mais pelo continente sul-americano, descubram mais oportunidade de investimentos, não tenham medo de virar empresas transnacionais, de fazer investimento, porque graças a Deus, agora no Brasil nós temos dinheiro para financiar projetos para as nossas empresas



trabalharem. Dez anos atrás, Don Mario, nós só podíamos fazer o que o FMI permitia. Hoje o FMI só pode fazer o que nós permitimos, porque nós somos sócios, com direito a veto.

O Brasil, hoje... Só o Banco do Brasil, hoje, Alan García, tem todo o crédito que o Brasil tinha quando nós entramos no governo. Só o Banco do Brasil. Só o BNDES, só o BNDES contratou, este ano, quatro vezes o que contratou cinco anos atrás, e nesta semana colocamos mais R\$ 80 bilhões no BNDES e tem 20 guardados para a Petrobras explorar o pré-sal na hora em que ela quiser.

Portanto, dinheiro não é mais o nosso problema. É verdade. Sem nenhuma soberba, houve um tempo em que o Brasil não podia fazer absolutamente nada porque todo o dinheiro era para o superávit primário. Não tinha dinheiro para nada. Não dava aumento para funcionário público, não dava aumento para aposentado, não tinha dinheiro para investimento para as empresas, não tinha investimento público. Eu nem acho que era má vontade de quem estava governando, é que a situação econômica era mais difícil. Mas nós, hoje, estamos numa condição altamente favorável. Acho que o Brasil nunca viveu o momento mágico que está vivendo hoje.

E é por isso que eu acho que nós poderemos fazer muito mais com os nossos parceiros da América do Sul. É por isso que nós podemos fazer muito mais com o Peru. Alan, pouco tempo atrás, se o Celso Amorim chegasse ao ministro da Economia [Fazenda] do Brasil, ou o Fernando Henrique Cardoso, ou qualquer um, e falasse o seguinte: tem que emprestar R\$ 10 mil, 10 mil pesos, 10 mil qualquer coisa, para fazer um investimento em um país da América do Sul, você não conseguiria. Porque é uma desconfiança total: “não vai pagar, não tem futuro”. E eu acho que nós construímos não apenas no Brasil e no Peru, eu acho que todos os países deram um salto de qualidade. Porque todos nós já adquirimos consciência. O Alan já é presidente pela segunda vez. Certamente, a primeira vez que ele foi candidato prevalecia, o



entusiasmo, quem sabe aquela coisa que você imagina que pode fazer tudo de uma vez e depois você vai percebendo que não dá para fazer, mas no segundo mandato é muito mais, muito mais aprimorado. Eu te confesso que o segundo mandato, se eu soubesse que era tão bom, o segundo, quem sabe, eu tivesse pleiteado o terceiro. Mas, a verdade é que no segundo mandato a coisa estava muito agitada, muito arrumada, nós não nos preparamos. Então, no segundo mandato, que eu tinha medo, está permitindo as coisas fluírem com muito mais facilidade. Então, você já vem com a lição do primeiro mandato e eu acho que o Brasil todo aprendeu, o Peru todo aprendeu, e todos os países aprenderam.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: eu disse ao Alan Garcia, eu tenho mais um ano de mandato, e estou a disposição para que a gente faça, cada vez mais e cada vez mais rápido. Ou seja, se a gente tomar uma decisão, nós mesmos temos que perseguir essa decisão, acompanhar, cobrar, porque senão as pessoas não conseguem fazer, porque a burocracia é uma coisa pesada, no Peru e no Brasil. Então, é preciso ter o dedo do Presidente. E eu quero que você saiba, meu companheiro, eu quero dizer para os empresários aqui – os brasileiros já sabem – mas, aos peruanos: não faltará, da minha parte, gesto que não seja para favorecer o crescimento da relação econômica entre Brasil e Peru. Podem ter certeza de que nós não mediremos sacrifício, faremos qualquer coisa para que a gente possa transformar essa América do Sul em uma parte continental desenvolvida, em que nosso povo possa, no século XXI, conquistar aquilo que nós jogamos fora no século XX.

Boa sorte, e muito obrigado pelo carinho.

(\$211B)



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de visita oficial ao Peru

Lima-Peru, 11 de dezembro de 2009

Não sei por que o meu microfone é mais baixo do que o do Alan García.

Bem, Presidente, eu penso que quando terminar a nossa reunião, você vai ter que ligar, fazer um telefonema para a dona Marisa e explicar para ela por que eu vou chegar em casa às três horas da manhã. No sábado passado, voltando da Alemanha, cheguei no aeroporto de São Paulo às 4 horas da manhã. No sábado agora, vou chegar em casa às 3 da manhã, e é preciso você convencer a dona Marisa de que eu estava trabalhando aqui no Peru.

Bem, eu acredito que o Peru, o Brasil, a América do Sul, nós estamos vivendo um momento muito singular na nossa história. Eu estava vendo os dois empresários, o Paulo Skaf representando o Brasil, e o Don Mario representando os empresários peruanos, e fico imaginando se dez anos atrás seria possível a gente fazer um empresário peruano acreditar no Brasil, ou se seria possível fazer um empresário brasileiro acreditar no Peru.

Havia desconfianças históricas. Na verdade, durante séculos passados houve quase uma doutrinação para que nós, países sul-americanos, ficássemos de costas uns para os outros, acreditando que as soluções dos nossos problemas viriam todas do Norte. Mirávamos Europa, mirávamos Estados Unidos e mirávamos o Japão. E nunca tínhamos acreditado que grande parte das soluções dos problemas que nós temos na América do Sul decorre exatamente do tempo que ficamos afastados uns dos outros.

Nós descobrimos isso há algum tempo. Mas entre descobrir e começar o processo de recuperação do tempo perdido, leva muito tempo. Porque, também, todas as normatizações, regulações e a formação intelectual das nossas burocracias era no sentido de que nós teríamos que tratar os países da



América do Sul com muito mais dureza e dificuldade do que os países ricos do Norte.

Aliás, há uma coisa interessante. É que até outro dia, nas relações com os países do Norte, eram eles que impunham as regras. Eles chegavam com um pacote pronto e a nós era dado o direito de reclamar e, poucas vezes, de mudar. E entre nós, nós estamos querendo fazer uma relação de iguais, de parceiros em que ninguém, obrigatoriamente, é obrigado a ter uma política em que só um ganha, mas é uma política de ganha-ganha, onde todos precisam levar vantagem dos acordos que estamos fazendo.

E houve um tempo em que os países menores da América do Sul tinham um medo muito grande do Brasil. Eu dizia ao presidente Alan García que, numa reunião com o presidente Calderón e com os empresários mexicanos, os empresários mexicanos tinham medo dos empresários brasileiros e não tinham medo dos empresários americanos. É fantástico, mas era assim: parecia que os empresários brasileiros eram os que representavam o grande império, e não os empresários americanos.

Isso eu chamo de lavagem cerebral, a que nós fomos submetidos durante séculos e que, finalmente, eleições de pessoas com compreensões mais democráticas, com o aprimoramento da consciência política dos empresários brasileiros e peruanos, nós começamos a avançar.

Os empresários brasileiros, Alan – e tem muitos aqui que você conhece –, sabem que desde 2003 eu tenho feito uma pressão imensa para que eles façam investimento na América do Sul, para que eles façam investimento na África, porque a similaridade que existe entre nós permite extraordinárias oportunidades de investimentos do Peru no Brasil, do Brasil no Peru, e também é uma forma de equilibrar a balança comercial. Não é justo, não é economicamente correto que um país tenha grande superávit comercial diante do outro sem criar as condições para que o outro se torne mais competitivo e que haja um certo equilíbrio.



Eu poderia pegar a Petrobras, que está aqui, que ainda está investindo pouco no Peru; poderia pegar a Vale do Rio Doce, que está aqui; e as coisas que eu mais discuto com eles é fazer investimento no Peru, produzir coisas no Peru, gerar empregos no Peru e exportar o excedente para o Brasil para que a gente possa equilibrar a balança comercial entre Brasil e Peru. Esse é o comércio mais justo, é aquele que na hora em que tivermos que fechar a conta, no final do ano, todo mundo está feliz e alegre porque o comércio beneficiou os dois países. É com essa lógica que eu tento incentivar os empresários brasileiros a percorrerem os países da América do Sul, da América Latina, da América Central e da África, e eu penso que nós estamos colhendo resultados extraordinários.

Mas, nesta reunião de hoje, o Alan García, democrático como é, permitiu que nós não fizéssemos apenas uma reunião ministerial. Ele permitiu que nós ouvíssemos quatro governadores, que aqui eles chamam de presidentes regionais, e nós ouvíssemos dois representantes dos estados brasileiros: do Acre e de Rondônia. E eu confesso, meu caro companheiro Alan García, que foi a grande lição que eu levo desta reunião.

Estejam certos os governadores de que está gravada na minha cabeça a ideia da descentralização de muitas das políticas que já poderiam ter acontecido se estivessem sob a responsabilidade das regionais e não estivessem centralizadas na burocracia federal em Brasília ou em Lima. Acho que foi uma coisa...

Eu tenho cinco horas de voo até São Paulo e, certamente, eu vou maturando essas queixas que eu ouvi do governador, porque não tem explicação, Paulo Skaf. Não tem explicação que uma dona de casa de Rondônia tenha que comprar um tomate, que às vezes vai buscar em São Paulo, com 5.000 quilômetros de distância, se a 100 quilômetros tem um companheiro peruano produzindo o tomate que ela precisa (incompreensível). Não existe... Não existe, do ponto de vista da lógica da sobrevivência humana.



Da lógica da supremacia de uma nação sobre a outra existe, mas da minha lógica e da lógica das pessoas de bom senso não pode existir. Não é não pode, não deve existir, e eu acho que isso que nós ouvimos hoje vai permitir a gente fazer essa correção.

E fico mais feliz ainda quando eu soube que mais de 130 companheiros do Acre, o vice-governador, junto com governadores peruanos, deputados nossos vieram para cá de ônibus, de carro, e passaram mal quando chegaram a 5.000 metros de altura, mas estão aqui. Porque aqui (incompreensível) brincaram na neve. Vocês vejam que um brasileiro não precisa atravessar o Atlântico para pegar um pedaço de neve. É só vir aqui nos Andes peruanos e pegar essa neve, e pode vir de carro, de ônibus. Não precisa vir de avião.

Então, eu acho que isso, Alan, eu acho que é um sinal, um sinal importante. Eu acho que nós descobrimos a essência da razão pela qual nós governamos o Peru e o Brasil: é aproximar o nosso povo, é permitir que eles tenham oportunidades que estavam tão distantes no século passado, é permitir que essas oportunidades se transformem em investimentos, em empregos e em geração de renda.

Nós vamos assinar aqui 16 acordos hoje... 15 ou 16 acordos, porque tem sempre um que não dá certo na última hora. Nós vamos nos reunir outra vez no primeiro trimestre do ano que vem para ver se a gente conclui o acordo da produção de energia elétrica aqui no Peru, para atender a demanda interna do Peru e para atender a demanda do Brasil. E obviamente que precisamos fazer uma discussão profunda porque nós queremos construir uma parceria que deixe o povo do Peru satisfeito e que deixe o povo brasileiro satisfeito.

Mas é uma oportunidade extraordinária de nós começarmos a resolver as deficiências energéticas que possam existir no Peru ou que possam existir no Brasil. E em março, eu quero ver, ministro Lobão, se a gente pode concluir uma assinatura e, quem sabe, fazer uma festa aqui em Lima e o Alan García oferecer um grande jantar aqui, um jantar de gala. Ou, quem sabe, façamos até



uma reunião na nossa fronteira. Quem sabe a gente possa fortalecer a nossa fronteira, com o governador do Acre... Em Cruzeiro do Sul, que tem um aeroporto novo que ainda não foi transformado em internacional. Mas, de qualquer forma, nós temos a chance de fazer isso.

Nós estamos trabalhando no Brasil, Alan, e eu tenho certeza que no Peru também, um momento muito importante dos nossos países. É a autoafirmação da seriedade com que nós tratamos a economia do meu país e do teu país, e que hoje muitos países ricos sentem inveja de não ter a mesma solidez econômica que nós temos, embora tenham mais tecnologia, mais patrimônio e mais dinheiro.

Se o mundo fosse olhado com um pouco mais de humanidade, a gente poderia ver o seguinte: a quantidade de dinheiro que os países ricos tiveram que tirar do Tesouro para salvar os bancos que estavam ganhando dinheiro especulando – acima de US\$ 400 bilhões –, imaginem se esse dinheiro que foi dado para os bancos, sem nenhuma reclamação, tivesse sido investido para ajudar os países em desenvolvimento a se desenvolverem um pouco mais, como seria muito mais fácil e como nós não teríamos a crise.

Então, eu penso, Alan, que esta reunião de hoje foi muito importante. Acho que Peru e Brasil estão cimentando um alicerce muito forte de uma relação que vai servir de exemplo para as relações que possamos ter com outros países. E eu quero que você saiba, Alan, que não apenas eu pessoalmente, mas acho que Brasil e Peru podem dar outros exemplos na questão da defesa. Nós temos que construir uma unidade no nosso Conselho de Defesa, nós temos que pensar no nosso Conselho de Combate ao Narcotráfico.

Nós, na América do Sul... olha só no mapa o tamanho deste continente, todo ligado. Deus quando fez a gente, Ele fez para a gente ser próximo, porque não tem empecilho para que a gente se junte. Dá para ir a pé. É um pouco longe, na verdade, mas dá para ir a pé. E eu não sei por que nós ficamos tão



distantes, ficamos olhando além do Pacífico, ficamos olhando além do Atlântico, quando nós estamos próximos. Olhem o mapa do Brasil e do Peru, é como se nós estivéssemos (incompreensível), o Alan García conversando com outro e eu conversando com outro aqui, e nós não nos conhecemos, embora estejamos aqui grudados. Foi assim que Deus fez o nosso continente.

E eu penso que nós estamos dando um passo, um passo, para que com mais coragem, com mais ousadia a gente não deixe de olhar além oceano, mas que a gente olhe um pouco para nós e perceba que eu posso te ajudar mais, que você pode me ajudar mais e que o povo brasileiro e o povo peruano podem ganhar muito.

E a tua sensibilidade... eu só acho que você tem um defeito, Alan, um defeito grave: eu acho que você precisa participar mais das reuniões da Unasul. Porque sabe o que acontece? Muitas vezes tem companheiros que não gostam de participar de reunião porque não se decidem as coisas na reunião. Mas política é exatamente isso. O que é importante é que você participe com mais força para que as tuas ideias comecem a ser escutadas por outras pessoas, porque nós só vamos construir a Unasul forte, o Conselho de Defesa forte, o Conselho de Segurança que você está propondo que a gente pode criar. Mas, sobretudo, uma ideia de uma carta que você demandou, de criar nesta parte do mundo uma zona de paz, uma zona de não agressão, uma zona de prosperidade e uma zona de justiça social.

Eu acho que é isso que o povo peruano, o povo brasileiro, argentino, boliviano, venezuelano querem de nós. É preciso saber se a gente vai ter competência para atender essa demanda do nosso povo.

Portanto, parabéns, e obrigado, Alan.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
almoço de fim de ano com oficiais-generais**

Brasília-DF, 14 de dezembro de 2009

Meu caro amigo e companheiro José Alencar, vice-presidente da República,

Meu caro companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Meu caro amigo e companheiro Jorge Armando Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional,

Meu caro companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

Meu caro amigo e companheiro Júlio Soares de Moura Neto, comandante da Marinha,

Meu caro amigo e companheiro Enzo Martins Peri, comandante do Exército,

Meu caro amigo e companheiro Juniti Saito, comandante da Aeronáutica,

Senhores oficiais-generais,

Amigos da imprensa,

Amigos e amigas,

Em primeiro lugar, quero cumprimentar os novos oficiais-generais da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, vitoriosos em um longo e criterioso processo de avaliação. Espero que os senhores enfrentem os novos desafios que lhes serão apresentados com o mesmo talento e a mesma determinação que os trouxeram até aqui.

Gostaria de lembrar a todos que este encontro de hoje acontece num



momento auspicioso. Na semana passada, enviamos ao Congresso Nacional projeto que altera a Lei Complementar 97, fortalecendo ainda mais o Ministério da Defesa. Ainda na semana passada, tive a satisfação de saber que o Exército está recebendo o primeiro lote de 34 viaturas blindadas de combate Leopard-1A5. Recentemente, autorizei o início do projeto Família de Blindados, de produção nacional. Até 2030, serão entregues ao Exército cerca de 3 mil blindados.

É com muito orgulho que acompanho o programa nuclear da Marinha, e acompanhei a formalização, este ano, dos contratos para a construção de um estaleiro, uma base de submarinos, um submarino com propulsão nuclear e quatro submarinos convencionais. E no início de 2010 deveremos tomar a decisão sobre a compra dos aviões-caça para a FAB.

Estamos, assim, tornando realidade o nosso compromisso de continuar modernizando e reaparelhando as três Forças.

Meus amigos,

Como vocês sabem, faço sempre questão de viajar pelo Brasil para acompanhar, pessoalmente, o andamento dos principais programas do governo. Nessas ocasiões, posso verificar como as Forças Armadas vêm desempenhando um papel fundamental nas transformações que estão em curso em nosso país.

O Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, tem recebido o apoio incondicional da Engenharia de Construção do Exército, de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Estou falando do trabalho em rodovias, em pontes, em ferrovias e aeroportos.

Fiquei particularmente feliz com o belo trabalho realizado nos canais, na interligação da Bacia do São Francisco, que tive o prazer de visitar em outubro. Da mesma forma, pude me sentir reconfortado e orgulhoso ao ver as três Forças Armadas trabalhando de forma incansável, em situações extremas, como a seca do Nordeste e as enchentes desde o Sul até o Norte, Centro-



Oeste e Nordeste.

Destaco, ainda, a atuação dos nossos militares nas operações de combate à dengue em diversos estados, sobretudo na Bahia; no apoio ao governo de Pernambuco, com médicos e hospitais, quando da greve do setor da Saúde; na participação no programa Forças no Esporte, que atendeu cerca de 10 mil crianças e adolescentes, oferecendo reforço escolar, cidadania e inclusão social pelo esporte em 24 estados; na ajuda permanente dos aviões do Correio Aéreo Nacional na região Amazônica, levando desenvolvimento, saúde, solidariedade e cidadania; na ajuda humanitária prestada pelos navios-hospital da Marinha, os navios da esperança, ao longo das calhas dos rios da Amazônia; no apoio em segurança e logística fornecidos às provas do Enem realizadas em todo o País.

E quero destacar especialmente a nossa participação junto à missão das Nações Unidas para estabilização no Haiti, a Minustah, seja na estabilização política institucional, seja na recuperação da infraestrutura daquele país, seja em ações sociais.

As tropas de Engenharia do Exército estão construindo estradas, recuperando e asfaltando ruas, perfurando poços artesianos, limpando canais, reformando escolas, hospitais e prédios públicos. O reconhecimento do nosso trabalho foi, mais uma vez, confirmado pela ONU, que prorrogou a presença da Minustah até outubro de 2010.

Quero, portanto, renovar os meus votos em reconhecimento de confiança no Exército Brasileiro, na Marinha do Brasil e na Força Aérea Brasileira. Juntos estamos construindo um Brasil melhor, mais justo e mais soberano.

Quero dizer a vocês muito obrigado, parabéns mais uma vez a todos os novos oficiais-generais e a todos os seus familiares.

Feliz Natal e bom Ano Novo para todos.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom)

Brasília-DF, 14 de dezembro de 2009

Meu caro amigo presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,
Meus caros companheiros ministros que estão aqui presentes, que eu não vou precisar ler a nominata, porque ninguém é candidato a vereador e a deputado,

Meus queridos companheiros senadores, deputados federais,

Meu caro Celso Schröder, coordenador-geral do Fórum Nacional para a Democratização das Comunicações,

Meu caro Marcelo Bechara, presidente da Comissão Organização [Organizadora] da 1º Confecom,

Meu caro Johnny Saad. E eu quero, aqui, fazer um agradecimento especial à participação dos empresários que não tiveram medo de vir nesta Conferência participar do processo de democratização.

Minha querida companheira Rosane Bertotti, secretária de Comunicação da CUT,

Companheiros da imprensa,

Amigos e amigas,

É com grande satisfação que estou aqui hoje, na abertura desta Conferência, para conversar com vocês sobre um tema essencial para a democracia e para o exercício da cidadania: a comunicação social.

Vejo reunidos neste plenário jornalistas, empresários da comunicação e das telecomunicações, trabalhadores, radialistas, professores, movimentos sociais, organizações não governamentais, gestores públicos dos diversos



entes federativos, blogueiros, “bichos-grilo” da internet, gente de vários setores e de muitas tribos, cada qual com sua visão, cada qual com suas experiências e preocupações. Mas todos interessados em encontrar respostas para os enormes desafios e as imensas oportunidades que o Brasil tem pela frente na nova era da digitalização, da internet e da convergência de mídias.

O tema desta Conferência não poderia ser mais apropriado e atual: “Comunicação: meio para a construção de direitos e de cidadania na era digital”. Porque o desafio é esse mesmo: como usar e aproveitar as novas tecnologias para abrir caminhos que levem ao fortalecimento, à multiplicação e à democratização da comunicação social, da informação, do entretenimento, das manifestações artísticas e culturais e do debate público de ideias.

E para responder a esse desafio, a diversidade deste plenário é muito bem-vinda, porque a tarefa que temos pela frente é complexa demais para ser resolvida apenas pelo governo ou apenas por um segmento isolado da sociedade. Tampouco pode ser deixada nas mãos de alguns especialistas, ou de um ou de outro grupo de comunicação, dessa ou daquela categoria profissional. Não! Precisamos da contribuição de todos, em um debate franco e aberto, à luz do dia. Só assim encontraremos os melhores caminhos e as soluções mais interessantes para o nosso país.

Nesse sentido, esta Conferência é um marco. Aliás, isso já ficou claro na sua etapa regional. Nas 27 unidades da Federação, os encontros preparatórios, reunindo representantes da sociedade civil, empresários e gestores públicos transcorreram num clima de respeito, entusiasmo e liberdade. Milhares de pessoas participaram dos debates, defendendo com paixão o seu ponto de vista, e não houve qualquer incidente grave nas Conferências estaduais. Ao contrário, elas foram marcadas pelo diálogo, pela maturidade e pela boa convivência democrática.

Por isso mesmo, lamento que alguns atores da área da comunicação tenham preferido se ausentar desta Conferência, temendo sabe-se lá o quê.



Perderam uma ótima oportunidade para conversar, defender suas ideias, lançar pontes e derrubar muros. Eu, que sou um homem de conversa e de diálogo, volto a dizer: lamento. Mas cada um é dono de suas decisões e sabe onde lhe aperta o calo. Bola pra frente, e vamos tocar nossa Conferência.

Minhas amigas e meus amigos,

Esta Conferência Nacional de Comunicação é uma Conferência indispensável. Nossa legislação na área é muito antiga e, evidentemente, não responde aos desafios da atualidade. Cito apenas um exemplo: o Código Brasileiro de Telecomunicações que até hoje ainda disciplina a radiodifusão – ou seja, o rádio e a televisão – é de 1962.

De lá para cá, passaram-se 47 anos, quase meio século, e o mundo e o Brasil passaram por grandes transformações. A transmissão por satélites revolucionou a comunicação, permitindo a formação das redes nacionais de televisão e as transmissões ao vivo para todo o País e todo o Planeta. A TV em preto e branco foi substituída pela TV a cores. Se no início da década de 60 havia poucos aparelhos de televisão no Brasil, hoje eles são presentes em 95% dos domicílios brasileiros.

O fato é que mudaram as tecnologias, mudou o País, mudou o mundo, e como não podia deixar de ser, mudou também a comunicação. Mas essas mudanças não foram acompanhadas pelos aperfeiçoamentos e atualizações necessárias na nossa legislação.

Tanto que a Constituição de 1988, ao estabelecer e consolidar os princípios e fundamentos da comunicação social, previu também a elaboração de leis especiais que regulamentariam vários de seus preceitos. Essa determinação, infelizmente, não foi observada em muitos casos, agravando o descasamento entre a acelerada mudança da realidade e o envelhecimento progressivo dos marcos legais.

Minhas amigas e meus amigos,

Esta Conferência realiza-se sob o signo da liberdade de imprensa.



Tenho orgulho de dizer que a imprensa no Brasil é livre. Ela apura – e deixa de apurar – o que quer. Publica – e deixa de publicar – o que deseja. Opina – e deixa de opinar – sobre o que bem entende.

Meu compromisso com a liberdade de imprensa é sagrado. Ela é essencial para a democracia. O Estado democrático só existe, se consolida e se fortalece com uma imprensa livre.

Às vezes, há jornais ou noticiários de rádio ou televisão que se excedem, que desprezam os fatos e embarcam em campanhas, que divulgam inverdades ou mesmo que disseminam calúnias e infâmias. Aprendi a conviver tranquilamente com isso porque tenho a certeza de que, havendo liberdade de imprensa e democracia, mais cedo ou mais tarde a verdade termina prevalecendo.

E por uma razão muito simples: os leitores, os ouvintes, os telespectadores são perfeitamente capazes de separar o joio do trigo, a informação da desinformação, a notícia da campanha, a verdade da eventual manipulação. São críticos implacáveis e juízes muito severos. Quem não os trata com respeito, não mostra consideração pela sua inteligência, acaba perdendo credibilidade.

Por isso mesmo, estou entre aqueles que acham que não há nada melhor para os eventuais excessos cometidos pela imprensa do que a própria liberdade de imprensa.

Minhas amigas e meus amigos,

Esta Conferência realiza-se numa época marcada pela convergência de mídias. Até algum tempo atrás, vivíamos em um mundo em que os diferentes meios de comunicação eram claramente separados uns dos outros. Jornal, rádio e televisão não se confundiam.



Com a digitalização e a internet, as fronteiras entre os diferentes meios estão sendo dissolvidas. Hoje, texto, áudio e imagem não só são tratados com a mesma tecnologia digital, como podem ser disseminados pelas mesmas plataformas.

Um número crescente de leitores informa-se através da internet. Cada vez mais, as notícias estão disponíveis em tempo real, tanto em computadores pessoais como em aparelhos celulares ou em outros equipamentos portáteis.

E com a chegada da TV digital no Brasil e a implantação da banda larga, o processo de convergência de mídias tende a se acelerar ainda mais. Até algum tempo atrás, só era possível assistir à televisão nos aparelhos de televisão. Hoje, o sinal aberto da radiodifusão pode ser recebido também em computadores e TVs portáteis que cabem na palma da mão. O usuário também pode ter acesso a vídeos, filmes, telenoticiários e todo tipo de programas nos telefones celulares, através da tecnologia 3G.

A tendência é de que, em muito pouco tempo, a maioria das pessoas possa receber no mesmo aparelho, seja ele fixo ou móvel, tanto o sinal gratuito e aberto da radiodifusão transmitido pelas ondas eletromagnéticas, como os arquivos de imagens e sons, gratuitos ou não, transmitidos pela banda larga ou por outras tecnologias. Ou seja, a fronteira entre a televisão, rádio e jornais, de um lado, e a internet, de outro, serão cada vez menos nítidas. O acesso aos diferentes meios será cada vez mais indistinto. A superposição e a fusão entre eles serão cada vez maiores.

Isso abre imensas possibilidades para o mundo da comunicação. Mas, ao mesmo tempo, lança enormes desafios para a sociedade: desafios legais, econômicos, sociais e políticos.

É evidente que nossa legislação, que já era anacrônica antes mesmo da revolução digital, é incapaz de dar conta dos complexos problemas, cruzamentos e superposições criados pelo vertiginoso processo de convergência de mídias. Ou encaramos frontalmente essa realidade, ou



sofreremos suas consequências de forma desordenada e caótica.

É claro, também, que esse processo afetará de forma distinta os diferentes setores econômicos e produtivos do mundo da comunicação, ensejando novos arranjos e soluções. Devemos cuidar para que o resultado seja o melhor, não para esse ou para aquele segmento da sociedade, mas para toda a sociedade brasileira.

É importante ainda levar em conta os impactos políticos e sociais desse processo. A convergência de mídias deve ser um estímulo à multiplicação dos meios de comunicação social, nunca à sua monopolização ou à sua oligopolização. Deve favorecer a pluralidade e a diversidade, nunca a uniformidade. Isso é essencial para o exercício da cidadania e da democracia.

Devemos também garantir que a população siga tendo acesso gratuito à informação, ao entretenimento, às manifestações artísticas e culturais, proporcionados pela radiodifusão. Num país como o nosso, onde amplos setores ainda vivem em meio a grandes dificuldades econômicas, essa questão não pode ser subestimada e tratada de forma menor.

Por tudo isso, o País precisa travar um debate franco e aberto sobre a comunicação social. Não será enfiando a cabeça na areia, como avestruz, que enfrentaremos o problema. Não será tampouco fechando os olhos para o futuro ou pretendendo congelar o passado que lideraremos corretamente... que lidaremos corretamente com a nova situação.

Isso vale para todos nós: governo, empresas de comunicação e de telecomunicações, trabalhadores, movimentos sociais, leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

É chegada a hora de uma nova pactuação na área da comunicação social que resgate os acertos do passado, mas também corrija seus erros, e seja capaz de responder às enormes interrogações e às extraordinárias oportunidades que temos diante de nós.

Companheiras e companheiros, amigos e amigas,



Esta Conferência realiza-se também num momento de multiplicação dos meios de comunicação. A digitalização e a internet propiciam uma forte diminuição dos custos de produção da indústria da comunicação. Isso tende a criar um ambiente favorável a uma relativa desconcentração nos meios de comunicação, numa inflexão em relação ao impressionante processo de concentração ocorrido nos últimos quarenta anos ou cinquenta anos em todo o mundo, e também em todo o Brasil.

Tomemos o exemplo dos jornais. As despesas com a redação – o coração da atividade – respondem apenas por um terço do custo total. Ou seja, teoricamente, é possível editar um jornal eletrônico na internet, onde não há gastos com papel e distribuição, com um custo bem inferior ao atual.

Isso estimulará o surgimento de publicações eletrônicas mais leves e baratas, editadas por grupos menores. É possível também que grupos de jornalistas e profissionais competentes decidam criar jornais eletrônicos de boa qualidade, preferindo trilhar seu próprio caminho em vez de trabalhar para os outros.

Em alguma medida, a explosão da blogosfera já aponta nessa direção da multiplicação da oferta de informação, de opinião, de debate de ideias. Existem hoje na internet uma infinidade de blogs, com os mais variados interesses, os mais diversos estilos e as mais diferentes inclinações. Trata-se de um espaço em permanente ebulição, que atrai um número cada vez maior de pessoas e comunidades. Trata-se de um território de liberdade, que aproxima a comunicação do cidadão, dando voz e alcance a milhões que antes não tinham como se expressar na mídia.

Também no rádio e na televisão, a tecnologia digital pode promover a multiplicação dos meios e veículos de comunicação. Ao permitir uma ocupação mais intensiva do espectro eletromagnético, ela torna possível a ampliação do número de concessões de rádio e TV, oferecendo oportunidades a novos atores, a novos grupos, a novas comunidades, isso sem falar na



multiprogramação, que elevará ainda mais a oferta de programas e serviços.

Mas, no Brasil, não são apenas as novas tecnologias que estão alimentando a multiplicação dos meios de informação. O vigoroso processo de inclusão social, bem como a redução das desigualdades regionais e a interiorização da economia, também vem impulsionando o surgimento e o fortalecimento de novos veículos, de novos grupos, de novas iniciativas, o que é muito positivo.

Os números das vendas de jornais comprovam esse fenômeno. A circulação dos jornais tradicionais no eixo Rio-São Paulo-Brasília, por exemplo, está estagnada há mais de cinco anos em torno de 900 mil exemplares diários. No mesmo período, os jornais das capitais dos demais estados cresceram 41%, ultrapassando a marca de 1 milhão e 700 mil exemplares. As vendas dos jornais do interior subiram mais ainda: 62%. No caso dos jornais populares, a alta é simplesmente espetacular, superando 120% e atingindo o patamar de 1 milhão e 200 mil exemplares.

Tudo isso tem a ver com distribuição de renda, mobilidade social, crescimento da classe média, interiorização da economia, fortalecimento das regiões Norte e Nordeste. Tudo isso tem a ver com fenômenos econômicos e sociais novos, que vieram para ficar e que, portanto, vão impulsionar mais ainda o processo de multiplicação dos meios de comunicação.

É bom lembrar que essa dinâmica será reforçada em breve com o lançamento do Plano Nacional de Banda Larga, que terá como objetivo levar a internet, em alta velocidade e a preços razoáveis, a todos os lares do Brasil. Vocês devem ter visto os números anunciados na semana passada pelo IBGE sobre o acesso à internet no País. Demos um salto espetacular: em três anos – de 2005 a 2008 –, o total de usuários cresceu 75%, passando de 32 milhões para 56 milhões de pessoas.

Isso é muito bom, mas não podemos nos dar por satisfeitos. No mundo atual, a internet não é um luxo, mas um serviço de primeira necessidade,



essencial para a educação, o trabalho, a informação, o lazer, a comunicação e o exercício da cidadania.

Temos, portanto, que massificar ainda mais o acesso à rede, com alta velocidade e preços módicos, volto a dizer. A inclusão digital, da mesma forma que a inclusão social, deve ser encarada como uma prioridade nacional. E é evidente que quanto mais gente tiver acesso à rede, maior será a demanda de conteúdos e maior terá de ser a oferta de informação e entretenimento.

Meus caros companheiros e queridas companheiras,

Outra grande novidade é a mudança imposta pela internet no padrão de relações entre os produtores e os consumidores de informação e entretenimento.

A indústria da comunicação sempre trabalhou com um modelo vertical, que podia ser resumido da seguinte forma: alguns poucos escreviam, falavam ou exibiam para muitos, que apenas liam, ouviam ou assistiam. Ou seja, um modelo em que havia, de um lado, um núcleo ativo de produtores, e de outro, uma massa passiva de consumidores.

A internet, ao promover a formação de redes horizontais, está levando a importantes mudanças nesse cenário. O poder de interferência dos leitores, ouvintes e telespectadores, que era quase nulo no esquema tradicional, deu um salto espetacular com o surgimento e o fortalecimento da internet.

Os consumidores de informação, estimulados por blogs, por leitores mais ativos ou por grupos de pressão, passaram a formar redes horizontais, trocando opiniões, descobrindo pontos de contato, firmando convicções, tornando-se mais críticos e menos passivos. É um pouco o que vem acontecendo na blogosfera.

Em muitos casos, esse ativismo não se restringe apenas aos leitores. Alcança também as fontes primárias de informação – empresas, políticos, universidades, associações de classe, sindicatos, artistas, clubes desportivos, órgãos governamentais –, que descobrem que podem atuar na rede e ter voz



na internet, relacionando-se diretamente com boa parte do público.

Não são pequenas as consequências desse processo, a um só tempo tumultuado e estimulante. Não creio que ele ameace o jornalismo, ao menos o bom jornalismo. Ao contrário, creio que o bom jornalismo sairá fortalecido dessa prova.

Minhas amigas e meus amigos,

Como se vê, os temas que vão ser debatidos nesta Conferência são muito complexos. Talvez, no momento, não seja possível encontrar respostas definitivas para muitos deles, mas espero que este encontro contribua para abrir e oxigenar um amplo processo de discussão em toda a sociedade. Um processo que estimule o Congresso a se debruçar sobre o tema da comunicação social com a importância que ele tem, com a visão abrangente que ele merece e com a urgência que ele requer. Um processo que convoque todos os candidatos, especialmente os que disputarão a Presidência da República, a se pronunciarem sobre o tema, a incluí-lo em seus programas e a exporem ao País suas convicções e ideias. Um processo que atraia a todos e esteja aberto à contribuição de todos. Um processo que não exclua ninguém e que não seja propriedade exclusiva de quem quer que seja.

Talvez seja a maior contribuição que esta Conferência possa dar: voltar a incluir a questão da comunicação social na agenda do País e tornar irreversível seu debate aberto, público e transparente.

Meus companheiros e companheiras,

Eu estou aqui falando, mas Deus, quando fez o ser humano, ele deu uma boca para a gente falar o tanto que eu falei, mas deu duas orelhas – e a minha ainda é meio caída para lá, que parece uma caixa de ressonância – para ouvir o que vocês estão gritando aí de trás: as rádios comunitárias. Esse é um desafio que eu penso que aqui, nesta Conferência, é importante a gente colocar o preto do lápis no branco do papel bem corretamente, para que a gente não permita que continuem acontecendo os equívocos que acontecem e,



muitas vezes, o abuso de pessoas em vários lugares deste país, que requerem rádio comunitária em nome do movimento comunitário e, na verdade, muitas vezes, são políticos tradicionais conhecidos em muitas áreas deste país. É importante, e para isso é importante que o movimento comunitário... para isso é importante que o movimento comunitário se comporte com a maior seriedade do mundo, e que a gente não aceite, que por ser do movimento comunitário, a gente permita que alguém do nosso meio possa fazer também um processo inequívoco... equivocado e que não tem direito. A gente precisa agir corretamente para que as rádios comunitárias possam atender verdadeiramente os interesses comunitários.

E nós sabemos que todas essas coisas têm que passar pelo Congresso Nacional, nós sabemos que tudo isso tem que passar pelo Congresso Nacional, e eu acho extremamente importante. E aí, meu companheiro Franklin Martins, Hélio Costa e Dulci, que organizaram esta Conferência, eu queria terminar dizendo para vocês o seguinte: muitas vezes, muitas vezes quando nós chegamos em um ato como este, muitas vezes – e à primeira vista – as pessoas pensam: “Mas este ato aqui está muito dividido”. Eu queria lembrar à imprensa brasileira que este ato tem 40% de representação empresarial, este ato tem 40% de representação do movimento social e este ato tem 20% das mais diferentes representações do poder público brasileiro – prefeitura, governo estadual, governo municipal. Portanto, é um ato que o governo convoca e é um ato em que o governo se dispõe a estar presente como minoria, porque o papel do governo não é ser maioria. O papel do governo é tentar extrair daqui a essência daquilo que a sociedade brasileira tem acumulado ao longo de dezenas e dezenas de anos de sofrimento à espera de que a gente possa, uma vez na vida, democratizar os meios de comunicação neste país para atender aos interesses da sociedade brasileira.

E eu sem conhecer – porque amanhã de manhã estarei viajando para a Dinamarca para discutir a questão do clima –, sem conhecer o resultado, eu



posso dizer, pelo que eu conheço da sabedoria de vocês: vocês irão tirar como documento para que a gente possa enviar ao Congresso e fazer a regulamentação... talvez não melhor que, individualmente, algum companheiro ou companheira queria, mas eu não tenho dúvida nenhuma de que vocês vão tirar daqui, extrair o melhor que a sociedade brasileira já foi capaz de fazer em nível de comunicação.

Mãos à obra, muito diálogo e bom trabalho a todos vocês. Um abraço, companheiros.

(S211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão plenária da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima

Copenhague-Dinamarca, 17 de dezembro de 2009

Senhor Presidente,
Senhores chefes de Governo,
Senhores chefes de Estado,

Uma primeira palavra de agradecimento ao governo da Dinamarca pela amigosa acolhida que nos dispensa nesta reunião.

A mudança do clima é dos problemas mais graves que enfrenta a Humanidade. Controlar o aquecimento global é fundamental para proteger o meio ambiente, permitir o crescimento econômico e superar a inaceitável exclusão social. O Relatório de Desenvolvimento Humano do PNUD alertou, em 2007, que a mudança do clima poderia estar gerando o maior retrocesso da história. Não podemos permitir que isso ocorra.

O controle do aquecimento global depende de um esforço coletivo. Temos que implementar urgente e plenamente os compromissos da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima. Os efeitos da mudança do clima já se fazem sentir, sobretudo entre os mais pobres. Precisamos de ações concretas e justas, amparadas em meios financeiros e tecnológicos expressivos. Elas devem refletir a participação de cada país, ao longo dos últimos séculos, no aumento da temperatura. É fundamental respeitar o princípio de responsabilidades comuns, porém diferenciadas.

Um aumento máximo da temperatura média global de dois graus centígrados é referência importante para nosso esforço coletivo de mitigação. Essa meta deve ser periodicamente atualizada, de modo a acompanhar o



avanço do conhecimento científico. A ambição de reduzir, em 50%, as emissões globais de gases de efeito estufa em 2050, em comparação com o ano de 1990, ajudará a assegurar esse objetivo. Mas esta ambição será vazia e sem sentido se não houver compromissos claros de curto e médio prazos.

Aqui em Copenhague não há lugar para conformismo. Os países desenvolvidos devem assumir metas ambiciosas de redução de emissões à altura de suas responsabilidades históricas e do desafio que enfrentamos. Segundo o IPCC, a redução deveria ser de 25% a 40%, até 2020, em comparação com 1990. Se quisermos ser realmente ambiciosos, devemos almejar o patamar de 40%.

Quero falar com toda clareza e franqueza. Esta Conferência não é um jogo onde se possa esconder cartas na manga. Se ficarmos à espera do lance de nossos parceiros, podemos descobrir que é tarde demais. Todos seremos perdedores.

Meus caros amigos,

A preservação do Protocolo de Quioto é absolutamente necessária para que o regime internacional mantenha seu rigor. Ele não pode ser substituído por instrumento menos exigente. Os países desenvolvidos devem tomá-lo como referência para a definição de metas de cortes profundos. Essa é a essência do conceito de comparabilidade do Plano de Ação de Bali.

Os países em desenvolvimento devem dar sua contribuição ao esforço global de mitigação. Muitos estão aprofundando suas ações, mesmo na ausência dos recursos internacionais.

O Brasil dispõe de uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Oitenta e cinco por cento de nossa energia elétrica é de origem hídrica. Quarenta e sete por cento do total de nossa energia é renovável. Fomos pioneiros na produção e uso generalizado de biocombustíveis.

A Amazônia é um grande patrimônio dos povos que a habitam. Daí o nosso compromisso de reduzir seu desmatamento em 80% até 2020.



O Congresso Brasileiro aprovou Projeto de Lei de iniciativa do Executivo, que contém um conjunto de ações envolvendo combate ao desmatamento, agricultura, energia e siderurgia. Essas medidas deverão reduzir o crescimento das emissões brasileiras de gases de efeito estufa entre 36,1% e 38,9%, até 2020. Esse esforço nos custará US\$ 160 bilhões. Ou seja, US\$ 16 bilhões por ano, até 2020. Mas essa não é uma proposta para barganhar. É um compromisso que assumimos com a nação brasileira e com o mundo.

Outros países em desenvolvimento também apresentaram propostas expressivas. Mas tal ambição só poderá se concretizar plenamente se os fluxos internacionais de apoio tecnológico e financeiro deixarem de ser – como são hoje – tímida promessa ou talvez apenas uma miragem.

O combate à mudança do clima não pode fundamentar-se na perpetuação da pobreza. A mitigação é essencial. Mas a adaptação é um desafio prioritário para os países em desenvolvimento, sobretudo para as pequenas ilhas e países sujeitos à desertificação, especialmente na África. É inaceitável que os países menos responsáveis pela mudança do clima sejam suas primeiras e principais vítimas.

A Convenção estabeleceu a obrigação dos países desenvolvidos de oferecer apoio financeiro e tecnológico para os países em desenvolvimento. Será muito difícil aprofundar as iniciativas de mitigação ou reforçar a capacidade de adaptação, sobretudo dos países pobres e vulneráveis, sem que os fluxos financeiros tenham forte componente de financiamento público. Mecanismos de mercado podem ser muito úteis, mas nunca terão a magnitude ou a previsibilidade necessárias para a transformação do que realmente queremos.

O Brasil participa desta Conferência com a determinação de obter resultados ambiciosos. Mas essa ambição tem de ser compartilhada com todos. As fragilidades de uns não podem servir de pretexto para recuos ou vacilações de outros. Não é politicamente racional, nem moralmente justificável



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

colocar interesses corporativos e setoriais acima do bem comum da Humanidade. A hora de agir é esta. O veredito da história não poupará os que faltarem com as suas responsabilidades neste momento.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante sessão plenária de debate informal na Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-15)

Copenhague-Dinamarca, 18 de dezembro de 2009

Senhor Presidente,
Senhor Secretário-Geral,
Senhores e senhoras chefes de Estado,
Senhores e senhoras chefes de Governo,
Amigos e amigas,

Confesso a todos vocês que estou um pouco frustrado porque há muito tempo discutimos a questão do clima e, cada vez mais, constatamos que o problema é mais grave do que nós possamos imaginar.

Pensando em contribuir para a discussão nesta Conferência, o Brasil teve uma posição muito ousada. Apresentamos as nossas metas até 2020, assumimos um compromisso e aprovamos no Congresso Nacional, transformando em lei que o Brasil, até 2020, reduzirá as emissões de gases de efeito estufa de 36,1% a 38,9%, baseado em algumas coisas que nós consideramos importantes: mudança no sistema da agricultura brasileira; mudança no sistema siderúrgico brasileiro; mudança e aprimoramento da nossa matriz energética, que já é uma das mais limpas do mundo; e assumimos o compromisso de reduzir o desmatamento da Amazônia em 80% até 2020.

E fizemos isso construindo uma engenharia econômica que obrigará um país em desenvolvimento, com muitas dificuldades econômicas, a gastar até 2020 US\$ 166 bilhões, o equivalente a US\$ 16 bilhões por ano. Não é uma tarefa fácil, mas foi necessário tomar essas medidas para mostrar ao mundo



que, com meias palavras e com barganhas, a gente não encontraria uma solução nesta Conferência de Copenhague.

Tive o prazer de participar ontem à noite, até às duas e meia da manhã, de uma reunião que, sinceramente, eu não esperava participar, porque era uma reunião onde tinha muitos chefes de Estado, figuras das mais proeminentes do mundo político e, sinceramente, submeter chefes de Estado a determinadas discussões como nós fizemos antes [ontem], há muito tempo eu não assistia.

Eu, ontem, estava na reunião e me lembrava do meu tempo de dirigente sindical, quando estávamos negociando com os empresários. E por que é que tivemos essas dificuldades? Porque nós não cuidamos antes de trabalhar com a responsabilidade com que era necessário trabalhar. A questão não é apenas dinheiro. Algumas pessoas pensam que apenas o dinheiro resolve o problema. Não resolveu no passado, não resolverá no presente e, muito menos, vai resolver no futuro. O dinheiro é importante e os países pobres precisam de dinheiro para manter o seu desenvolvimento, para preservar o meio ambiente, para cuidar das suas florestas. É verdade. Mas é importante que nós, os países em desenvolvimento e os países ricos, quando pensarmos no dinheiro, não pensemos que estamos fazendo um favor, não pensemos que estamos dando uma esmola, porque o dinheiro que vai ser colocado na mesa é o pagamento pela emissão de gases de efeito estufa feita durante dois séculos por quem teve o privilégio de se industrializar primeiro.

Não é uma barganha de quem tem dinheiro ou quem não tem dinheiro. É um compromisso mais sério, é um compromisso para saber se é verdadeiro ou não o que os cientistas estão dizendo, que o aquecimento global é irreversível. E, portanto, quem tem mais recursos e mais possibilidades precisa garantir a contribuição para proteger os mais necessitados.

Todo mundo se colocou de acordo que precisamos garantir os 2% de aquecimento global até 2050. Até aí, todos estamos de acordo. Todo mundo



está consciente de que só é possível construirmos esse acordo se os países assumirem, com muita responsabilidade, as suas metas. E mesmo as metas, que deveriam ser uma coisa mais simples, tem muita gente querendo barganhar as metas. Todos nós poderíamos oferecer um pouco mais se tivéssemos assumido boa vontade nos últimos períodos.

Todos nós sabemos que é preciso, para manter o compromisso das metas e para manter o compromisso do financiamento, a gente, em qualquer documento que for aprovado aqui, a gente tem que manter os princípios adotados no Protocolo de Quioto e os princípios adotados na Convenção-Quadro. Porque é verdade que nós temos responsabilidades comuns, mas é verdade que elas são diferenciadas.

Eu não me esqueço nunca que quando tomei posse, em 2003, o meu compromisso era tentar garantir que cada brasileiro ou brasileira pudesse tomar café de manhã, almoçar e jantar. Para o mundo desenvolvido, isso era coisa do passado. Para a África, para a América Latina e para muitos países asiáticos, ainda é coisa do futuro. E isso está ligado à discussão que estamos fazendo aqui, porque não é discutir apenas a questão do clima. É discutir desenvolvimento e oportunidades para todos os países.

Eu tive conversas com líderes importantes e cheguei à conclusão de que era possível construir uma base política que pudesse explicar ao mundo que nós, presidentes, primeiros-ministros e especialistas, somos muito responsáveis e que iríamos encontrar uma solução. Ainda acredito, porque eu sou excessivamente otimista. Mas é preciso que a gente faça um jogo, não pensando em ganhar ou perder. É verdade que os países que derem dinheiro têm o direito de exigir a transparência, têm direito até de exigir o cumprimento da política que foi financiada. Mas é verdade que nós precisamos tomar muito cuidado com essa intrusão nos países em desenvolvimento e nos países mais pobres. A experiência que nós temos, seja do Fundo Monetário Internacional ou seja do Banco Mundial nos nossos países, não é recomendável que



continue a acontecer no século XXI.

O que nós precisamos... e vou dizer, de público, uma coisa que eu não disse ainda no meu país, não disse à minha bancada e não disse ao meu Congresso: se for necessário fazer um sacrifício a mais, o Brasil está disposto a colocar dinheiro também para ajudar os outros países. Estamos dispostos a participar do financiamento se nós nos colocarmos de acordo numa proposta final, aqui neste encontro.

Agora, o que nós não estamos de acordo é que as figuras mais importantes do planeta Terra assinem qualquer documento, para dizer que nós assinamos documento. Eu adoraria sair daqui com o documento mais perfeito do mundo assinado. Mas se não tivermos condições de fazer até agora – eu não sei, meu querido companheiro Rasmussen, meu companheiro Ban Ki-moon – se a gente não conseguiu fazer até agora esse documento, eu não sei se algum anjo ou algum sábio descerá neste plenário e irá colocar na nossa cabeça a inteligência que nos faltou até a hora de agora. Não sei.

Eu acredito, como eu acredito em Deus, eu acredito em milagre, ele pode acontecer, e quero fazer parte dele. Mas, para que esse milagre aconteça, nós precisamos levar em conta que teve dois grupos trabalhando os documentos aqui, que nós não podemos esquecer. Portanto, o documento é muito importante, dos grupos aqui.

Segundo, que a gente possa fazer um documento político para servir de base de guarda-chuva, também é possível fazer, se a gente entender três coisas: primeiro, Quioto, Convenção-Quadro, MRV, não podem adentrar a soberania dos países – cada país tem que ter a competência de se autofiscalizar – e, ao mesmo tempo, que o dinheiro seja colocado para os países efetivamente mais pobres.

O Brasil não veio barganhar. As nossas metas não precisam de dinheiro externo. Nós iremos fazer com os nossos recursos, mas estamos dispostos a dar um passo a mais se a gente conseguir resolver o problema que vai atender,



primeiro, a manutenção do desenvolvimento dos países em desenvolvimento. Nós passamos um século sem crescer, enquanto outros cresciam muito. Agora que nós começamos a crescer, não é justo que voltemos a fazer sacrifício.

No Brasil ainda tem muitos pobres. No Brasil tem muitos pobres, na África tem muitos pobres, na Índia e na China tem muitos pobres. E nós também compreendemos o papel dos países mais ricos. Eles, também, não podem ser aqueles que vão nos salvar. O que nós queremos é apenas, conjuntamente, ricos e pobres, estabelecer um ponto comum que nos permita sair daqui, orgulhosamente, dizendo aos quatro cantos do mundo que nós estamos preocupados em preservar o futuro do planeta Terra sem o sacrifício da sua principal espécie, que são homens, mulheres e crianças que vivem neste mundo.

Muito obrigado.

(\$211B)



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com jornalistas setoristas do Palácio do Planalto

Brasília-DF, 21 de dezembro de 2009

Olhem, primeiro eu queria mais uma vez, ao chegarmos ao final de mais um ano, agradecer a cada um de vocês pelo comportamento de vocês, pelo trabalho de vocês, e dizer para vocês que eu continuo sendo um brasileiro que acho que só cheguei à Presidência da República porque neste país nós temos liberdade de imprensa. Certamente, sempre tem gente que quer muito mais, sempre tem gente que quer muito menos. Mas o dado concreto é que nós estamos exercendo a liberdade de imprensa como jamais foi exercida no Brasil.

E a gente não poderia terminar o ano melhor do que estamos terminando, com a Conferência Nacional sobre telecomunicações [Conferência Nacional de Comunicação]. Uma Conferência que gerou medo, que gerou muitas discussões, que gerou antagonismo. Mas na hora em que nós fizemos as Conferências estaduais e na hora em que juntamos 1.600 delegados aqui em Brasília, envolvendo setores empresariais, de televisão, de rádio, envolvendo as telefônicas, envolvendo o movimento social, o que a gente percebeu é que a gente destravou uma coisa que estava tensionada, e as pessoas puderam descobrir que essa convivência democrática na diversidade é o melhor jeito de a gente construir um novo marco regulatório para as telecomunicações no Brasil.

Nós temos muita novidade a cada dia, e nós ainda temos uma regulamentação que data de 1962. Então, é importante que as pessoas saibam que nós não queremos fazer uma coisa do governo, nós não queremos fazer uma coisa dos empresários, nós não queremos fazer uma coisa do movimento



social. Nós queremos fazer uma coisa para o Brasil, que seja melhor, que seja confortável para o fortalecimento da democracia brasileira.

Depois, eu queria também dizer para vocês que o ano termina, na minha opinião, maravilhosamente bem, pelos resultados da economia, pelos resultados do emprego. No dia 30 de novembro nós consagramos a criação de 1 milhão e 413 mil novos postos de trabalho no Brasil, o que é uma coisa exuberante para um ano em que todos os países do mundo, sobretudo os mais ricos, entraram em uma crise profunda.

Eu quero dizer para vocês que eu estou muito feliz como presidente da República, mas muito mais como ser humano, como brasileiro, eu estou muito feliz que o Brasil tenha se encontrado consigo mesmo. Eu sempre disse para vocês: respeito é bom, eu gosto de dar e gosto de receber. Quando as pessoas se respeitam, tudo fica mais fácil. Eu acho que o Brasil, hoje, ganhou uma respeitabilidade mundial que a gente não tinha durante o século XX, durante o século XVIII, durante o século XVII, e que nós estamos conquistando no século XXI, porque nós aprendemos a nos respeitar. Quando a gente se respeita, quando a gente respeita o próximo, quando a gente trata as pessoas em igualdade de condições, a gente fica com mais autoridade para exigir que as pessoas também nos tratem em igualdade de condições.

Então, o Brasil termina o ano bem. Eu acho que a conquista da Copa do Mundo para o Brasil, a conquista das Olimpíadas para o Brasil, a participação do Brasil na COP-15, agora, demonstrou que o Brasil não pretende ser mais do que ninguém. O Brasil apenas quer ser tratado em igualdade de condições, apenas isso. O Brasil quer respeitar todo mundo e o Brasil quer ser respeitado.

E eu acho que isso não seria possível a gente ter conseguido sem vocês. Quando vocês fazem matérias críticas, quando vocês fazem matérias elogiosas, cada vez menos, porque se criou no Brasil a ideia de que falar a verdade é ser chapa-branca. Colocar, muitas vezes, coisas que não são



verdadeiras é que dá o charme, ou seja, o que é uma bobagem imensa, do ponto de vista de uma palavra sagrada, chamada credibilidade.

Então, eu quero agradecer a vocês, agradecer a vocês pelo trabalho de vocês. Desejar a vocês um Ano Novo... um Natal muito bom, um Ano Novo melhor ainda. Vocês estão lembrados de que no dia 22 eu fui para a televisão, contrariando muitas coisas que estavam acontecendo no Brasil, eu fui pedir para o povo consumir, e pedi para o povo consumir. Este ano eu fiz um pronunciamento, que vai ao ar na terça-feira, pedindo ao povo, mostrando ao povo que agora é hora do investimento. E fui mostrar o que nós estamos fazendo para garantir que 2010 seja um ano melhor do que foi 2009, 2008, 2007. E trabalhar. No ano que vem eu tenho muito mais trabalho do que eu tive esse ano. E, certamente, quem vier depois de mim vai ter que trabalhar muito mais, porque o Brasil, depois de mais de vinte anos de paralisia, o Brasil redescobriu o gosto de trabalhar, de ter obras públicas, de ter investimentos públicos.

Então, eu só poderia desejar para vocês um feliz Natal, um feliz Ano Novo, e eu espero que todos vocês estejam de melhor humor no ano que vem, e eu, muito mais.

Prometo a vocês que no ano que vem eu serei 100% de bom humor.

Jornalista: Os aposentados não estão tão felizes...

Jornalista: O que eles vão ganhar de presente de Natal?

Jornalista: ...não estão concordando com esse (incompreensível) que o senhor está traçando.

Presidente: Olha, deixa eu lhe contar uma coisa. Primeiro, a gente pode procurar dor de cabeça onde a gente quiser. A gente só não pode é dizer que



tem onde não tem. Veja, no meu governo os aposentados não tiveram um centavo de prejuízo. Nós repusemos aos aposentados brasileiros aquilo que foi a inflação. Em segundo lugar, os que ganham salário-mínimo tiveram aumentos substanciais. A cada vez que a gente aumenta o salário-mínimo, do jeito que estamos aumentando, significa a gente colocar R\$ 20 bilhões a mais na economia, por ano. Agora, eu tenho uma coisa, que é da minha seriedade, do meu comportamento. Veja, o dinheiro da Previdência é o dinheiro dos aposentados, não é um dinheiro meu. O ideal seria que a gente pudesse dar tudo o que as pessoas pedem, a todo momento. Seria o ideal, porque é o discurso mais fácil, é o discurso mais simples, mais tranquilo. Agora, a verdade é que eu quero agir com o povo brasileiro da mesma forma que eu agia quando o meu filho tinha 5 anos de idade. Eu tenho o meu filho, de 24 anos, que eu acho que ele deve ter uma frustração na vida. Quando ele tinha 12 anos de idade, 10 anos, a escola dele inteira foi para Miami, a escola inteira. E eu não esqueço nunca o dia em que o meu filho chegou para mim e falou: “Pai, vai todo mundo da minha classe para a Disneylândia. Eu posso ir?” Eu falei: Você não pode ir. Por que você não pode ir? Porque o seu pai não tem dinheiro, e o seu pai não pode fazer dívida para você ir para Miami. Eu não sei se ele compreendeu. Mas eu preferi ser sincero com ele do que mentir.

Veja, todo mundo sabe que a Previdência tem um limite, a Previdência tem uma arrecadação. A gente não pode pagar o que a gente não tem. Ou você pensa que tem algum brasileiro ou uma brasileira que gostaria mais, que gosta mais do trabalhador do que eu, alguém que tenha mais compromisso com ele do que eu? Não existe. Agora, eu não posso fugir do limite do bom senso, para o bem deles, porque se a Previdência quebrar, será mal para todos os brasileiros.

Então, eu estou tratando com muito carinho. Na hora em que for formulada a proposta e estiver ao alcance da possibilidade da Receita e da Previdência, nós iremos fazer isso, mas sem nervosismo e sem trauma.



Um abraço, gente. Um abraço e (incompreensível) 2010.

(\$212A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o jantar “Apresentando o Melhor do Brasil” oferecido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex) aos empresários exportadores e investidores

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2009

Dilma, você sabe que tiveram que levantar o microfone, significa que você é baixinha. Se eu viesse falar depois do Miguel Jorge, tinha que baixar.

Olha, eu queria primeiro fazer um apelo a vocês, ao nosso maître que deve estar preparando a comida aí. Eu tinha mandado servir a janta antes de eu chegar. Tinha mandado servir, porque eu sentia que nós íamos demorar lá no Maracanãzinho. Então, eu tive o bom senso de mandar servir a comida. São dez para a meia noite. Realmente, eu não vou fazer discurso. Não vou fazer discurso. Eu acho que o Miguel Jorge e a Dilma já representaram bem o que o governo tinha que falar, o Alessandro já disse o que tem que falar da Apex.

Eu queria apenas, Basílio, você, que foi o primeiro orador, uma ideia que você começou aqui, de criar um fórum permanente para discutir competitividade na área de exportação, eu acho, Miguel Jorge, que deveria criar ainda antes do Natal esse fórum, para que a gente não perca a ideia, para que a gente não perca a ideia.

Veja, nós estamos vivendo um momento muito interessante, ou seja, nós descobrimos que o mercado interno brasileiro sustenta um tranco, em época de crise internacional. Nós descobrimos que a capacidade exportadora do Brasil é muito maior do que a gente acreditava até então, na crise ficou provado. A gente reclama que caiu de 200 bilhões para 150 bilhões, mas a gente precisa comparar isso com o que caiu a Alemanha, com o que caiu os Estados Unidos, com o que caiu a China, e a gente vai perceber que o Brasil caiu menos do que os países tradicionalmente exportadores. Isso, por causa da diversificação que



nós tivemos.

No último anúncio, eu fui conversar com o Luciano Coutinho apenas para dizer para vocês uma coisa: nós conseguimos aprovar uma coisa que já há pelo menos um ano e meio eu venho pedindo para o Luciano Coutinho fazer, que é o Brasil se transformar em um grande exportador de máquinas e equipamentos, de ônibus, de caminhões, de máquinas agrícolas, de tudo que a gente puder. Por quê? Porque nós temos a possibilidade de financiar, para todo o continente africano e para todo o continente latino-americano, e a gente competir... vou dizer a palavra correta: competir com a China. Competir, nesse mercado, com a China.

E, aí, nós temos que ter política especial, nós precisamos montar uns bancos brasileiros lá, para poder financiar, o Bradesco vai ter que ir para lá, o Itaú vai ter que ir para lá, o Banco do Brasil vai ter que ir para lá. Ou seja, não dá para ficar daqui querendo fazer política em 59 países africanos, nós temos que fincar o nosso pé lá, porque os chineses estão fincando o pé, a mão e a cabeça. Ou seja, no mercado global não tem mais esse negócio de ficar esperando que o trem vai passar, que eu vou pegar o trem. Nós temos que correr atrás, porque a competitividade, depois da crise, vai aumentar.

Então, esse fórum que você propôs, eu acho que já valeria o jantar, já valeria a fome que vocês passaram até agora. Se bem que eu estava andando, eu vi que está todo mundo com uma certa reserva de gordura, todo mundo pode aguentar um pouco mais.

De qualquer forma, eu quero, Alessandro, dar os parabéns a você pelo trabalho desempenhado na Apex, dar os parabéns ao companheiro Miguel Jorge, e dizer para vocês o seguinte: olhe, eu acho que vocês já aprenderam a lidar comigo, já aprenderam a compreender até as bobagens que eu falo. Muitas vezes, vocês vão ao teatro para ouvir um artista falar bobagem. Eu falo na televisão, a imprensa me critica. Ou seja, eu falo de graça para vocês.

Então, eu, como vocês já me conhecem e eu conheço vocês, já não



temos mais desconfiança uns dos outros, ou seja, já sabemos o limite de cada um, eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, essa crise ensinou a todos nós que não existe manifesto, como tinham os comunistas, no final do século XIX, um manifesto que dizia como é que ia ser o ser humano, como é que ia ser a produção, não deu certo. Também não existe um manual que diz como é que o empresário tem que se comportar, como é que ele tem que vender, como é que ele tem... não existe. Ou seja, essa crise mostrou que nós precisamos estar sempre criando alguma coisa nova, sempre alguma coisa nova.

Então, eu acho que o Brasil tem que aproveitar essa oportunidade, em que a gente está ficando um pouco mais importante, um pouco maior, um pouco... estamos sendo levados em conta, as pessoas já não fazem mais muita coisa sem conversar com o Brasil. Então, eu acho que nós temos que aproveitar esse momento e a gente fazer todos os fóruns que a gente tiver que fazer. Porque eu quero dizer para vocês o seguinte: não existe limite para que a gente faça coisas em que o Brasil saia ganhando, que os empresários saiam ganhando e que os trabalhadores saiam ganhando.

A única coisa que nós vamos continuar tendo divergência é uma, e eu vou deixar claro para vocês: não imaginem um país com carga tributária fraca, porque não tem país do mundo que o Estado possa fazer alguma coisa, que não tenha uma carga tributária razoável. É só pegar a Europa toda como exemplo, os Estados Unidos e o Japão. Os Estados só podem ter o estado de bem-estar social porque o Estado tem recurso. Ele tem duas formas: ou ele cobra na produção, ou ele cobra no Imposto de Renda, nós temos que escolher, nós temos que escolher. Porque os Estados que têm carga tributária muito pequena, na América Central, tem uns que têm 9%, tem uns que têm 12%, tem uns que têm 11%, o Estado não existe, o Estado não coordena, o Estado não tem política, o Estado não tem incidência nas coisas.

Eu estou dizendo isso, está faltando um ano para eu deixar a Presidência da República, mas essa lição eu aprendi. É bobagem alguém ter



medo de um Estado forte. O Estado não pode ser é intruso, é diferente. O Estado não pode querer ser o Estado gestor, mas ele tem que ser o indutor e o fiscalizador de muitas coisas, a crise mostrou isso.

E, para nós, quanto mais forte forem as nossas empresas lá fora, para nós, quanto mais nós vendermos lá fora, uma bolacha brasileira lá fora, um adesivo brasileiro lá fora, um carro flex fuel lá fora, uma alpargata lá fora, um chinelo Havaiana lá fora, é o Brasil lá fora.

É com essa cabeça, meu querido Miguel Jorge, que nós temos que trabalhar. E o BNDES, com essa competência toda que a Dilma disse que o Luciano tem, a competência e R\$ 200 bilhões a mais ajudam bastante, ajudam bastante. Agora, o que nós precisamos é fazer o Banco do Brasil ir para fora. Não é possível que um banco importante, como o Banco do Brasil, não tenha uma agência em Angola, não tenha uma agência em Lima. Ou seja, a gente fica esperando o quê? Que alguém faça por nós o que a gente está fazendo? O que nós temos que fazer.

Ou seja, tem uma disputa, e agora essa disputa vai ser mais acirrada, porque todo mundo descobriu a sua fragilidade. Os Estados Unidos já não são mais aquele monstro sagrado, infalível, que todo mundo imaginava que era, que dava palpite sobre a vida de tudo. Não é. A Europa também não é. A crise mostrou a fragilidade de cada um. E o Brasil pode disputar com muito mais força isso, não apenas a Vale do Rio Doce ou a Cutrale, ou qualquer outra aqui. Ou seja, diversificar a quantidade de produtos que nós temos (incompreensível).

Uma coisa, Luciano, que eu queria que você me desse, o resultado de um estudo. Eu, hoje, por acaso, não sei se você percebeu que eu tenho as orelhas grandes e meio caídas, é para escutar mais do que eu falo. Esse é um dom que Deus me deu e poucos têm, estou vendo todo mundo com a orelhinha justinha, pequena e escuta muito pouco.

Mas eu estava ouvindo o Sérgio Cabral conversar com o Prefeito e



conversar com o cara que é o dono da... o cara que é o gestor do Metrô aqui. Ora, meu filho, nós compramos... O Metrô de Brasília comprou... Em Brasília, foi comprado vagão para o metrô de Brasília em São Paulo, na... Não importa, não vou dizer o nome da empresa, para não queimar. Ou seja, pagou R\$ 5 milhões em cada vagão, sem ar condicionado. O Sérgio Cabral, a empresa daqui foi à China, comprou com ar condicionado, por R\$ 2,5 milhões, 50%, com ar condicionado.

Ora, nós temos que fazer um estudo para saber o seguinte: como é que é possível que a gente consiga vender um produto o dobro do que os chineses vendem aqui. Como é que é possível? Se essa lógica prevalecer, ninguém mais vai comprar vagão nas empresas brasileiras, porque vai pagar o dobro, e o povo quer transporte barato, gratuito e de qualidade, ou seja, é incompatível. Então, eu queria que você fizesse um estudo, porque nós vamos ter que pegar cada segmento desses e a gente tem que deixar claro.

Eu estou brigando com o Roger, já brigamos pela imprensa, só quero que os navios da Vale do Rio Doce sejam feitos no Brasil. Mas, para serem feitos no Brasil, o preço do estaleiro brasileiro tem que ser, no mínimo, próximo, não pode ser o dobro, porque aí, se for o dobro, acho que prevalece o interesse empresarial, mas se for uma diferença pequena, prevalece o interesse nacional de a gente ter uma grande indústria naval neste país.

Então, eu acho, viu, Luciano e Miguel Jorge? Eu acho que era importante o seguinte: a gente trabalhar, com muito carinho, para ver onde é que a gente ainda tem as falhas nas exportações. A única coisa que me preocupa é essa questão do câmbio. Quando nós criamos o IOF foi para tentar criar (incompreensível) dificuldade, porque todos vocês me reivindicam: "Presidente, nós queremos o câmbio livre, queremos o câmbio livre". Se o câmbio é livre, meu filho, eu não posso fazer nada, ele vai flutuar mesmo, ele vai... nós temos que ter clareza disso.

Mas nós temos que adotar todos os mecanismos que forem necessários



para dar ao Brasil a chance de competir com qualquer país do mundo. E, nisso, eu posso dizer para vocês: sou parceiro de vocês, contra qualquer empecilho que alguém queira criar neste país.

A hora é do Brasil. Este século XXI nós não vamos jogar fora. E nós, que andamos até aqui, não vamos permitir que haja nenhum retrocesso.

Portanto, parabéns a todos vocês que vieram a este jantar da Apex. Eu espero que o jantar seja compensador da espera de vocês. Eu vi gente comendo seis pãezinhos. Seis. Então, eu espero que a Apex, depois de tantos elogios aqui, Alessandro, depois de tantos elogios à Apex, de tantas homenagens à Apex, que a gente possa comer e sair daqui com força suficiente para fazer o nosso fórum de competitividade (incompreensível).

Um grande abraço. Que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita e inauguração da estação de metrô General Osório, em Ipanema

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2009

Olhem, primeiro, é importante que o povo do Rio e que a imprensa saiba perfeitamente bem que nós estamos com um trabalho muito sério, para tentar recuperar aquilo que o Rio de Janeiro já teve de extraordinário. Este estado aqui, e esta cidade, era a capital do Brasil, um belo dia deixou de ser. Aqui nós tínhamos o estado da Guanabara e o estado do Rio de Janeiro, um dia deixou de ter.

E a gente, pegando as fotografias que o Sérgio tem me mostrado, a gente percebe que não há muito tempo, Cabral pai, há 50 anos, o Rio de Janeiro não era o retrato da desolação e do abandono em que ele foi jogado, nos últimos 50 anos. Ou seja, lugares maravilhosos, que eram fazendas, viraram favelas; lugares que poderiam estar conservados e o povo estar morando melhor, foi permitido, de forma irresponsável, que o povo ocupasse de forma desordenada áreas que não precisaria ocupar, se o Estado tivesse feito a intervenção imediata e construído as habitações adequadas para as pessoas.

Então, o que nós estamos aqui é fazendo um processo de restauração no Rio de Janeiro e dando ao Rio a dívida que o Brasil tem com o Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro significa muito para São Paulo, significa muito para Pernambuco, significa muito para o Maranhão. Porque o Rio de Janeiro é a cara mais visível do Brasil, em qualquer lugar do mundo que a gente estiver.

Portanto, o Rio de Janeiro não recebe favor. O Rio de Janeiro apenas está recebendo aquilo que outros governantes deveriam ter dado há muito tempo, para não permitir que o Rio de Janeiro ocupasse as páginas de jornais apenas naquela parte criminal. O Rio de Janeiro não simboliza isso, o povo do



Rio não simboliza isso.

E quando a gente vai inaugurar uma estação do metrô que demonstra o que existe de mais sofisticado, do ponto de vista de transporte de massa, aqui, em um dos lugares mais chiques do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, a gente, daqui a três meses, vai vir inaugurar um elevador aqui em Pavão-Pavãozinho, para que as pessoas que moram no morro possam se juntar às pessoas que moram em Ipanema e dizer: “Eu moro no morro, você mora aqui embaixo. Mas eu não sou bandido e você não é minha adversária. Nós somos dois cariocas que temos o direito de viver em paz, de viver com muita tranquilidade”.

E isso não seria possível sem que o povo do Rio de Janeiro tivesse eleito para governador, há três anos – e eu conheço os governadores aqui desde 1980, 1978 –, um governador que tem a cara do Rio de Janeiro. O Sérgio Cabral é, na minha opinião pessoal, a figura que melhor encarna os interesses do povo do Rio de Janeiro, seja da classe média, seja da classe alta, seja dos trabalhadores ou seja dos pobres. Porque o Sérgio é daqueles que não tem a mania de saber tudo. O Sérgio é daqueles que aceita uma opinião, que aceita uma sugestão, humildemente.

Ele reconhece quando alguém dá uma sugestão para melhorar a cidade do Rio de Janeiro. O Eduardo Paes está há pouco tempo na prefeitura, não completou um ano ainda, portanto, só está pegando dinheiro do governo do estado e do governo federal, ainda não colocou a mão no bolso para fazer as coisas. Nós estamos esperando que a partir de janeiro ele comece a colocar a mão no bolso para fazer as obrigações da Prefeitura do estado... da cidade do Rio de Janeiro.

De forma que eu estou feliz. Estou feliz inaugurando o metrô. Eu acho que o Rio de Janeiro não tem mais volta, gente. Se tiver alguém pessimista, com relação ao Rio de Janeiro, pode começar tomando um banho de salmoura, porque o Rio de Janeiro não tem mais volta. Este estado vai ser recuperado e



ele vai ocupar as primeiras páginas dos jornais com boas notícias e não com esse negócio de bala perdida, com narcotráfico, crime organizado, porque nós estamos trabalhando para que isso logo, logo, se transforme numa coisa do passado e que a gente possa construir um futuro digno para o Rio de Janeiro.

Portanto, Sérgio, meus parabéns. Júlio, meus parabéns. Eduardo, meus parabéns. Aos trabalhadores desta obra, meus parabéns. E ao povo do Rio de Janeiro, meus parabéns, porque agora vão andar em um metrô altamente sofisticado, com painéis extraordinariamente bem-feitos, um visual extraordinário. Eu espero que não tenha nenhum grafiteiro que queira pichar isso aqui logo. Porque, quanto mais bonito for isso aqui, mais o Rio de Janeiro vai representar o Brasil lá fora.

Então, parabéns, Sérgio. Que Deus permita que você continue governando por muitos e muitos anos o estado do Rio de Janeiro.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de entrega do Prêmio Brasil Olímpico, promovido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB)

Rio de Janeiro-RJ, 21 de dezembro de 2009

Bem, primeiro dizer a vocês que não vai ter discurso. Está aqui um calhamaço, por escrito, mas como os atletas estão com os prêmios, eu não vou... eu vou apenas dizer algumas palavras.

Primeiro, a gravata verde. Eu estou com 18 gravatas destas, e em todos os eventos internacionais que são importantes, vocês podem ver que eu estou com uma gravata destas, não só porque são as cores do meu país, mas porque ela nos deu sorte em Copenhague, duas vezes. Nós ganhamos as Olimpíadas e ganhamos, no final de semana, na COP-15, onde o Brasil teve um papel importante na discussão do aquecimento global, em Copenhague.

Bem, eu quero acreditar – Nuzman, Sérgio Cabral, Eduardo Paes, ministro Orlando – que eu pensei que já tinha vivido todas as emoções que um ser humano possa viver. Eu já tinha participado de muitos eventos, eu já tinha sido eleito presidente da República, eu já tinha sido reeleito presidente da República, já tinha tido a emoção de fazer pronunciamento em muitos lugares. Agora, eu nunca, nunca imaginei que eu fosse viver a emoção que eu vivi em Copenhague, junto com o Sérgio Cabral, com o Eduardo Paes, com o Nuzman, com o Orlando, com tantos atletas brasileiros importantes, que já começou, eu diria, no dia da apresentação.

Meu querido João Havelange... É importante que a gente tenha muita clareza do porque nós ganhamos essa Olimpíada. Nós já tínhamos perdido três: Brasília já tinha perdido uma vez e o Rio de Janeiro já tinha perdido duas vezes. Os atletas que estão aqui sabem que não existe espaço para ganhar medalha se a pessoa não se dedicar da forma mais profissional possível para



ganhar medalha. Tentar arriscar, pode acontecer na política. No esporte, não acontece. Ou se prepara, ou treina, ou age de forma profissional, ou a gente cai antes do tempo.

E nós, pela primeira vez, trabalhamos de forma profissional. Numa combinação perfeita, o governo federal, representado pelo ministro Orlando Silva, o governador Sérgio Cabral, o prefeito Eduardo Paes, o Nuzman e muitos outros companheiros, nós assumimos a responsabilidade de conquistar o direito de realizarmos as Olimpíadas. E aí é preciso que a gente aja com profissionalismo, é preciso ter dinheiro, é preciso viajar, é preciso gastar com hotel, é preciso fazer reunião, é preciso conversar. O Itamaraty teve um papel extraordinário. Nos últimos dois anos, não teve um chefe de Estado que eu visitei ou um chefe de Estado que eu recebi no Brasil, que a gente não tinha como ponto de conversa as Olimpíadas 2016. E assim valeu para o Sérgio Cabral, valeu para o Nuzman, valeu para o Eduardo Paes. A apresentação do Rio de Janeiro, e aqui eu quero, de público, dizer que eu não sei se um ser humano consegue produzir uma apresentação tão perfeita como nós conseguimos produzir a apresentação do Rio de Janeiro. Eu, quando liguei para a minha companheira, para a minha esposa Marisa, e ela estava chorando, logo depois da nossa apresentação, eu falei: Alguma coisa realmente bombástica está acontecendo, porque eu sou casado há 35 anos e eu nunca vi a Marisa chorar de emoção. E ela chorou no dia em que o Rio de Janeiro ganhou o direito de realizar as Olimpíadas.

Bem, quem estava nos bastidores, a emoção começou ali. Porque é uma coisa tão forte, a gente vai sendo tomado por um envolvimento estranho, a emoção vai subindo da unha do dedão do pé e vai passando pelo corpo, chega ao coração e vai para a cabeça, uma coisa que deveria ser corriqueira não é mais corriqueira. O Torben estava lá e sabe o nervosismo; o Pelé, que tem mais experiência que todo mundo, já chorava antes; a Hortência já chorava antes. Nós entramos naquele plenário para fazer uma festa, todo mundo entrou



nervoso. Disseram que era para a gente entrar, todo mundo abanando assim, ninguém abanou a mão, ninguém abanou a mão, parecia que a gente estava indo para uma guerra, era uma coisa tensa. Mas antes de chegar a essa tensão, eu vou contar do hotel.

Eu, realmente... Vocês sabem que o Brasil já tinha perdido três vezes, eu já tinha perdido três eleições. Então, gato escaldado tem medo de muita coisa. E eu sempre fico preocupado, porque tem muito preconceito contra o Brasil. Eu cheguei lá nervoso, eu disse para o Sérgio Cabral... Antes de viajar... ele insistiu para eu viajar um dia antes para conversar com delegados. Conversamos com mais de 20 delegados, conversamos até com um que o João Havelange não gostava, nem queria que eu recebesse ele porque dizia que não era bom. Eu perdi meia hora com esse cidadão, perdi meia hora, conversei com ele como se fosse o melhor cara do mundo, mas eu tinha que conversar, era meu papel conversar. Mas eu cheguei antes, e eu cheguei nervoso porque antes de embarcar, eu, de manhã, levantei e estava vendo uns programas de esporte – não vou dizer qual o canal, quem era – e aí um cara dizendo assim: “Ah, mas o Brasil, o Brasil não está preparado. O Brasil tem problema de violência, o Brasil tem problema disso, o Brasil precisa investir primeiro em educação, o Brasil precisa investir.” Sabe aquela gente, aquela gente, que eu costumo dizer, aquele cara que vai dormir, tira o sapato, coloca na beira da cama, levanta de manhã e fala: “esse sapato está apertado, ele não serve para mim, esse sapato é estranho.” Estava no pé dele, no dia anterior! Então, tem um tipo de gente que é tão azeda e tão de mal com a vida, que nada que este país faça, as pessoas acham que este país tem direito. É aquele cidadão que se trata como se fosse de segunda classe: tudo lá fora é melhor, e tudo no Brasil é pior. E aquilo mexeu com os meus brios, aquilo mexeu... eu sou nordestino e sou tihoso, eu sou muito tihoso, ou seja, não dá para levar desaforo para casa. O Rio não devia nada a ninguém, o Rio tem condições de fazer, o Brasil tem condições de fazer, o Brasil é a oitava



economia do mundo há muito tempo. Por que a gente não poderia fazer? Era porque a gente não acreditava, a gente já chegava lá pequeno, já chegava lá resmungando, já chegava lá... Tem um tipo de brasileiro que quando se encontra com um americano, com um inglês, com um alemão, ele já vai com muita subserviência, já vai de cabeça baixa. E eu, eu estava, eu estava muito... Eu falei para o Sérgio Cabral: Olha, nós precisamos provar que nós temos competência para ganhar isso, nós temos que colocar a alma. Esse negócio não se ganha com números, não. A gente ganha com a alma, nós temos que mostrar que nós somos um povo... Não vou dizer um palavrão aqui, porque... só humorista, só humorista pode dizer; político não pode dizer, então eu não vou dizer. Mas é preciso colocar a alma, mesmo, para disputar esse negócio.

Pois bem, aí o pessoal: “Imagine, imagine se o Brasil vai ganhar! Madri, Madri é muito mais bonita, Madri é uma cidade fantástica; olha Madri, tem não sei quantos mil anos, até os mouros já ficaram em Madri, já construíram há mil e poucos anos atrás! Tóquio, imagine, Tóquio, o imperador está lá em Tóquio! O Brasil vai ganhar de Tóquio, essa sabedoria milenar, e não sei das quantas? Imagine, imagine, o Brasil não se enxerga, o Brasil não se enxerga, vai disputar com Chicago? Não sabe que Chicago é a terra do ‘homem’?”

Eu fui ficando nervoso. A nossa delegação ficou em um hotelzinho só, era um hotel que tinha... não tinha suíte presidencial nem governamental, nem “prefeiturável”. Era um quarto, apenas. Era um quarto muito pequeno, e nós ficamos lá. Ligávamos a televisão e víamos... E para mim era mais fácil, porque eu ligava a televisão e não entendia nada. Então, para mim, estava tudo maravilhoso, para mim estava tudo extraordinário.

Rapaz, não é que no dia, no dia do “pega para capar”, no dia em que a gente tinha que mostrar que a gente tinha café no bule, desce o “homem”, desce o avião do Obama. E a televisão mostrou o avião mil vezes mais do que me mostrou, quando eu cheguei. Aquele avião transitava naquela pista, ia para lá, ia para cá, e nada de o Obama aparecer, só o avião. Bem, aí desce o



Obama. Eu comecei a pensar: Puxa vida, mais uma vez nós vamos... Vai ser difícil, o “homem” veio. Se o “homem” veio... E a mulher do “homem” estava lá, a mulher do “homem” estava lá. Eu fiquei pensando: puxa vida, o “homem” está aí, a “mulher” já estava aí, e eu estou aqui sozinho, a Marisa não veio, não dava para mandar buscar a Marisa porque o meu Força Aérea tem que parar muitas vezes. O Força Aérea One é uma vez só, o meu tem que... o meu vai de picote, assim. Uma vez... Bem, aí começa o placar, começa a disputa. A gente no hotel, sentado em um sofá.

O Sérgio, eu vou contar uma história aqui que ele não contou. Eu vou contar, porque acho que é importante. Eu comecei a notar, o Sérgio estava começando a ficar tão nervoso, que eu chamei o meu médico e falei: Olhe, pegue o Sérgio e trate porque esse cara vai explodir aqui. Ele estava ficando... Aí o médico falou: “Olha...” Ele levou o Sérgio para um quarto e falou: “Você chora, desabafa, coloca a tua emoção para fora, senão vai dar um piripaque em você.” Eu acho que ele deve ter chorado, lá, uns 15 ou 20 minutos. Aí eu comecei a ver as apresentações. Eu tinha tradutor lá, mas eu não queria entender, eu estava vendo nos olhos deles. Aí falou o Obama, falou não sei quanto. Eu falei: Eu acho que o Rio está mais Rio. O Rio estava mais emoção, mais alma, mais coração. Aí passa o Obama. Aí foi quem? O Japão, foi o Japão, aquela animação! É, porque a animação, a animação dos nossos irmãos japoneses não é a animação nossa, carioca, nordestina, não é... não tem essa mistura africana, indígena, não tem. É uma coisa mais light. Mas vamos ver. Mas sempre fica aquele negócio, e o juiz, e os delegados, e o João Havelange nervoso, o Nuzman nervoso – porque o Nuzman fica nervoso a toda hora, fica parecendo... Bem, e eu estou lá. Aí, chega a nossa vez. A essas alturas, a gente já estava lá nos bastidores. E, sabe, nessa hora todo mundo dá palpite. É engraçado, né? É como, como você, Hypolito, quando vai entrar para fazer os seus pinotes, fica gente dando palpite: “Faz isso, faz aquilo, dá quatro, dá cinco saltos mortais, dá oito, faz nove.” Ou seja, o pessoal não sabe que se



preparou para fazer uma determinada coisa, que não pode mudar na hora. E o pessoal: “Tem que falar isso, tem que fazer isso, tem que fazer tal gesto.”

Eu, quando cheguei lá, gente, eu fiquei impressionado. Primeiro, ouvir todos esses meninos falando em inglês, numa “chiqueza”! Eu até achei que eu estava sendo enganado. Mas como eu conhecia grande parte do material antes, eu fiquei... É verdade. E cada um falava mais chique do que o outro. Teve alguns até que falaram em inglês, falaram em francês, falaram em espanhol, queriam falar até em russo! Se a gente vacilasse, ele falava em mandarim também. Bem, quando eu fui falar... Como é o nome daquela menina que estava perto de mim, aquela...? A Bárbara. A Bárbara, a toda hora ela chorava. Ela estava sentada do meu lado e a toda hora ela chorava. Ela chorava e eu chorava. Qualquer ser humano pode chorar, o presidente tem que ficar com vergonha, tirar o lenço devagar e fingir que está limpando a testa, pá, passa no olho! É, você não pode, você não pode chorar a toda hora, porque político também não pode chorar. Então, eu ficava assim, limpando o cabelo, passava aqui, passava aqui, e pá, escorregava aqui. Mas ela chorava a toda hora. E na hora em que eu fui falar, eu estava visivelmente emocionado. Nunca na minha vida eu falei com a emoção que eu estava sentindo, porque era uma coisa, era uma coisa mais do que maravilhosa, era você convencer cem pessoas que estavam ali na tua frente de que o Brasil era melhor, de que o Brasil tinha mais chance. E aí, a verdade é que nós tivemos muitas coisas a nosso favor: o acerto da economia brasileira, os números da economia brasileira, o comportamento do Brasil durante esse período todo. Foi indo, foi indo, foi indo, quando eu terminei... Quando entrou a apresentação do Rio de Janeiro na televisão, que mostrou aquela imagem do povo carioca, daquela coisa toda, eu falei: Barbaridade, não tem para ninguém! Nós vamos ganhar, vamos ganhar!

Mas a sensação, a sensação é muito estranha. Ficamos esperando, ficamos esperando. Aí, vai lá, vai começar a apurar a que horas? Às cinco



horas da tarde, às cinco horas da tarde. Estamos lá no sofá, estamos lá no sofá, estamos lá no sofá. Meninos e meninas, na hora em que eles anunciaram o primeiro que ia cair fora, que foi o país do “homem”, nós ficamos fazendo conta. É uma alegria, é uma sensação de que chegamos lá. Por que a gente pensava que ia chegar lá? Primeiro, porque a gente estava mais preparado, tinha trabalhado mais, tinha conversado mais. A gente tinha trabalhado mesmo, tinha investido nisso, tinha feito a melhor apresentação, os melhores compromissos. Segundo, porque o país do Obama não estando lá... ou seja, dificilmente Madri poderia ganhar, porque Londres está realizando em 2012 e porque a Itália quer realizar em 2020. Então, não poderia ser três anos seguidos, três Olimpíadas seguidas na Europa. Então, fora também.

Bom, quando o Japão caiu fora, ficou nós e Madri, ainda tinha a dúvida, porque tinha um dirigente do COB Internacional, Saramães, que está lá há 140 anos. E me disseram o seguinte: “Olha, esse cara manda em todo mundo, os delegados vão votar nele”. E eu falei: “Puxa vida, nós estamos há dois anos, o cara tem...” A minha sorte é que a somatória de idade do João Havelange e do Nuzman dava mais do que a idade dele e eu falei: “Então vai ser possível a gente ganhar essa coisa”. Agora, quando foi dando seis horas da tarde... Seis horas da tarde nós fomos para lá. Aí, a pressão, a emoção... Vamos para lá, vamos, já que é para brigar, vamos brigar lá no campo do adversário. Chegamos lá.

Meus companheiros, na hora que aquela menina pegou aquele envelope sagrado – na hora eu achei maldito –, pôs naquele prato... Aliás, eu preciso dar a bandeja que eu ganhei para que seja do Museu Olímpico Brasileiro, não é meu aquilo. Aqueles 15 segundos daquela moça andando, desce, desce, desce, mais a lerdeza do nosso companheiro, de abrir aquele envelope, parecia cartão de crédito vencido, ou a notificação da Receita Federal para o pagamento de Imposto de Renda, sabe? E o cara vai, vai, vai. Na hora em que ele anunciou o Rio de Janeiro, eu confesso a vocês que eu descobri que eu



nunca vou morrer de infarto, porque senão eu teria morrido ali, naquela hora, tal foi a sensação.

Pois bem... O meu problema é esse, quando eu não leio o meu discurso, eu falo demais. Mas eu queria dizer uma coisa para vocês, que agora é sério: nós apenas ganhamos a maior vitória de um país em uma Olimpíada, 40 pontos à frente, nunca houve isso, nunca antes na história das Olimpíadas houve um país que ganhasse com 40 pontos de vantagem, são dois pontos, um ponto, três pontos, quatro pontos, mas 40, nunca. Nunca, nunca.

Pois bem, agora, gente, agora, isso é que nem político, viu, Sérgio? Você sabe que política, o melhor momento da vida de um político é entre a vitória e a posse, porque é tanta gente pedindo emprego, é tanta gente atrás de favor. A gente não governou, não fez nenhuma bobagem ainda, então todo mundo só vê virtude e todo mundo elogiando. Veja, nós estamos nesta fase agora. Nós ganhamos e agora precisamos começar a prestar contas dos compromissos que nós assumimos.

E a gente só vai... o Brasil só vai se transformar em uma verdadeira potência olímpica se a gente continuar, nesses seis anos que faltam para as Olimpíadas, a trabalhar com o mesmo profissionalismo e com a mesma emoção com que a gente trabalhou para ganhar o direito de realizar as Olimpíadas. Cada presidente de federação deste país, cada presidente de confederação, Nuzman, tem que apresentar para nós um plano de metas do que vai fazer até chegar às Olimpíadas. O prefeito, o governador, o presidente da República e o COI tem que mostrar claramente o que a gente vai fazer a cada mês, a cada semestre, a cada ano. As empresas brasileiras precisam fazer como o Eike Batista: tirar a mão do bolso e entender que é preciso ajudar a financiar o esporte neste país. Por quê? Porque normalmente é fácil uma empresa apoiar o atleta que já é medalhista. Na verdade, ela não está ajudando, ela está explorando a imagem do atleta. Eu quero ver é ela pegar o Zezinho, aqui, de Manguinhos e transformá-lo em um atleta profissional, em um



atleta de elite, investindo na sua preparação, no sustento da sua família. E as empresas públicas brasileiras já fazem e vão fazer muito mais, porque o Brasil não vai chegar em outras Olimpíadas com a cara lambida para disputar meia dúzia de merreca de medalhas, não. Nós queremos chegar na ponta do casco.

Nós, Sérgio, nós temos que trabalhar cada cidade do interior deste país. A partir do ano que vem, é preciso cada cidade se transformar em uma cidade olímpica, é preciso que a molecada comece a praticar esporte, é preciso que os prefeitos façam o que têm que fazer. Em cada favela do Rio de Janeiro temos que despertar aquele menino que gosta de brigar, de bater nos outros, vamos levá-lo para lutar boxe, vamos treiná-lo para ele ganhar uma medalha de ouro lutando boxe e não dando bordoadas nos outros. Eu, Nuzman, Sérgio Cabral e companheiro Eduardo Paes, ministro Orlando, e companheiros que trabalharam e atletas que estão aqui, eu não serei mais Presidente a partir do dia 31 de dezembro do próximo ano, mas eu quero dizer para vocês, como cidadão brasileiro, eu tenho a obrigação de dedicar cada minuto ou cada dia da minha vida para ajudar vocês, que estarão no governo, a fazer dessa Olimpíada a mais extraordinária Olimpíada já realizada em qualquer lugar do mundo. Porque é verdade que nós somos seres humanos igual a eles: nós temos boca, nós temos perna, nós temos orelha, nós temos cabeça, igualzinho a todo mundo, umas mais chatas, outras mais loiras, tal. Mas a verdade é que nós temos uma coisa que eles não têm: nós temos uma alma do tamanho do Pão de Açúcar, nós temos um coração que pode fazer a diferença.

Então eu quero, companheiro Sérgio Cabral, companheiro Nuzman, eu estou disposto a me reunir com quantos empresários for necessário para que eles tenham a sensibilidade de colocar um pouco de *money* na nossa Olimpíada, eu tenho consciência disso. Eu tenho consciência que as empresas públicas precisam colocar mais recursos, e eu tenho consciência que as nossas federações, as nossas confederações têm que ser profissionais. Eu tenho consciência que os clubes brasileiros – Flamengo, Vasco, Botafogo,



Fluminense, Corinthians, Palmeiras, Santos, Cruzeiro, Atlético –, todos os times, precisam colocar um pouco do seu material, da sua disponibilidade de espaço para a gente começar a formar, deste país aqui, uma nação que se orgulha de ter dezenas, dezenas de atletas como o Cielo, como o Diego Hypolito, como o Torben, como a Natália, como a Poliana e como a Sarah.

Ou seja, nós poderemos ter centenas e centenas desses meninos. Talvez não tão bonito quanto o Cielo, não tão bonito quanto o outro, mas até um pouquinho bonito como eu, para ganhar... Não é só ganhar medalha, a medalha é a coroação de um trabalho. Não é só para ganhar medalha, a medalha... Ô, Diego, você não ficou diminuído porque você caiu lá em Pequim, aquilo foi um incidente. Ou seja, você é bom apesar daquilo, apesar daquele incidente. A gente não pode medir um ser humano que vence a vida inteira porque em um momento as coisas não deram certo para ele.

Então, o que eu acho é que a medalha é um objetivo, mas não é um fim em si mesmo. O que importa é este país ser, do ponto de vista esportivo, do ponto de vista olímpico, do tamanho da alma e do coração da nossa gente.

É com esse fervor e com esse amor que eu quero ser parceiro de vocês e agradecer de coração o trabalho profissional que cada um de vocês fizeram. Eu nunca dei... Ô, Franklin, eu quero te agradecer, porque eu nunca dei tanta entrevista internacional falando de esporte como eu dei nesses últimos cinco ou seis meses. Acho que nem o Pelé deu tanta entrevista. Aonde o Lulinha chegava era só esporte, esporte, esporte. Metia logo um negócio no ouvido, aqui, para entender os ingleses, para ter um tradutor.

Olha, eu sei que nós, todos nós, viramos não “um cara”, o País virou o País dos “caras”.

Parabéns. E até 2016, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Programa Nacional de Direitos Humanos 3
(PNDH 3) e entrega do Prêmio Direitos Humanos 2009**

Palácio Itamaraty, 21 de dezembro de 2009

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil,

Vocês me viram botando a mão no cabelo do Zé Alencar? É que teve um tempo em que tinha caído o cabelo do Zé Alencar. E vocês estão percebendo que a Dilma está de cabelo novo. Não é peruca não, é o cabelo normal dela, que voltou a se apresentar em público. Eu acho que foi uma homenagem à Inês, porque eu estou pedindo para a Dilma tirar a peruca já faz um mês, e ela não quis tirar a peruca. E hoje ela apareceu aqui, na frente da Inês, sem peruca, mostrando seu novo visual.

Quero cumprimentar o companheiro Paulinho Vannuchi, ministro dos
Direitos Humanos,

O companheiro Tarso Genro, ministro da Justiça,

O companheiro Juca Ferreira, ministro da Cultura,

O companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate
à Fome,

O nosso querido companheiro Paulo Bernardo, do Planejamento,

A Izabela Teixeira, interina do Meio Ambiente,

O Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

O Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

O Luís Inácio Adams, advogado-geral da União,



Vocês não imaginam como o Brasil é fantástico, não é? Um Luiz Inácio nordestino encontra um Luís Inácio com sobrenome alemão! Eu não sei quem é que viajava muito, mas de qualquer forma...

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Padilha, de Relações Institucionais,

O Franklin Martins, de Comunicação Social,

Samuel Pinheiro Guimarães, de Assuntos Estratégicos,

Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

A Nilcéa Freire, de Políticas para as Mulheres,

Tem mais ministro aqui do que nas reuniões ministeriais que eu convoco.

Quero cumprimentar os deputados federais: Fernando Ferro, a deputada federal Janete Pietá, o deputado federal Luiz Couto, o deputado federal Pedro Wilson,

Quero cumprimentar o nosso companheiro e embaixador Antonio Patriota, secretário-geral das Relações Exteriores,

Nossa querida companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Nossa querida companheira Dayse Benedito, representante da sociedade civil,

Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras que foram agraciados com o Prêmio,

E quero cumprimentar todos os companheiros que estão aqui.

Primeiro, eu não vou ler meu discurso. Por quê? Porque não tem sentido, ou seja, não vou falar das coisas que já falou a Dilma, o Paulinho, a Dayse. Eu vou ser breve, porque direitos humanos é garantir ao presidente da República ter uma agenda mais humana, também. Faz quatro finais de semana que nós trabalhamos. Portanto, a dona Marisa está com um cartão vermelho



para mim lá, que... Eu vou tentar fazer uma média, para ver se eu ganho apenas um amarelo.

Mas dizer, Paulinho, da alegria de podermos hoje estar lançando o 3º Plano de Direitos Humanos. Programa feito a muitas mãos. Mãos conhecidas, mãos menos conhecidas, e mãos anônimas de pessoas que não saem em fotografias, de pessoas que não sobem em palanques, mas de pessoas que diariamente estão fazendo alguma coisa para que o mundo melhore e para que as pessoas sejam tratadas com mais respeito e com mais cidadania.

Ao concluir o Programa de Direitos Humanos nº 3, nós também estamos concluindo, este ano, um momento muito fantástico no Brasil. Na sexta-feira passada terminou, aqui no Brasil, a 1ª Conferência Nacional de Comunicação. Mil e seiscentos delegados participaram, envolvendo empresários, envolvendo o movimento social, gente da televisão, gente do rádio, gente das favelas. E pelo fato de ser o primeiro, pelo fato de ser um tema complicado, eu penso que o resultado foi excepcional. Nós então completamos, com esse encontro da Comunicação, 63 conferências nacionais.

Então, vocês podem dizer, como militantes de algumas dessas conferências, e podem dizer orgulhosamente, que praticamente todas as políticas que nós levamos a cabo neste governo - não é da cabeça do presidente Lula, não é da cabeça do Zé Alencar, não é da cabeça da Dilma -, mais elas significam o resultado da maturação democrática que a sociedade brasileira vem construindo neste país.

E isso é importante. É importante porque vai consolidando uma coisa com muito mais, eu diria, segurança de que não vai aparecer ninguém, ninguém com o espírito de aventureiro, para achar que pode desmontar tudo o que está feito neste país, e a gente voltar ao tempo em que apenas meia dúzia de pessoas tomavam decisões neste país, elaboravam as políticas, sem levar em conta o que a sociedade brasileira pensava, pensa e pensará daqui para diante.



Eu lembro, Paulinho, eu lembro perfeitamente bem a emoção que eu senti na primeira vez em que os catadores de materiais recicláveis, mais popularmente conhecidos como catadores de papel, entraram no Palácio do Planalto e fizeram uso da palavra. Eu lembro quando, pela primeira vez, os sem teto deste país entraram no Palácio, e lembro da emoção do companheiro que fez uso da palavra, dizendo que ele não precisaria conquistar mais nada, só o fato de ele ter entrado no Palácio do presidente da República já era uma conquista que eles não imaginavam.

Eu me lembrei, Paulinho, quando eu fui, em 94, à África do Sul, e fui visitar o Mandela – eu, a Benedita da Silva e o companheiro Vicentinho –, e vi aquela fila de gente, em volta do Palácio do Governo, que não queria nem ver o Mandela. Eles só queriam botar a mão no Palácio, porque nunca tinham conseguido chegar perto daquele Palácio. Ora, para quem estava lá dentro podia parecer pouco. Mas para quem apanhava quando chegava a 10 quilômetros do Palácio, tocar na parede do Palácio era uma conquista democrática de uma grandeza extraordinária. E a gente precisa aprender a valorizar essas conquistas que vão se somando e que terminam mostrando uma conquista quase infinita.

Eu lembro do famoso encontro com o GLBT. Eu lembro da preocupação que reinava no Palácio. Eu lembro. Tinha sido, como todas as conferências, um decreto presidencial convocando a conferência. Mas aí, depois, o pessoal começava a dizer: “Mas, ô Lula, e se tiver algum problema lá? E se alguém quiser te beijar? E se alguém quiser tirar foto? E se alguém quiser fazer alguma coisa?” Eu falei: Se alguém quiser fazer, vai fazer, porque nós vamos lá. Eu penso que foi, possivelmente, a maior aula de cidadania contra o preconceito de que eu já participei, foi aquela conferência. Porque o preconceito... Aliás, quem fez o filme cortou, acho, a palavra preconceito, porque quando eu falo de uma doença, a doença... eu estou falando do preconceito. Mas parece que, no filme, cortaram o preconceito e ficou “uma doença” que não sei das quantas...



Eu lembro da campanha, eu lembro da campanha de um candidato nosso em Pernambuco, em 1982, o Manoel Conceição. Ele era dirigente sindical de Pindaré-Mirim. Ele teve uma bala na perna e ele foi preso, virou gangrena, e tiveram que cortar a perna dele. Ele ficou só com o joelho para cima. Foi candidato em 82, em Pernambuco, e na televisão, no tempo da Lei Falcão, você só dizia assim: “Fulano de tal, faz isso”. Então, o Manoel Conceição, a propaganda dele era assim: “Manoel Conceição, perdeu uma perna”. E não dizia por que ele perdeu a perna. E o preconceito, eu confesso a vocês que eu acho que o preconceito e a hipocrisia são duas doenças que nós precisamos, quem sabe, fazer muito investimento em pesquisa para que a gente possa banir essa coisa do meio da Humanidade. Porque é gravíssimo o preconceito, ou seja, ninguém, ninguém, ninguém, ninguém, ninguém pergunta a um negro, ninguém pergunta a um pobre, ninguém pergunta a um hanseniano, ninguém pergunta a um cego, ninguém pergunta a um homossexual, ninguém pergunta, na hora da eleição, o que ele é, a pessoa quer o voto dele.

A Receita Federal, a Receita Federal não quer saber se a pessoa é branca, se ela é negra, se ela é homossexual, se ela é portadora de deficiência, se ela é ex-presa política, ou seja, ela quer saber de receber o imposto que a pessoa deve. Ora, isso só já nos dá o direito de brigar com muito mais força pelo resto da cidadania. Se a gente já tem a cidadania de votar e a cidadania de pagar os nossos tributos, o resto é consequência das coisas que nós temos que conquistar neste país.

Eu lembro, Paulinho, do dia em que nós lotamos o Palácio do Planalto de cachorros. Tinha uma briga, pela imprensa, que cachorro não podia entrar no shopping, cachorro não podia entrar no ônibus, cachorro não podia entrar no metrô, cachorro não podia entrar em igreja, Ricardo, não podia entrar em igreja. E aí eu resolvi fazer um desafio, para quebrar mais esse preconceito, que era levar os portadores de deficiência física, com os seus olhos, que eram os cachorros que guiavam eles. E foi interessante, porque nenhum cachorro



fez qualquer sujeira, que muitos outros já fizeram dentro do Palácio do Planalto.

Eu acho que a gente ainda está muito longe de chegar à perfeição. E acho, Abdias, que esses teus 140 anos de luta pela igualdade racial não foram suficientes para que a gente conseguisse transformar aquilo que está na nossa Constituição em práticas concretas pelos seres humanos, que têm que cumprir a Constituição. Ou seja, nós estamos nos tornando um país quase perfeito, do ponto de vista da elaboração das normas, das leis: é o Estatuto da Criança e do Adolescente, é o Estatuto da Igualdade Racial, é o Estatuto... é a nossa Constituição mesmo, é Quioto... hein? Ah, do Idoso, de tudo... mas o de Quioto, também, que quiseram quebrar, agora!

Então, eu penso, eu penso que nós estamos quase atingindo a perfeição. Agora, é importante lembrar que a sociedade que cumpre as leis é feita por seres humanos. E nós é que somos defeituosos, nós é que descumprimos aquilo que nós mesmos fazemos. Nós é que, muitas vezes, quando lemos, não entendemos; e se não lemos, não sabemos aquilo que é a normatização das conquistas dos direitos neste país. Isso vale para todos os segmentos da sociedade. E quando a gente constata essas dificuldades, nós temos que estar animados. Por quê? Nós temos que estar animados porque outros países levaram muito mais tempo do que a gente para conquistar, e nós estamos caminhando, eu diria, a passos extraordinários.

Vejam uma coisa, quando a Dilma estava falando, eu estava lembrando de um discurso que eu fiz no Rio de Janeiro, em um encontro da UNE, sobre a questão dos desaparecidos brasileiros. Eu estava dizendo: a gente sofreria menos, se a gente transformasse os nossos companheiros em heróis, não apenas em perseguidos, mas em heróis. Vejam uma coisa: a Inês lutava por quê? Porque ela queria ter liberdade, neste país. Ela lutava por quê? Porque ela sonhava que um dia este país iria ter um governo que tivesse compromisso com a grande maioria da sociedade. A Dilma lutava pelas mesmas coisas. O



Franklin Martins participou do sequestro de um embaixador americano exatamente para que a gente tivesse mais liberdade. O Tarso Genro foi preso para isso, o outro foi preso para aquilo. O Paulinho Vannuchi ficou não sei quantos anos; a Dilma, não sei quantos anos. Ora, gente! Então, eu acho que é importante a gente colocar isso na nossa consciência: é que valeu a pena, valeu a pena!

A mãe, a mãe do nosso companheiro, a nossa querida... eu não sei o nome dela todo... Elzita Santa Cruz. Ela falou aqui no começo, na abertura. Aquela mãe... Obviamente que a gente nunca vai tirar do coração da mãe o sofrimento de não ter visto o seu filho e enterrado ele. Isso é impagável, isso não tem política que consiga resolver esse problema. Agora, nós temos que ter consciência de que valeu a pena, de que a vida dele e de que a vida de outros significaram a gente chegar aqui porque, senão, ninguém vai lutar mais. Então, eu acho que esse, Paulinho, é o grande gesto, é a grande conquista.

Eu, um dia, desci com a Dilma lá no Quartel, no Comando do 2º Exército, lá na frente do Ibirapuera. Aí, quando o helicóptero parou, a Dilma ficou olhando, ficou olhando, e falou para mim: "Engraçado, eu não tenho raiva. Eu vim para cá." Eu acho que ela não tem raiva é porque ela, se alguém prendeu a Dilma, se alguém torturou a Dilma, achando que tinha acabado a luta da Dilma, ela é uma possível candidata a presidente da República deste país.

E é assim que as coisas acontecem, é assim. Eu acho que nós estamos andando no tom certo, na caminhada certa, fazendo as coisas certas. Quem me conhece sabe que, desde o tempo do movimento sindical, eu não gosto de fazer nada precipitado, Abdias. Por isso é que eu quero chegar à tua idade, fazer as coisas com mais tranquilidade, mas com mais segurança. Se me derem um rio com cachoeira para eu entrar em um caiaque para chegar em um lugar que está a apenas dez minutos de onde eu estou, e me derem um rio mais tranquilo que vai demorar meia hora, podem ficar certos de que eu vou



pelo rio de meia hora, porque eu sei que eu vou chegar em segurança e vou cumprir a minha missão. Então, o importante é que a gente tenha consciência de que nós estamos neste mundo para cumprir missões. E que tem dia em que a gente vai dormir frustrado, tem dia em que a gente pensa que não vale a pena. Quantas vezes a gente vai ficando decepcionado com aquilo que a gente faz no dia-a-dia? E aí, quando a gente chega no dia 21 de dezembro, próximo do Natal, e a gente consegue fazer... Na entrega do 3º Programa de Direitos Humanos, a gente conseguir trazer gente, assim, de todo o Brasil, e saber que vocês estão lutando pelos direitos humanos, independentemente de quem seja o presidente da República. É mera coincidência eu estar aqui. Mas vocês já lutavam antes de eu chegar aqui e, certamente, vão continuar lutando muito mais, porque vocês vão aprendendo.

Então, eu quero terminar dizendo para vocês que essa demarcação das terras indígenas que nós fizemos agora... Eu não ia fazer agora, Marcio, porque você me deve uma, que eu vou cobrar só no ano que vem, agora. Estamos com espírito de Natal, vamos deixar para lá. Mas eu acho que essas... Por mais que a gente faça pelos índios neste país, por mais que a gente faça pelos negros neste país, a dívida é uma dívida impagável, é uma dívida impagável. E ela não pode ser paga em dinheiro, ela tem que ser paga em gestos, em atitudes, em comportamentos, em uma aproximação entre as várias gerações, para que a gente vá criando um mundo sem mágoas, sem ressentimentos porque as coisas... não tem como pagar, não é uma quantidade em dinheiro, é muito mais uma quantidade de gestos, de olhar, de coisas que nós temos que fazer.

Então eu quero, Paulinho, sem elogiar tanto o teu pessoal, porque daqui a pouco vão pedir aumento de salário, e dizendo que eu já transformei a Secretaria em Ministério, já faz um ano. Na outra, eu anunciei. Somente seis meses depois é que eu fui descobrir que faltava um DAS-6 para poder consagrar como Ministério. Aí eu fui ver, o DAS-6 estava com o Paulo



Bernardo. Eu fui tomar, do Paulo Bernardo, o Ministério. Na verdade, eu dei um DAS-6 da Presidência, para poder consagrar o Ministério. Ou seja, nós vamos terminar o governo sem secretarias. Todas vão ter que ser transformadas em Ministério. E quem vier, ou crie mais, ou faça o que quiser, porque depois que vier outro, é o outro que vai fazer. Outro ou outra, sei lá quem é que vem.

De qualquer forma, de qualquer forma eu quero, Paulinho, agradecer, agradecer a sabedoria de todos vocês. Não é fácil fazer um documento como este. Os interesses pelas palavras são enormes, a importância das vírgulas ganha a dimensão de uma exuberância extraordinária. E esse teu jeito de ser, esse teu jeito equilibrado de fazer as coisas permitiu que nós chegássemos a este documento que agora vamos digeri-lo, vamos tentar trabalhar outra vez, transformar em projeto de lei aquilo que for projeto de lei, mandar para o Congresso Nacional debater, e assim nós vamos construindo a nossa democracia.

Então, Inês, minha querida Inês, eu só queria te dizer uma coisa, – eu estou vendo a Margarida Genevois ali, eu estou vendo... – é que valeu a pena, valeu a pena cada gesto que vocês fizeram, cada choque que vocês tomaram, cada apertão que vocês tiveram valeu a pena, porque nós aprendemos. E na medida que a gente aprende, a gente garante que não haverá mais retrocesso neste país. E isso nós devemos a vocês, que lutaram antes de nós.

Um abraço. Parabéns, Paulinho. Parabéns à Secretaria dos Direitos Humanos, e parabéns a todos vocês.

(\$211A)



**Pronunciamento à Nação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
em cadeia nacional de rádio e TV, por ocasião do final de ano**

Minhas amigas e meus amigos,

Há exatamente um ano, neste mesmo horário, eu disse a vocês que o Brasil estava preparado para enfrentar a grave crise financeira que ameaçava o mundo, e que nossa economia era forte o suficiente para enfrentar qualquer desafio. Mais que isso: pedi serenidade aos brasileiros, que não se deixassem levar pelo nervosismo e ajudassem o Brasil a vencer a tormenta criada pela especulação financeira dos países ricos. Pedi que você não deixasse de fazer suas compras e que continuasse consumindo com responsabilidade. Isso era essencial para que a roda da economia não parasse de girar. E anunciei uma série de medidas para incentivar o consumo. O povo brasileiro mostrou, mais uma vez, que é um povo unido, solidário, corajoso e capaz de enfrentar com tranquilidade as situações mais difíceis. Acompanhou o governo e fez a sua parte, segurando o tranco e mantendo a economia em movimento. Com isso, todos saímos ganhando. Fomos um dos últimos países a entrar na crise e um dos primeiros a sair. O grande responsável por esta vitória não é o presidente nem o governo. É você. Por isso, fiz questão de voltar aqui hoje para agradecer a todos os brasileiros e informar as novas medidas que estamos tomando para que o Brasil siga crescendo de forma equilibrada e vigorosa.

Minhas amigas e meus amigos,

Graças a Deus, trago boas notícias. A primeira é a garantia de que o pior já passou. A segunda é a certeza de que a recuperação se dá de forma tão equilibrada que nossa economia vai sair da crise mais saudável do que entrou. E a terceira é o compromisso de que o governo continua atento, agindo na hora certa e de maneira correta. Asseguro a você: vamos ter um 2010 excelente, com crescimento forte da economia e a criação de milhões de empregos. Aliás, mesmo em 2009, um ano em que milhões de pessoas ficaram sem trabalho mundo afora, o Brasil mostrou sua força. De

janeiro a novembro, criamos 1,413 milhão empregos com carteira assinada. Uma das razões dessa nossa segurança é o fato da recuperação econômica do Brasil vir se apoiando, de forma equilibrada, tanto no consumo como no investimento. E quando essas duas pernas ganham musculatura, a economia marcha sem tropeços. Hoje, o mundo inteiro não tem dúvida de que o Brasil já retomou seu ciclo de crescimento virtuoso.

Minhas amigas e meus amigos,

Temos motivos de sobra para comemorar, mas não devemos perder tempo com isso porque a cada dia temos um novo desafio pela frente. É como no futebol: se o time ganha e faz festa demais, perde a partida seguinte. É preciso foco, atenção e disciplina. Este ensinamento vale para tudo na vida. Se no ano passado anunciamos medidas de estímulo ao consumo, agora nossa ênfase é reforçar o investimento e, assim, fazer a roda da economia girar de forma saudável e sustentada, porque quando o investimento cresce, a produção também cresce, o emprego e o consumo aumentam, e aí a economia precisa de mais investimentos para continuar girando. Com este objetivo, estamos fortalecendo ainda mais o BNDES, criando uma nova linha de crédito de R\$ 80 bilhões que se somam aos R\$ 100 bilhões já disponibilizados este ano. E não para por aí. Autorizamos a criação da letra financeira, que vai permitir aos bancos privados captar recursos de longo prazo a taxas menores.

Com isso, eles poderão re-emprestar este dinheiro a juros mais baixos e com prazos mais longos. Vamos também apoiar as vendas de máquinas, tratores e equipamentos da indústria brasileira na América Latina e na África, e assim aumentar a produção da nossa indústria. Estamos colocando ainda R\$ 15 bilhões no fundo da Marinha Mercante para apoiar a produção de navios, sondas e plataformas de petróleo. E prorrogando até 2014 a desoneração de todos os tributos federais para aumentar ainda mais a produção de computadores no Brasil. Dessa forma, vamos consolidar uma nova leva de investimentos saudáveis na nossa economia e estimular o setor produtivo a continuar investindo e empregando cada vez mais brasileiros.

Minhas amigas e meus amigos,

Por que conseguimos vencer tão bem a crise? Repito: por causa do talento, do esforço e da sensibilidade dos brasileiros. E porque o país soube fazer as escolhas certas. A mais importante delas foi escolher um modelo de desenvolvimento que junta crescimento econômico sustentável e distribuição de renda. Ou seja, mais Brasil para

mais brasileiros. Dito de outra forma: os fundamentos que nos fizeram vencer a grave crise internacional são os mesmos que estão nos fazendo vencer a desigualdade, a pobreza e a injustiça. O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu, em apenas sete anos, a geração de 12 milhões de empregos com carteira assinada fez com que 20 milhões de brasileiros entrassem na classe média e 31 milhões saíssem da faixa de pobreza absoluta, ajudando a formar um dos mercados internos mais dinâmicos do mundo. O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu que o Luz para Todos chegasse a quase 11 milhões de pessoas no campo. E que o Bolsa Família beneficiasse mais de 12 milhões de famílias pobres. O mesmo modelo que venceu a crise é o que está garantindo a construção de 214 escolas técnicas, 12 universidades e mais de cem extensões universitárias em cidades do interior, no mais curto período da história. Permitiu, ainda, que o ProUni desse 596 mil bolsas nas universidades para alunos pobres e que mais que dobrássemos o acesso às universidades federais, criando 138 mil novas vagas. O mesmo modelo que venceu a crise foi o que permitiu a implantação do PAC, do Pré-sal e do Minha Casa, Minha Vida, três dos maiores programas do mundo em obras e benefícios, que estão gerando milhares de empregos no presente e vão gerar milhões no futuro. Por tudo isso, temos a grande responsabilidade histórica de fazer com que estas conquistas avancem ainda mais. E só podemos garantir isso com muito esforço, muito trabalho e com atenção plena, fazendo as escolhas corretas e tomando as decisões certas, nas horas certas.

Minhas amigas e meus amigos,

É com imensa felicidade que, como presidente, posso desejar um feliz Natal e um próspero ano novo aos brasileiros, sabendo que eles serão tão bons ou melhores dos que nos anos anteriores. Sabendo que, apesar de tantos problemas que temos ainda para resolver, o Brasil seguramente encontrou o melhor caminho para vencê-los. E este caminho foi aberto com a força da democracia e a energia da liberdade. Aprendemos a nos respeitar e, com isso, conquistamos o respeito do mundo lá fora. Que a paz, a esperança e, muito especialmente, o sonho tomem conta da alma de todos vocês neste Natal. Meu coração de brasileiro sente que, mais que nunca, recuperamos nossa capacidade de sonhar e realizar.

Obrigado e boa noite.

(\$213)

22/12/2009



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
celebração do Natal dos catadores e da população em situação de rua
São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2009**

Eu penso que é um pouco de direito as pessoas já estarem irrequietas e inquietas, porque já é uma e meia da tarde.

Mas eu queria começar cumprimentando o nosso querido companheiro dom Odilo Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo,

Os meus companheiros ministros: o Pimentel, da Previdência Social; o Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social; o Marcio Fortes, das Cidades; o Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; o Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos, que será coordenador,

O Suplicy,

O nosso senador Aloizio Mercadante,

O senador Suplicy,

Os deputados federais Carlos Zarattini, Paulo Teixeira e Ricardo Berzoini,

O nosso querido companheiro padre Júlio Lancelotti,

O nosso querido companheiro Antônio Vila Real Torres, prefeito de Novo Horizonte, na pessoa de quem saúdo os demais prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar a irmã Cristina Bove, coordenadora nacional da Pastoral de Rua da CNBB,

A nossa querida companheira Anita,

Quero cumprimentar o Anderson,

Quero cumprimentar o Donizete,

E eu quero cumprimentar a Maria Lúcia Silva e o senhor Walter Santana, representantes do Movimento da População de Rua,

Cumprimentar a Olinda Pedro da Silva e José Cardoso, representantes



do Movimento dos Catadores de Rua,

E quero cumprimentar o nosso querido companheiro Alderon Pereira da Costa, representante do fórum das organizações que trabalham com a população de rua de São Paulo,

Quero cumprimentar a nossa querida imprensa, que deve estar com tanta fome quanto nós. Eu falei “querida imprensa” porque eu fui na feira do artesanato e eu sugeri à imprensa que fizesse entrevistas com as pessoas no anonimato, e tomei um cacete, como se eu estivesse me intrometendo na imprensa. Eu, apenas, pela minha experiência de tantos anos lidando com a imprensa, eu achava que era importante que os jornalistas adentrassem a alma dessas pessoas que vivem no anonimato, nas grandes cidades brasileiras, só para a gente descobrir que, muitas vezes, uma pessoa que está deitada na calçada tem tanta inteligência quanto uma pessoa que está olhando ela deitada na calçada ou, às vezes, mais. E nós sempre precisamos estar preocupados em descobrir quais as razões e quais as causas que levaram aquela pessoa a fazer aquela opção. É muito fácil a gente, de forma pejorativa, dizer que é um louco, dizer que é um mendigo, dizer que é um lúmpen, quando seria mais digno a gente dizer: “É um companheiro nosso, que talvez não tenha tido a mesma oportunidade que outros tiveram”.

Bem, hoje eu vou ler o meu discurso porque, ultimamente, eu tenho exagerado nos improvisos e eu vou perdendo a conta do tempo. E o tempo, para um presidente da República, vale ouro porque eu tenho muitas reuniões, até hoje, e a dona Marisa está com um cartão vermelho para mim já há uns 20 dias, e eu não posso ser expulso justamente na véspera do Natal, quando a gente precisa mais de carinho e de chamego, eu não posso tomar um cartão vermelho, então...

Mas, olhem, primeiro, meu querido companheiro padre Júlio, queridos companheiros da Direção dos Catadores do Brasil, queridos companheiros e companheiras cidadãos brasileiros que moram nas ruas deste país e desta



cidade, dizer para vocês da minha alegria de estar completando sete anos de governo e completando o meu sétimo encontro com vocês. Tem mais um encontro no ano que vem.

Esse compromisso, meu querido companheiro Júlio, é marcado por um sentimento de comunhão humana e de solidariedade política que resume o caráter social do nosso governo, e é a motivação política maior da nossa luta. Um governo tem a obrigação de dividir a sua atenção com toda a sociedade, como temos feito ao longo do primeiro e do segundo mandato nosso.

Todos aqui, porém... todos aqui sabem que este governo tem a sua atenção voltada permanentemente para os segmentos mais humildes da sociedade. Eu duvido que já tenha tido, em algum momento da história deste país, não um presidente, mas um governo que tivesse o compromisso e a relação mais forte que nós temos com os movimentos sociais deste país.

Hoje nós vamos dar mais um passo e um salto institucional nesta caminhada. Eu queria lembrar aqui, porque quando estava anunciando, o pessoal parece torcida do Corinthians quando a gente está ganhando de um a zero, o pessoal faz um burburinho, que a gente não consegue ouvir nem que é que fez o gol.

É o seguinte: primeiro, o governo decidiu incorporar, definitivamente, a atividade dos catadores ao sistema produtivo do País, reconhecendo o seu papel decisivo na indústria da reciclagem. A partir de agora, será concedido um incentivo fiscal – na forma de um crédito de IPI – para benefício exclusivo das indústrias que comprarem material reciclável direto das cooperativas de catadores de rua, em todo o Brasil.

Bem, decidimos também instituir uma Política Nacional para a População em Situação de Rua. E ela será centralizada por um comitê intersetorial, composto de representantes da sociedade civil, ao lado de oito ministros do governo: Ministério da Justiça, Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Ministério do Trabalho, Ministério do Esporte, Ministério das



Cidades, Ministério da Cultura e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. E a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, já transformada em Ministério – que é ligada diretamente a mim –, será a coordenadora dessa nova lógica para os nossos companheiros moradores de rua.

Veja, nós estamos assumindo alguns compromissos, que precisa uma combinação entre nós. É preciso que as denúncias sejam feitas no ato, para que a gente possa fazer uma intervenção também no ato. Caberá a essa Política Nacional garantir a promoção dos direitos humanos, bem como a dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais da população brasileira que vive na rua.

Terceiro: além disso, estamos oficializando aqui a destinação de imóveis da União em São Paulo, para moradia popular. Na verdade, acho que o Marcio deu dois prédios, é isso, Marcio? Foram dois? Não. Foram dois, de um lote de 25 prédios da União que tem aqui, para que a gente possa fazer a repartição, no valor de R\$ 20 milhões, que nós queremos consagrar isso. Todos eles terão que ser reformados, adequados e destinados à moradia popular, nas áreas centrais das grandes cidades brasileiras.

Minha querida Alexandra,

Ontem eu fui à favela de Manguinhos e fui ao Complexo do Alemão visitar as obras que nós estamos fazendo lá. E, na volta, eu passei... Na volta, eu vinha pelo porto do Rio de Janeiro, passei ali e vi uma quantidade de prédios públicos, armazéns, totalmente abandonados, quebrados, desmontados. Não tem nenhum sentido racional aquilo continuar servindo apenas para rato, barata, morcego, quando a gente pode transformar aquilo numa área de moradia.

Nós vamos ter, querida Alexandra, vamos ter que pegar o Marcio, ter que pegar o Paulo Bernardo, ter que pegar a Inês, ter que pegar a quem de direito mas, sobretudo, o Paulo Bernardo, e nós vamos ter que, a partir do



começo do ano, montar um mutirão que vai ter como primeira e única prioridade a gente resolver esses Próprios Públicos, que nós precisamos fazer a doação deles rapidamente.

Não, não pode. Eu voltei, Alexandra, convencido de que não tem explicação, nem para a minha consciência e para ninguém, por mais que sejam favoráveis ao governo, por que aqueles prédios estão lá, totalmente quebrados, sem que a gente dê uma utilização pública, em um espaço público, que não servem para nada. A gente pode fazer apartamentos, a gente pode fazer casas, a gente pode construir qualquer coisa! E mesmo nos apartamentos – viu, Marcio? – mesmo nos apartamentos, nos prédios, é importante que a nossa engenharia estude, porque às vezes é melhor derrubar e fazer uma coisa nova, do que a gente tentar remendar para casa um prédio que foi feito para escritório.

Quem já teve experiência de fazer reforma, sabe que o barato fica caro. Às vezes, a gente pensa que uma reforma vai ficar mais barata, e basta a gente derrubar a primeira parede, mexer no primeiro encanamento, ou mexer no primeiro fio, ou levantar a primeira lajota, que a gente vai descobrir que talvez fosse melhor a gente implodir e construir uma coisa totalmente adequada para moradia.

Eu estou dizendo isso porque aqui, o companheiro Donizete, se não me falha a memória, falou do terreno que a Alexandra conseguiu desobstruir, lá em Brasília, para construir casas para seis mil pessoas, e que até agora não aconteceu nada, porque a Caixa Econômica tem que cumprir com o seu ritual.

Ora, eu falei para a Alexandra: na próxima semana estaremos em Brasília, na segunda-feira eu já tenho uma reunião com o Paulo Bernardo, nós vamos ter que chamar a Caixa Econômica Federal, para saber por que está demorando a gente pegar o Programa Minha Casa, Minha Vida, adequar qualquer coisa, e tentar construir as casas que nós precisamos construir. Se não tiver jeito, pelo menos nós temos que discutir, chegar aqui e dizer para o



pessoal: “A gente não tem dinheiro este ano, vamos fazer no ano que vem. Ou, a gente não tem no ano que vem, vamos fazer daqui a dois anos”. Mas o que não dá é a gente dizer: “Olha, tem uma burocracia em tal lugar, tem uma burocracia em tal lugar”, porque essa é nossa função: desobstruir essa burocracia que foi feita para que a máquina não funcione. Esse é o dado concreto e objetivo.

Bem, e nós sabemos, é verdade, que tem um problema político nisso, nós sabemos que tem um problema político. Tem uma parte da sociedade que não quer que vocês morem no centro. Vamos... É o seguinte, neste país é assim: todo mundo quer feira, mas ninguém quer feira na porta de casa; todo mundo quer ponto de ônibus, mas ninguém quer ponto de ônibus na porta de casa; todo mundo quer delegacia, mas ninguém quer delegacia na sua cidade. Prisão, então, é que ninguém quer mesmo, não é isso? Ninguém quer. Pobre, é bom para a gente ver em filme, a gente não os quer morando no prédio em que a gente mora.

Então, nós sabemos que é um desafio. Eu sei de um caso que houve em Porto Alegre, que houve uma celeuma com uns moradores perto de um prédio, porque a população de rua foi ocupar um prédio ali no centro de Porto Alegre, já reformado, feitos os apartamentos.

Mas essa é uma briga política boa. É uma briga política que vale a pena a gente convencer as pessoas que todos nós somos iguais perante a Lei, independentemente da nossa razão social, independentemente da nossa cor, da nossa religião ou do time que nós torcemos. E se esse negócio de time valer, a gente pode morar em tudo quanto é prédio porque, na maioria, eu sei que está cheio de corintiano, que a gente pode...

Bem, mas, Alexandra, eu queria ponderar, porque é mais fácil a gente falar aqui e mais difícil a gente concretizar depois. Eu tenho mais um ano de mandato, e eu sei que foram difíceis os primeiros anos. Primeiro, tem todo um aprendizado, de aprender a mexer naquela máquina, cada estado tem uma



coisa, cada um tem um interesse, os cartórios têm um interesse, os juízes têm outro, advogados têm outro, ou seja, há uma teia de aranha para complicar que as coisas aconteçam.

Mas eu queria te pedir o seguinte: eu sei que não é só sua a responsabilidade, mas eu queria que nós, nesses próximos três ou quatro meses... tire as suas férias, descanse uns 15 dias, que todo mundo tem direito de descansar uns 15 dias, porque o ano que vem será “pauleira”. Então, eu queria que a gente dedicasse dois meses e meio para que a gente desvendasse todos os mistérios.

A Alexandra é prova: em 2003, 2004... não, você entrou em dois mil e... Você entrou quando? Em novembro de 2003. Vocês sabem, eu morei na Vila Carioca. Quem conhece a Vila Carioca, eu morei na Vila Carioca muito tempo. Eu morava na frente daquele prédio do IBC. Tem a Presidente Wilson, tem o IBC, tem a Rua Auriverde, 1156, que era onde eu morava, a casa existe hoje, lá. Tinha um barzinho do lado, que era onde eu tomava meu “rabinho de galo”, quando eu podia beber.

E eu, desde que eu assumi a Presidência, eu tenho uma vontade maluca de pegar aquele prédio do ABC [IBC], aquele armazém do IBC, ele tem 250 metros de comprimento, mais 250 metros de largura, ou seja, é... acho que dá dez vezes isso aqui. E eu sonhava fazer ali uma área de lazer para o pessoal da Vila Carioca, fazer um conjunto habitacional, fazer qualquer coisa. Aí, nós descobrimos que a Justiça, a Justiça está utilizando aquilo para guardar papel velho, para guardar carro velho, ou seja, para guardar a sucata deles, quando aquilo é um patrimônio da União e nós precisamos daquilo para fazer alguma coisa ou, pelo menos, derrubar e fazer casas. Alguma coisa nós vamos ter que fazer.

Então, Alexandra é um pedido para que você monte uma equipe e a gente dedique três meses e meio para a gente priorizar, realmente, para apresentar, não no ano que vem, mas no meio desse próximo ano, antes de



começar a legislação eleitoral, uma proposta mais concreta do material que a gente tem disponível para a gente ajudar esse pessoal.

Porque, diferentemente de um cidadão que trabalha em uma fábrica, o morador de rua, ele não pode morar muito longe de onde está o seu local de trabalho, porque se ele for morar a 30 quilômetros e tiver que pegar ônibus, quando ele chegar de manhã, como não tem cartão (incompreensível) ele ficar, alguém pegou o lugar dele. Então, é importante que ele esteja mais ou menos próximo de onde está o seu ganha-pão. Então, eu acho que nós podemos fazer esse levantamento, Alexandra, no Brasil inteiro. E eu acho que a gente tem que dedicar, porque nós não sabemos o que pode acontecer neste país.

Bem, uma outra coisa que eu considero importante, companheiros – e vou parar de ler o meu discurso – eu queria apenas dizer uma coisa que eu considero importante. Nós temos por volta de 50 a 60 mil pessoas, talvez, morando em rua, em todo o Brasil. Nós não temos dados do IBGE, portanto, nós não sabemos. Tem uma pesquisa feita pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Mas é preciso que a gente tenha uma pesquisa com uma certa respeitabilidade científica, para que a gente não fique citando e chutando números. Então, o IBGE vai assumir esse compromisso de fazer essa pesquisa.

Bem, e as pessoas vivem na rua como se fossem invisíveis, do ponto de vista das políticas públicas. Vamos ver o caso de um companheiro aqui, chamado Anderson Miranda. Está aí o Anderson? Anderson Miranda. Está aqui o Anderson. O Anderson morou por 15 anos na rua, não foram 15 dias, foram 15 anos. E hoje é uma das lideranças nacionais desse movimento. Esse companheiro viveu metade dos seus 31 anos dele na rua. É como se ele tivesse morado fora do Brasil, fosse um perseguido político. E ele deu a volta por cima. Hoje, o “bichim” já casou, o “bichim” casou com a Janaína, já tem um emprego, tem um lar, tem duas filhinhas lindas, a Maria Beatriz e a Maria Clara. Já está bom no microfone, já apresenta. Logo, logo, os artistas vão estar



implorando para ele não competir com eles.

Bem, e isso, eu percebi na fala do pessoal aqui a evolução extraordinária, Júlio, a evolução extraordinária. Eu acho, Júlio, que a gente poderia dar um salto de qualidade. Hoje, eu ouvi uma coisa aqui que eu não tinha ouvido nas outras vezes que eu vim aqui, e foi o motivo que eu vinha conversando com o Patrus, ontem à noite nós conversamos, que era o seguinte: tem apenas a reivindicação do pessoal dos Sem Teto, que era para utilizar os prédios públicos. Mas, nas outras vezes que eu vim aqui, essa questão da moradia não tinha ficado forte, ou seja, dava a impressão que os companheiros que moram na rua não queriam resolver o problema de casa. Eu falei: “Patrus, nós não temos nenhuma reivindicação pedindo casa para os moradores de rua”.

Então, eu queria, Júlio, que a gente preparasse o seguinte: veja, o Brasil está numa situação razoável, está numa situação boa. Nós temos um programa de 1 milhão de casas. Quem faz 1 milhão pode fazer 1,110 milhão, pode fazer 1,120 milhão, pode fazer 1,130 milhão. E todo mundo sabe que na casa de pobre é assim. Na casa de rico, você chega dez horas da noite, não tem nem sopa mais. Mas na casa de pobre, você chegar, pode ficar certo que onde come um, come dez, é só botar água no feijão, botar mais água na gordura, meter batata e come. Se tem uma coisa que pobre tem orgulho é de atender bem as pessoas que vão na casa dele. Pobre não costuma esconder embaixo do fogão para ninguém ver, não. Se tiver, coloca na mesa. Se não tiver arroz, mete farinha. Se não tiver farinha, faz arroz. Ou seja, se não tiver carne, come ovo.

Bom, de qualquer forma, eu acho que era importante, companheiro, que a gente preparasse, não para o ano que vem, mas para esse ano ainda, Inês, que a gente preparasse as necessidades habitacionais da população de rua, nas principais capitais deste país. Que a gente tentasse preparar para que a gente pudesse apresentar um projeto específico para atender os moradores de



rua, ou com a utilização de prédios públicos que podem ser disponibilizados... Eu tenho certeza que alguns governadores de estado estariam dispostos a contribuir com a gente, se eles tiverem terreno, eu tenho certeza que algumas prefeituras teriam disposição de contribuir com a gente. Porque casa, na capital, o que é grave é o preço do terreno. Mas eu tenho certeza que tem muita gente... Tem alguns prefeitos que não vão contribuir, sabe?

Então, eu queria que a gente preparasse... Nós vamos apresentar um PAC 2011-2015, e é preciso que tudo aquilo que a gente não conseguiu fazer, que a gente deixasse preparado, ou para a gente começar a fazer já no ano que vem, ou para que a gente deixasse preparado para ser aprovado no PAC que vai ser feito, de 2011 a 2015, e a gente voltar aqui, todo ano, para esses encontros, e a gente todo ano ter uma coisa nova para a gente reivindicar, para dar uma demonstração na evolução da melhoria da qualidade de vida das nossas pessoas.

Eu acho que nós temos condições de fazer isso. E não sei se vocês vão ter feira este ano, para a gente poder assumir e concretizar esses compromissos, não precisaria esperar até dezembro do ano que vem. Porque, quando eu vier aqui, em dezembro do ano que vem, já tem uma outra pessoa eleita, eu já sou rei posto, e rei posto não pode mais fazer promessa, não. Ou eu faço agora, que eu posso cumprir, ou não dá para fazer depois. De qualquer forma, de qualquer forma, se for quem eu penso que vai ser, nós podemos trazer junto aqui, para fazer promessas. Mas vocês já estão tão organizados que quem entrar aí vai ter que respeitar.

A segunda coisa é que na política nacional que nós estamos criando, nós vamos começar pela implantação, Júlio, de um Centro Nacional de Referência em Direitos Humanos para a População de Rua, com ramificação em todo o território nacional. Significa o quê? Significa que vai ter um local, em cada estado brasileiro, em cada capital, que quando acontecer um desrespeito aos direitos humanos, vocês não vão ter que ficar mais como baratas tontas,



não. Vocês vão ter um centro de referência, em que vocês podem ir ali, localizar um companheiro para ajudar vocês.

Bem, dito isso, companheiros, eu quero dizer para vocês o seguinte: desde 2007, nós já fizemos investimentos aqui, com vocês, de R\$ 182 milhões para treinamento e estruturação das cooperativas de catadores de papel. Nós já anunciamos, lá na cooperativa, aquele dia, que o BNDES vai colocar mais 225 milhões para ampliar e modernizar a integração dessa atividade. Vocês viram o apelo que eu fiz para o prefeito, naquele dia. Eu vou fazer um apelo para os prefeitos outra vez: pelo amor de Deus, aos companheiros prefeitos deste país, em vez de darem a “catança” para um empresário, e ele ficar rico sozinho, vamos dar a “catança” para os catadores, para que todo mundo tenha o direito de comer.

E podem ficar certos de uma coisa, companheiros, podem ficar certos de uma coisa: não tem forninho, não tem fornalha, não tem nada, ninguém vai fazer aqui aterro sanitário, ou, quem sabe – como que é o outro nome? – incineração, em prejuízo do ganha-pão de vocês. Nós vamos ficar atentos para que a gente possa não permitir que seja passada alguma lei que venha a trazer prejuízo a quem foi humilhado tanto tempo e que hoje tem orgulho até de poder andar com um carrinho elétrico nas ruas, sem precisar ficar puxando, como vocês puxam hoje.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dizer a todos vocês que nós estamos chegando ao final do nosso governo. Eu sei que ainda tem muita coisa para fazer, eu sei que nós já fizemos muita coisa. E eu sou uma pessoa convencida de que não existe limite para reivindicação.

Eu tenho consciência que cada coisa que vocês conquistarem não dará lugar ao esquecimento de vocês reivindicarem outra coisa. Quem ganha um tostão quer ganhar dois tostões, quem ganha dois quer ganhar três, quem ganha três quer ganhar quatro. Só não pode o cara arrumar namorada e querer ter duas. Namorada, é uma só. Agora, a gente sabe que é da própria vida



humana a gente ir conquistando as coisas e cada vez a gente querer conquistar mais coisas.

Por isso, eu queria pedir para vocês: esse pessoal que está aqui são amigos de vocês. Vocês sabem que chegou em Brasília o Patrus, o Dulci, o Pimentel, o companheiro Gilberto Carvalho, que é a minha cara-metade lá dentro do gabinete, não falta, em nenhum minuto, de atender vocês, ouvir, discutir e tratar vocês com o carinho que vocês merecem.

Então, vocês têm que aproveitar esse momento, que falta um ano... E, por favor, não tenham medo do peso da caneta. Vamos fazer um levantamento, um pente fino das nossas necessidades, para a gente colocar no papel, para ver se a gente, em um espaço mais curto possível, a gente pode atender (falha no áudio) as demandas, o máximo possível das demandas de vocês.

Este é um compromisso da minha equipe, é um compromisso nosso, e nós faremos isso porque quando terminar o nosso mandato, quando terminar o (incompreensível), eu vou dizer uma coisa para vocês: eu nunca, nunca, nunca esqueço que quando eu terminar o meu mandato, quem eu vou chamar de companheiros são vocês. Quem eu sei que vou encontrar são vocês.

Então, quando... E eu não faço isso por bondade, não. Eu faço isso porque isso está no meu sangue, isso está nas minhas entranhas, eu sei de onde eu vim, eu sei para onde eu vou voltar. Na hora que eu terminar o meu mandato, eu sei o tamanho que eu sou.

Então, o que vale para nós, na verdade, na verdade, o grande legado que eu quero ter na vida, quando deixar a Presidência, é dizer o seguinte: Eu, durante todo o meu mandato, tratei trabalhadores, tratei os catadores, os sem teto, os sem terra, a classe média, intelectuais, jornalistas, pequenos e médios empresários, eu tratei todos com respeito, porque respeito é bom, a gente dá e a gente exige que a gente seja respeitado.

Por isso... Fala no microfone.



_____ : Feliz Natal.

Presidente: Feliz. Então, ela veio lembrar aqui que está na hora de eu parar de falar. Então, eu queria, padre Júlio, eu queria, nosso querido cardeal, nossos queridos ministros – vocês vão voltar para os seus estados agora –, companheiros que apoiam o movimento e companheiros do movimento, eu queria desejar para vocês um Natal extraordinário.

O Natal não é medido pelo presente que a gente ganha. Eu, o primeiro presente que eu ganhei na vida foi com 18 anos, quando eu mesmo comprei, uma bola que não era de câmara, naquele tempo a gente chamava de “bola de capotão”, era uma bola de borracha, que furou logo, no primeiro espinho que ela bateu. Depois, o meu segundo presente foi uma bicicleta velha que eu perdia mais tempo trocando a corrente da desgraçada do que andando na bicicleta.

O Natal não é importante pela fantasia do consumo. O Natal, na verdade, é o momento de a gente juntar a família da gente e a gente consagrar a estrutura familiar da gente. É pai conversar com filho, é filho respeitar pai e respeitar mãe. É a gente viver em comunhão no dia sagrado em que nasceu o Menino Jesus.

Então, eu queria dizer para vocês, de coração: que vocês possam ter um Natal com a família de vocês, que vocês possam fazer a confraternização. Ninguém precisa gastar dinheiro para fazer confraternização. Não tem nada mais valioso do que um abraço e um beijo nas pessoas que a gente gosta.

Feliz Natal para todos vocês. E que Deus abençoe a todos.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção do projeto de lei 5.919/2009 – Lei dos Taifeiros da Aeronáutica

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 28 de dezembro de 2009

Bem, primeiro eu queria dizer para vocês que não é habitual, no dia 28 de dezembro, a gente estar fazendo qualquer manifestação aqui dentro, trazendo pessoas para um ato público. Mas eu penso que esta conquista, ela foi tão importante para a Aeronáutica e tão importante para os taifeiros, e eu senti tanta vontade do Brigadeiro Saito de resolver esse problema, que eu acho que merece a imprensa tomar conhecimento do que está acontecendo hoje. Por isso, Saito, eu quero te agradecer porque, desde o primeiro momento, você assumiu isso como um compromisso a ser cumprido, e nós estamos cumprindo aqui.

Quero agradecer aos deputados, ao Bolsonaro, ao Marcelo Ortiz, ao Paulo Rocha, ao Rodrigo Rollemberg que, dentre os deputados, se empenharam para que a gente pudesse aprovar o projeto de lei, e quero agradecer ao companheiro Henrique. O Henrique, vocês viram que ele tem um jeitinho todo mineiro de falar, todo manso. Ele não podia me ver quieto em um lugar que ele vinha falar dos taifeiros, que era importante resolver esse problema. Eu acho que ele fazia isso porque, certamente, ele recebia pressão dos demais taifeiros que queriam que essa solução fosse encontrada o mais rápido possível.

O que é importante é que essa solução se dá com base na competência de vocês, taifeiros, e da Aeronáutica, de concluir um acordo capaz, esse acordo, de convencer as pessoas de que era possível a gente concretizar a aprovação do projeto de lei.

Eu, Henrique, acho que as coisas não param por aí. O problema de as



peças conquistarem alguma coisa, é que as pessoas querem conquistar mais, a cada dia as pessoas querem subir um degrau. Depois que foi aprovado os taifeiros da Aeronáutica, eu estou almoçando um dia no Alvorada, chega um cidadão que você conhece, que trabalha lá e, como quem não quer nada, vai pedindo desculpa: “Presidente, eu queria pedir desculpa, mas eu queria dizer uma coisinha para o senhor.” Essa coisinha é que ele era taifeiro do Exército, mas me parece que foi extinta... parece que foi extinta a função de taifeiro do Exército. Eu não sei, eu até falei com o Enzo esses dias para ele estudar porque, certamente, se a Aeronáutica conquistou, é justo que as outras Forças também queiram conquistar.

O dado concreto, companheiros, é que aos poucos a gente vai percebendo que é possível fazer o processo de reparação, que muitas vezes por equívoco, ou às vezes por razões que o bom senso não explica como é que vocês podem estar esperando uma coisa há 48 anos. Ou seja, 48 anos é uma vida, é meia vida. Para o nosso companheiro aqui já deve ser um terço de vida, porque ele já está... já chegou aos 90. Mas o dado concreto é que não tem explicação como é que uma coisa pode demorar tanto e a gente não encontrar solução.

Certamente, muita gente está envolvida nos equívocos. Ora pode ter sido um brigadeiro da Aeronáutica, ora pode ter sido a preferência de entrar na Justiça, ora pode ter sido um ministro do Planejamento, ora pode ter sido um ministro da Fazenda. O dado concreto é que demorou, mas todos nós nos colocamos de acordo e só foi possível a gente aprovar a lei porque vocês se colocaram de acordo que a melhor solução era a gente construir aquilo que fosse melhor para todos.

Portanto, meus parabéns. Parabéns, companheiro Henrique. Eu acho que... Não imaginava que você fosse capaz de fazer um discurso tão longo com um assunto que você conversou tão pouco comigo. Obrigado, Saito, pelo teu compromisso assumido. Obrigado aos deputados. Eu sempre digo que os



deputados... muitas vezes, se a gente for avaliar a Câmara dos Deputados pela imprensa, a gente sempre acha negativa. Agora, se a gente for analisar o conjunto do trabalho produzido durante o ano, a gente vai perceber que tem muito mais coisas positivas do que coisas negativas. Lamentavelmente, tem deputados que aparecem para trabalhar todo santo dia e, no dia em que um falta, todos parece que não foram trabalhar. Lamentavelmente, a condenação é coletiva e o reconhecimento é individual. Esse é um problema que eu senti na Constituinte.

De qualquer forma, Feliz Ano Novo, que Deus, mesmo que tardiamente, abençoe cada um de vocês e que... acho que todos nós queremos ser lembrados porque não fizemos nenhum favor a vocês, a não ser o reconhecimento de uma coisa que vocês já faziam por merecer há muito tempo e que, quem sabe por incompetência, nós ainda não tivéssemos resolvido.

Parabéns aos deputados, parabéns aos taifeiros, parabéns, Henrique, e parabéns, Brigadeiro Saito. Um abraço e Feliz Ano Novo para todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Vila São Pedro

São Bernardo do Campo-SP, 29 de dezembro de 2009

Nós vamos ganhar um pouco de tempo aqui. Eu quero cumprimentar duas pessoas apenas, em especial, aqui, e quero que todas as pessoas que estão aqui se sintam cumprimentadas.

Uma delas é o nosso governador do estado do Rio de Janeiro, que é um convidado especial do companheiro Marinho, que é um companheiro que fez questão de estar aqui porque foi em uma visita minha ao Rio de Janeiro, visitando uma UPA, que nós chegamos à conclusão que era preciso implantar em todo o território nacional. E foi a partir daí que assumimos o compromisso de fazer 500 UPAs em todo o território nacional. E o Rio de Janeiro tem um companheiro, que é de qualidade excepcional, que é o nosso secretário da Saúde do Rio de Janeiro, o nosso companheiro Sérgio Côrtes que está aqui, que é um companheiro que junto com o ministro Temporão e outros secretários de estado, como o Barradas, vão ajudar a gente a construir essas UPAs todas pelo Brasil.

A segunda pessoa que eu quero cumprimentar é o Luiz Marinho, e quero dizer para vocês da alegria e do sonho de ver o Marinho eleito prefeito de São Bernardo do Campo, e ver no Marinho a possibilidade de concretizar parte dos sonhos que o povo de São Bernardo do Campo esperava do companheiro Marinho.

Eu sei que tem muita gente já com fome. Só para vocês terem ideia, eu, quando saí de casa, às 7h30 da manhã, eu prometi para dona Marisa que eu ia voltar para almoçar com ela. Já são 1h15, eu ainda estou em São Bernardo, tem mais uma reunião no aeroporto com o Presidente do Banco Central.



Depois tem mais uma reunião com um empresário que vai fazer um investimento muito grande aqui no Brasil. Então, eu vou chegar em casa às 4h da tarde e, mais uma vez, a dona Marisa vai dizer: “Mais uma vez, me enganou. Disse que vinha almoçar e não apareceu para almoçar”.

E eu sei que o nosso Secretário da Saúde falou, a Márcia falou, e eu queria fazer um apelo. A primeira coisa é o seguinte: eu quero pedir a Deus para que hoje, amanhã e depois de amanhã ninguém precise estrear esta UPA. Porque quando eu ouvi dizer que ela ia funcionar e vocês bateram palmas, eu falei: parece que vai ser uma praça que está sendo inaugurada, que o pessoal quer logo visitar. Deus queira que nem vocês e nem na família de vocês alguém precise utilizar esta UPA, que esteja com saúde perfeita. Mas o dado concreto é que, se precisar, vocês vão ter, perto da casa de vocês, um tratamento especializado que vai tratar vocês com o humanismo que todo ser humano precisa ser tratado.

E aí, eu queria, Marinho, fazer um apelo, Arthur, aos médicos, às enfermeiras e aos funcionários: se vocês estiverem com raiva do Secretário da Saúde ou estiverem com raiva do prefeito ou quiserem xingar o Presidente da República, pelo amor de Deus, não descontem no povo que vier procurar vocês no balcão, não descontem. Atenda o povo com um sorriso na cara, com educação, com muito respeito, e depois se tranque no banheiro e xingue o Presidente, xingue o prefeito, xingue o secretário.

Mas eu estou dizendo isso porque quando eu era presidente do sindicato de São Bernardo do Campo, eu quase sempre chegava naquelas moças que atendiam no balcão e eu dizia para elas: em momento algum, mesmo que você tenha brigado com o seu marido, mesmo que você tenha problema de salário, quando chegar um associado do sindicato no balcão para pegar uma informação, trate-o com o maior respeito do mundo. É esse, é esse o apelo que eu quero fazer às pessoas que vão trabalhar nas UPAs, porque isso aqui está tudo muito bonito, são novinhas, mas daqui a pouco começam a



chegar os pacientes e se o funcionário estiver mal humorado, a doença do paciente aumenta, aumenta.

Vamos prestar atenção em uma coisa que o Secretário da Saúde falou: “Aqui, não é por ordem de chegada”. Então, o cidadão que chegou às 8h20, ele pode ser atendido depois de uma pessoa que chegou às 8h21, 8h22. Por quê? Porque o que vai levar em conta não é a hora da chegada, é a gravidade da doença que a pessoa tem. Se tem, se tem uma criancinha que está passando mal, mas não está com febre ou não está com falta de ar, e chega uma com febre alta ou com falta de ar, é aquela que vai ter que ser atendida primeiro, porque isso aqui é para tentar salvar vidas. Se tem um companheiro com uma dor de barriga qualquer ou uma dor de cabeça e chega um companheiro que teve uma briga aí e ele foi esfaqueado, aquele vai ser atendido primeiro, porque o objetivo disso aqui é tentar evitar que a doença não se agrave e evitar mortes.

Eu estou dizendo isso, porque hoje nós estamos aqui em festa, mas Deus queira que não, mas amanhã começa a disputa. Vocês começam a chegar e a dor de cada um é sempre a maior, não é? O vizinho pode estar morrendo com cálculo renal, que é a pior dor do mundo, só perde para a dor do parto, me parece, segundo os médicos aí. Ou seja, mas se chegar outro com uma dor na unha, a dor da unha é a maior, a de barriga é a maior, a dor de cabeça, se o cara tiver tomado umas canas, à noite, de péssima qualidade, é uma dor maior. Então, cada um faz a sua dor maior. O médico é quem vai saber dentre todas as dores qual é aquela que precisa de mais cuidado e de mais atenção para a gente melhorar a vida das pessoas.

Eu penso que se a gente tiver entendido isso, isso aqui vai funcionar perfeitamente bem, e vai ter ambulância do Samu, que quando alguém estiver com uma coisa mais grave, vai fazer o primeiro tratamento aqui e ambulância não vai levar um cidadão para jogar na porta do hospital, vai levar para deixar as pessoas internadas no hospital.



Eu lembro, eu lembro Sérgio, eu lembro que uma vez eu trouxe um primo meu aqui, na década... em 1969 ou 1970, eu trouxe um primo meu aqui, ele morreu dentro do meu carro, morreu dentro do carro. Eu ia levá-lo para o hospital, eu não vou falar o nome do hospital para a imprensa não colocar o nome do hospital e não fazer... Mas naquele tempo não tinha muitos hospitais aqui, o povo de São Bernardo é capaz de adivinhar qual era. E eu cheguei com meu primo, eu não tinha culpa, ele teve um infarto dentro do carro, um moleque novo morreu. Eu cheguei à porta do hospital, parei o carro e falei para o pessoal: Olha, eu estou com o meu primo morto aí. Ninguém queria receber meu primo: “Ah, está morto, como é que eu vou receber?” E eu falei: E eu é que vou receber? Eu é que vou saber? Alguém tem que pegar e examinar, pelo menos, para dizer do que ele morreu. Bem, aí houve uma briga daquelas de meia hora, o pobre é sempre escorraçado, é tratado como se fosse de terceira categoria. Eu sei que eu tirei meu primo do carro, coloquei ele na porta do hospital. Aí, o médico, até uma pessoa que hoje é muito minha amiga, veio lá, mandou pegar o meu primo, levou para dentro, fizeram a autópsia nele e tudo, aí depois eu levei meu primo embora. Então, agora não vai ser largado na porta não, quando alguém vier aqui que for atendido e tiver que ir para o hospital, daqui a pessoa já vai sair sabendo para que hospital vai e que vai ser internada. Nós não vamos ficar, não vamos ficar tratando o povo como se fosse gado não. Vamos tratar com respeito para a família saber aonde que está o seu ente querido.

Dito isso, companheiros e companheiras, eu acho que é um dia importante. Quando o companheiro Marinho tomou posse, eu falei para o Marinho: Marinho, você tem que aproveitar que eu vou ter dois anos na Presidência no seu mandato e você tem que fazer todos os projetos importantes para São Bernardo porque o prefeito anterior, que eu não tenho nada pessoal contra ele, ele não gostava de receber dinheiro do governo federal. Eu nunca vi na vida alguém recusar dinheiro. Nem emenda



parlamentar dos deputados de São Bernardo do Campo, ele tinha interesse em utilizar. Então, você imagina: Eu, presidente da República, moro na cidade, o prefeito foi meu amigo antes de ser prefeito, e ele nunca me procurou para pedir dinheiro para colocar uma telha em uma casa, eu sempre achei que São Bernardo do Campo estava nadando em dinheiro, que não precisava.

Pois bem, a verdade, a verdade é que a São Bernardo do Campo que eu conheci em 1965 é diferente da São Bernardo do Campo de 2010. Porque a São Bernardo do Campo de 2005... de [19]65 tinha mais dinheiro do que habitante. Aqui em São Bernardo, Sérgio, quando a gente ia comprar um terreno em qualquer lugar, você já recebia o terreno com água, com luz, com asfalto, com tudo, porque era muito dinheiro e pouca gente.

Acontece que a cidade foi crescendo, a indústria automobilística, Sérgio, tinha muito empregado. A Volkswagen em [19]80 tinha 44 mil trabalhadores. Hoje, ela tem apenas 12 ou 13 mil trabalhadores, 15 mil trabalhadores. Significa que uma parte dos metalúrgicos que na década de 80 trabalhava na Volkswagen ficou desempregada. A Mercedes mandou embora, a Ford mandou embora, a Brastemp mandou embora, diminui o número de trabalhadores, e muita gente ficou morando na periferia. Pessoas pagavam aluguel, deixaram de pagar aluguel, foram construir um barraquinho em um lugar mais pobre para poder transformar o dinheiro do aluguel na comida de cada dia.

Então, São Bernardo do Campo, que é uma cidade rica, é uma cidade rica, pode sair daqui, Sérgio Cabral, sabendo que você está em uma das regiões que tem a classe operária mais bem paga deste país, que é o ABC paulista. É uma região muito rica, mas que ficou empobrecida pela crise econômica que perdurou nos últimos 20 anos neste país. Você encontra muito ex-metalúrgico aqui que perdeu o emprego e nunca mais conseguiu voltar para uma metalúrgica.



Então, eu falei para o Marinho: Marinho, é preciso pegar quais são os principais problemas de São Bernardo do Campo, aproveitar esses dois anos para a gente fazer, porque Diadema tem um sistema de saúde chamado Quarteirão da Saúde, que é uma coisa que nós fizemos junto com o Felipe, que é uma das coisas mais extraordinárias de saúde do estado de São Paulo e do Brasil. É um quarteirão inteiro, Sérgio, que atende tudo que você possa imaginar na área da saúde.

Santo André sempre foi uma cidade mais, eu diria, com um perfil de cidade mais dinâmica, porque Santo André era a cidade que tinha a estação do trem, o povo de São Bernardo que produzia batata tinha que vender lá em Santo André... A minha mulher era batateira. Então, a família dela plantava batatinha inglesa aqui, onde hoje tem as indústrias, e tinha que levar na estação de trem de Santo André para poder levar para São Paulo para vender.

Então, Santo André sempre foi uma cidade mais sofisticada, tinha mais investimento em cultura... E depois teve 12 anos de administração de um dos maiores homens públicos que eu conheci, que foi o nosso companheiro Celso Daniel, que foi assassinado.

Pois bem. Então, São Bernardo do Campo estava devendo. São Bernardo do Campo estava devendo alguma coisa para o seu povo. Então, como Deus escreve certo por linhas tortas, o companheiro Marinho conseguiu se eleger. Antes, a gente perdia as eleições porque o PT era metido à besta, queria sair sozinho, não fazia aliança política, juntavam mil vereadores contra nós, a gente sempre perdia. O Marinho, mais hábil, mais matuto, mais do interior, mais... O Marinho resolveu construir uma aliança política e foi procurar vários partidos políticos que ajudaram a o eleger prefeito de São Bernardo do Campo. Então, Deus deu a sua ajuda, agora depende de nós.

Na última sexta-feira, no último final de semana que eu vim aqui, o Marinho pediu uma conversa comigo, para me convidar para vir inaugurar esta UPA. E o Marinho falou: “Presidente, nós temos um problema sério em São



Bernardo”. Qual é o Problema? “É o problema da dragagem. É o problema do povo que está morando em áreas que dão enchente sempre que chove. E tal, aquele negócio todo...”. Eu falei: Marinho, faça o projeto.

Porque, também, no Governo Federal, e o Goldman sabe disso, o Sérgio Cabral disse, para nós que governamos, se tiver um bom projeto, é difícil você negar dinheiro. Duro é quando a pessoa pede dinheiro sem ter projeto. Eu sempre digo que projeto administrativo é que nem álbum de fotografia do filho da gente: A gente vai batizar o bruguelinho da gente, tem lá um cara tirando fotografia. Aí o cara dá um cartão para a gente; a gente fala: “Eu não quero, eu não quero, não quero, vá embora!”, até mal-educado com o cara. Passa uma semana, o cara chega na sua casa batendo palma e mostra o álbum de fotografia. Você, que estava contra o álbum de fotografia, fica derretido e fala: “Só esse?”, e compra o álbum. Porque, para nós, pais, os nossos filhos são os mais bonitos do mundo, então a gente está sempre querendo agradar os filhos. Pois bem. Então, o Marinho... São Bernardo do Campo, já foi terminada a licitação de 60% da Universidade, Marinho. Eu penso que agora, para o mês de fevereiro, começa a colocar tijolo em cima de tijolo para a gente construir a Universidade Federal do ABC, porque não era justo que o ABC não tivesse uma universidade federal.

Bem, mas as outras obras, o Marinho tem que apresentar os projetos, tanto na questão habitacional, como na questão de dragagem, como na questão do (incompreensível) para construir casa para as pessoas mais pobres – aquelas que não podem pagar nada, praticamente.

Nós temos que aproveitar e fazer as coisas, o Marinho apresentar o projeto, a gente aprovar, para o Marinho poder concluir isso aqui. Porque São Bernardo é uma cidade que está atrasada. Obviamente que nós temos Mauá também, que nós temos Rio Grande da Serra, mas São Bernardo do Campo, das grandes cidades, é a que menos recebeu investimento do Governo Federal, porque o prefeito que estava aqui, parece que não gostava de



trabalhar com o Governo Federal. É uma bobagem, não tem nada mais ignorante do que isso. Porque um prefeito não pode ficar brigando com o governador, um governador não pode ficar brigando com o prefeito, um governador não pode brigar com o Presidente, o Presidente não pode brigar com o governador. Logo que o Marinho foi eleito, eu tive uma reunião com o Marinho e com o governador Serra lá no Palácio dos Bandeirantes, e eu disse ao Serra: Serra... o Barradas estava junto. Eu falei: Serra, eu quero que você trate o Marinho com um carinho especial porque São Bernardo do Campo é uma cidade que todo mundo pensa que é muito rica, e as pessoas esquecem de fazer as coisas e esquecem que lá tem muita gente pobre, trabalhadora, que precisa de todos os recursos.

Pois bem, nós temos aí um ano pela frente, tem muita obra do PAC. Nós vamos fazer o PAC número 2 a partir de março do ano que vem, portanto, vai ter mais obras para o ABC Paulista, para Osasco, para Guarulhos, porque nós também não fazemos distinção de que partido é o prefeito ou o governador. Seja de qualquer partido, ele foi governador ou foi prefeito e o seu povo precisa, a gente tem mais é obrigação de fazer sem olhar... Você não pode deixar de dar comida para um porco porque você não gosta do dono do porco. Ou seja, você precisa tratar as pessoas com o respeito que as pessoas precisam ter neste país.

E para terminar, e para terminar... Veja, para terminar, a obra do PAC, em São Bernardo do Campo, Marinho, entre habitação e saneamento básico, nós vamos fazer um investimento de 522... R\$ 532 milhões aqui em São Bernardo nos próximos anos. [Para] O VLT, já foram passados R\$ 30 milhões pelo Ministério das Cidades, R\$ 30 milhões que o Marinho esperou uns seis meses. Todos os dias me telefonava e cobrava, e eu acho que isso aqui tem que ter a parceria do governo do estado para que a gente possa dar ao povo de São Bernardo que trabalha em São Paulo condições de trabalhar, porque é um inferno, é um inferno sair de São Bernardo para ir trabalhar em São Paulo.



Às vezes a gente leva até duas horas para chegar em São Paulo, tal é a péssima qualidade das coisas que tem aqui. Então, eu espero que o Marinho possa inaugurar parte do VLT no seu governo.

Bem, e outra coisa importante. Além disso, Marinho, além disso, o Ministério das Cidades diz que tem uma quantidade de obras aqui, para quanto tempo, ô Sérgio? Para quanto tempo? Até 2012, até 2011? Não, porque estão falando aqui em R\$ 688 milhões. Este povo daqui é o seguinte... Este povo daqui aprendeu a fazer greve em [19]78. Este povo daqui sabe fazer conta. Se eu disser que nas outras obras do Ministério das Cidades, além do PAC, tem outros R\$ 688 milhões, eles vão te cobrar, eles vão te cobrar.

E quero dizer para vocês que o que a Márcia anunciou aqui, do hospital, eu sou testemunha porque moro aqui há 38 anos, que São Bernardo precisa de um hospital digno do povo de São Bernardo do Campo. É por isso que nós vamos colocar os R\$ 103 milhões para fazer um hospital para ninguém, de São Bernardo do Campo, que quiser nascer, ter que ir em outra cidade; ninguém que quiser fazer uma cirurgia na cabeça, tenha que ir em outra cidade. São Bernardo do Campo é uma das cidades que mais... depois de São Paulo e Rio de Janeiro, talvez seja uma das cidades que mais arrecada imposto para o nosso país. Portanto, fazer as coisas em São Bernardo do Campo não é fazer favor. É devolver para o povo de São Bernardo parte da riqueza que este povo deu a São Paulo e deu ao Brasil.

Meu querido companheiro Marinho, eu quero te dar os parabéns, Deus queira que a gente possa, até março, inaugurar as outras três, e até antes de eu deixar a Presidência, inaugurar as outras UPAs, para a gente ter dez UPAs aqui, em cada bairro, tranquilo, para as pessoas serem tratadas condignamente. É uma vergonha alguém ter ficado 12 anos em alojamento nesta cidade. A verdade é que uma pessoa ficar 12 anos em um alojamento significa que não houve nenhum carinho por parte do administrador público.

Eu acho que essa reparação tua, Marinho, é muito importante, e eu vou



dizer para vocês... a nossa querida, a nossa querida Presidenta da Caixa Econômica Federal, ela está aqui, e eu posso dizer para vocês uma coisa que me orgulha profundamente. Ontem o BNDES fez uma entrevista coletiva. O BNDES, Sérgio Cabral, que em 2004 emprestou R\$ 40 bilhões – emprestou, tirou do bolso e colocou na economia –, este ano fechamos novembro com R\$ 140 bilhões desembolsados pelo BNDES. A Caixa Econômica Federal... vem aqui, Maria Fernanda, porque eu não tenho o número na cabeça. Diga quanto é que a Caixa Econômica investiu em 2004 e quanto é que a Caixa Econômica está investindo agora.

Presidente da CEF: Bom, em 2004, foi em torno de R\$ 35 bilhões. Até agora, em novembro, nós já chegamos a R\$ 120 bilhões. Eu acho que tem um número, Presidente, que o pessoal vai gostar de ouvir. Todos os dias, em uma agência da Caixa, 3.500 famílias saem com o contrato da casa própria, saem com a chave da casa própria.

Presidente: Olhe, uma coisa que me dá orgulho, Sérgio Cabral, uma coisa que me dá orgulho é que nós tínhamos um presidente no Brasil que, quando foi presidente, a Caixa Econômica bateu o recorde de construção de casa própria. E eu... sabe que a história, a gente não pode negar: foi no governo do presidente Figueiredo. Foi o ano que a Caixa Econômica mais construiu casas no Brasil. Pois Vossa Excelência sabe, Vossa Excelência sabe que nós já ultrapassamos o recorde do presidente Figueiredo. Isso, até 2008. Ainda tem 2009 e 2010. E com o programa Minha Casa, Minha Vida, eu peço a Deus que a gente consiga contratar todas as casas, que são 1 milhão, até o final do ano que vem, para que a gente possa, em 2011 e 2014, anunciar mais 1 milhão de casas pela Caixa Econômica para que o povo brasileiro tenha o seu problema habitacional resolvido.

No mais, Marinho, parabéns. Parabéns aos companheiros da Secretaria



de Saúde, que tão bem trabalharam. O Raul não falou nem a Márcia, mas vocês não vão sair daqui com uma receita para comprar remédio na farmácia. Vocês vão sair daqui com o remédio para tomar. Se o médico prescrever remédio para um dia, vocês vão ter o remédio; se o médico prescrever remédio para três dias, vocês vão ter o remédio para três dias; e se ele prescrever para cinco dias, a gente vai ter o remédio. É bom o médico não prescrever para muitos dias porque, se bem eu conheço o povo, a gente toma um dia, toma dois, quando sara, a gente não toma mais o remédio. E cada casa tem um estoque de remédio velho, entulhado, que a gente guarda não sei para quê. Eu acho importante que a gente deveria, até num processo educacional, entregar um boletim para essas pessoas: se essa pessoa não tomar o remédio e esse remédio estiver sobrando, que ela trouxesse aqui de volta para a gente analisar o remédio – se está bom – e a gente pudesse dar o remédio para outra pessoa que vai precisar do remédio.

Um abraço, gente. Feliz Ano Novo e que Deus abençoe o nosso prefeito e todos vocês de São Bernardo do Campo.

(\$211A)